

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

REDATORES: — CASTRO E SILVA, J. B. MAGALHÃES, RENATO NUNES,
ALEXANDRE CHAVES E LIMA CAMARA

ANO XX

Brasil—Rio de Janeiro, Fevereiro de 1933

NUM. 225



— EDIÇÃO DE 56 PÁGINAS —

SUMARIO

EDITORIAL

- Exercitos Modernos..... 57

COLABORAÇÃO

- O realismo é fatal e imprescindivel... — Gen. Huntsinger 61
Os aviões medios nas missões de bombardeio — Cmt. Fay
da M. M. F. 65
Os Pombos Correios e a Defesa Nacional — Dr. Roberto
de Freitas Lima 69
O papel das Fortificações de Costa — General de Brigada
S. D. Embick E. E. U. U. da America do Norte... 73
Contabilidade Administrativa — 1º Ten. José Salles 76
O acompanhamento da infantaria no combate — (Tradu-
ção) Gen. Ref. Castro e Silva 82
Projeto de lei de promoções — 1º Tenente Felicissimo de
Azevedo Aveline 88
A entrega de diplomas na E. E. M. — Cap. José Faustino
Filho 90
A ofensiva francesa de 20 de Agosto de 1917 na frente de
Verdun — Cel. Baudouin 95
Alguns dados interessantes sobre a Republica Argentina —
Cap. Lima Figueirêdo 106

DA REDAÇÃO

- Tatica de infantaria 109
Convocação da assembléa geral 89
Bibliografia 111

A DEFESA NACIONAL

GRUPO DE ADMINISTRAÇÃO

Castro e Silva, Baptista de Magalhães, Renato Nunes e Alexandre Chaves (Directores); Lima Camara (Secretario); Paes de Andrade, Gervasio Duncan, Anôr dos Santos, Sayão Cardozo, Baptista de Matos, Arthur Carnaúba, Macedo Soares, Bandeira de Mello, Emílio Ribas, Octavio Paranhos, Armando Ancora, Augusto Sevilha, Decio Escobar, José Faustino, José Salles, Raul Tavares, Ismar Brasil, Muniz Barreto e Baptista Pereira.

CORPO DE REPRESENTANTES

Estabelecimentos e Repartições Militares

M. G. —	M. M. F. — Cap. Anthero de Matos
E. M. E. — Cap. Pery Bevilaqua	E. E. M. — Ten. Luiz Pinheiro
D. P. G. —	E. A. O. — Cap. Segadas Vianna
D. C. —	E. C. — Cap. Armando Ancora
Dir. M. B. —	E. Eng. — Cap. Jandyr Galvão
Dir. Eng. — Cap. Moraes Carneiro	E. Av. — Ten. Helio Brugman
Dir. Av. —	E. M. — Ten. Almeida de Moraes
Dir. Remonta —	E. S. I. — Ten. Hugo de Faria
Dir. I. G. — Ten. José Salles	C. M. R. J. — Ten. Milton de Souza
Dir. S. G. —	C. M. P. A. —
Serv. Geogr. — Cap. Castello Branco	C. M. C. —
Serv. Radio —	A. G. R. J. —
Dist. A. Costa — Cap. Victor François	A. G. P. A. —
Q. G. 1º R. M. — Cap. Annibal Andrade	F. C. A. G. —
Q. G. 2º R. M. —	F. P. S. F. —
Q. G. 3º R. M. — Cap. Carlos Analio	V. P. E. —
Q. G. 4º R. M. —	Coudelaria de Saycan
Q. G. 5º R. M. —	Idem de Rincão
Q. G. 6º R. M. — Major Lopes da Costa	Dep. Rem. — Monte Belo
Q. G. 7º R. M. —	Dep. Rem. — Canipo Grande
Q. G. 8º R. M. —	Dep. Rem. — Valença
Q. G. Cir. Militar —	

INFANTARIA

B.I. Escola — Ten. Dióscoro Gonçalves	7º B. C. —
1º R. I. — Cap. Fernandes Guedes	8º B. C. —
2º R. I. — Ten. Toscano de Brito	9º B. C. — Ten. Saul Pons
3º R. I. — Ten. Leal Ribeiro	10º B. C. — Ten. Affonso Ferreira
4º R. I. —	13º B. C. — Ten. Eduardo Regis
5º R. I. — Cap. Raphael F. Guimarães	14º B. C. —
6º R. I. —	15º B. C. —
7º R. I. —	16º B. C. —
8º R. I. — Ten. Jacintho Godoy	17º B. C. —
9º R. I. — Ten. Nicolau Fico	18º B. C. —
1/9º R. I. — Cap. Floriano de Farias	19º B. C. —
10º R. I. — Cap. Epitacio Braga	20º B. C. — Cap. Temistocles de Azevedo
11º R. I. — Ten. Mozart Dorneles	21º B. C. —
12º R. I. — Ten. Armando Carvalho	22º B. C. —
13º R. I. — Ten. Armando Alvim	23º B. C. —
1º B. C. —	24º B. C. —
2º B. C. — Ten. Almeida Magalhães	25º B. C. —
3º B. C. —	26º B. C. —
4º B. C. — Ten. Nelson de Carvalho	27º B. C. —
5º B. C. —	28º B. C. —
6º B. B. —	29º B. C. —

CAVALARIA

1º R. C. D. —	6º R. C. I. — Ten. Horacio Garcia
2º R. C. D. — Cap. Edgardino Pinto	7º R. C. I. —
3º R. C. D. —	8º R. C. I. — Ten. Aurelino Vargas
IV/3º R. C. D. — Ten. Poti Freire	9º R. C. I. — Ten. Adalberto dos Santos

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

REDATORES: — CASTRO E SILVA, J. B. MAGALHÃES, RENATO NUNES,
ALEXANDRE CHAVES E LIMA CAMARA

ANO XIX

Brasil — Rio de Janeiro, Fevereiro de 1933

NUM. 225

EDITORIAL

EXERCITOS MODERNOS...

L'histoire n'est pas faite pour les myopes.

J. de Maistre

Mais le gouvernement et l'armée sont liés par une corrélation tellement intime que les défaillances militaires passagères dépendent habituellement des défaillances gouvernementales.

(Championnet — P. Laffitte.)

Joseph de Maistre, o escritor católico de vistos tão habitualmente profundas, ao constatar que a história não foi feita para exame dos medíocres, definiu com precisão o grau de julgamento que é necessário à inteligência para poder distinguir no caso dos acontecimentos em que se debate o progresso da sociedade humana, os fenômenos determinantes dos que são acessórios ou meramente secundários. Explica ele assim também da mesma feita porque os erros se repetem tão frequentemente na conduta das sociedades humanas, isto é em política...

Não é fácil, realmente apreender as lições da história, guia e mestra da política...

* * *

De todas as instituições de que se forma a sociedade humana a mais ca-

racteristicamente social é sem dúvida a militar, porque ela deriva de nossa natureza humana, vitoriosa e predominante no reino animal. Expliquemos. O homem graças à sua inteligência e às suas tendências sociais foi o único animal capaz de organizar a guerra, sem o que não seria certamente ele o rei dos animais, o vencedor nos combates de sua existência primitiva, nas lutas próprias aos animais carnívoros.

Esta é uma noção que decorre do exame dos fatos que a História registra, da análise da natureza e mesmo da contemplação de certas criações artísticas ou poéticas dos grandes espíritos da humanidade, notavelmente das utopias, tais como as "Viagens de Gulliver" etc.

O desenvolvimento inicial da so-

ciéidade humana só foi possivel pela capacidade do homem para combater organizado em agrupamento, coordenado e convenientemente organizados.

As nações, as patrias são obra puramente da **guerra**, sem a qual não se poderiam ter constituído tais organismos nem se poderiam ter desenvolvido as industrias, mesmo as mais elementares e pacificas de nossa especie.

A **guerra** foi, pois, um instrumento de progresso, e suas organizações ainda hoje o são desde que se adaptam ás necessidades e contingencias da vida moderna.

A preparação para a guerra, quando inteligente e honestamente encarada exerce uma ação fortemente educativa. Ela exige **subordinação** e **independencia**, donde desenvolvimento do **espirito de disciplina** voluntaria e conciente. Crê a necessidade de **cooperação** sem a qual é impossivel obter-se sucesso em qualquer operação de objetivo determinado.

Basta meditar um pouco, deter uns instantes a atenção sobre os fatos da guerra para se vêr quanto são poderosos os seus processos educativos, quanto o preparar-se de **fato para sua eventualidade** retempera o caráter, pois o sentimento do valor **individual** e do **valor coletivo** se desenvolvem ao maximo por suas praticas. Conta-se que Henrique II, de França, tendo tentado num **Conselho** impedir o conde de Montbrun de falar, este retrucou-lhe: "Sire, quando se tem assento sobre a sela é-se companheiro". Nossos grandes generais, nunca foram sabujos ou instrumentos passivos de vontades desregadas: Ao contrario, são numerosas, notavelmente em relação a Osorio, as anedotas donde ressaltam a **disciplina**

e **independencia moral** em que viviam.

Gestos analogos ao de Montbrun foram frequentes no Imperio, quando apesar de certas deficiencias tecnicas de alguns sobejava o valor de experiencias feito de outros e o sentimento da dignidade militar na alta hierarquia.

Não são, portanto, a guerra em si e suas instituições contrarias ao progresso nem com ele incompativeis.

Como assoalham certos espiritos ligeiros crentes de deterem a verdade das coisas. A unica condição necessaria para que, ao contrario, sejam elas instrumento poderoso desse mesmo progresso humano, é que sejam empregadas por uma politica assimiladora e não devastadora.

Enquanto as guerras romanas, especialmente as de Cesar, creavam o mundo moderno e tornavam possivel a tentativa da **catolicidade**, as de Atila tudo tendiam a arrasar e destruir.

Na sociedade moderna, **mutatis mutandis**, o fenomeno é o mesmo. A politica é quem torna a guerra e suas instituições uteis ou nocivas.

* * *

Nos paizes novos como o Brasil, já em nossas paginas havemos inumeras vezes referido, a **instituição militar** quando honesta e inteligentemente organizada e estilisada, é não só um elemento necessario á **ordem** e á **defesa da patria**, como tambem o mais forte instrumento de que podem dispor os governos para promover o progresso geral. Pondere-se apenas que a guerra exige vias de comunicação numerosas e logicamente organizadas, transportes rapidos e intensos, industria e agricultura desenvolvidas; cultura fisica, intelectual e civica no mais alto grao; etc. etc. e

se ha de constatar imediatamente que a **preparação** conciente de uma nação para fazer face á eventualidade de uma guerra, politicamente justificavel, não contraria seu progresso e antes o favorece.

Num país como o Brasil as cogitações da defesa nacional, no ponto de vista de sua preparação militar, fornecem aos governos um excelente espirito de coordenação de seus esforços. Basta que ajam sinceramente.

No momento ainda atual, é uma tal **idéa**, o unico elemento mesmo capaz de corrigir de fato e definitivamente os erros da politica, entre os quais cumpre citar:

— imigração forçada e mal repartida, tendendo a quebrar a **harmonia** das **características nacionais** existente entre os povos das diversas regiões do país, a qual é um dos mais legítimos títulos de gloria da raça portuguesa; — rede de comunicações incoerente no ponto de vista nacional, artificialmente concebida e sem obedecer a qualquer plano geral lógico, quanto ao seu traçado e á sua organização em geral;

— desenvolvimento excessivo do espirito regionalista agravado pela ausencia de uma **politica geral** suficientemente energica tal como seria a que assentasse na concepção da defesa nacional nas diversas emergencias mais provaveis de se apresentarem;

— estímulo artificial e ilógico ao desenvolvimento de questões sociais, de fato ainda inexistentes no Brasil e que se podem evitar; não, copiando servilmente o que se passa no estrangeiro, mas orientando a conduta para evitar os erros que se cometem lá;

— finanças sem objetividade claramente definida e sem espirito de continuidade;

— economia artificial e ilogica, com desprezo das condições proprias do país e dos mercados mundiais;

— em todos os ramos da atividade governamental, falta de **realismo**, de coordenação, de previsão e de continuidade.

Em consequencia de tais defeitos de politica, surge para nós um progresso anarquico, constantemente perturbado por crises e comoções de toda a sorte, exotismos e reações mais ou menos violentas, diminuindo consideravelmente na amplitude que poderia revelar por toda parte.

Que seria hoje o Brasil se nele houvessem predominando ha meio seculo sabedoria e sinceridade?

* * *

Mas as instituições militares para poderem dar rendimento apreciavel como fatores de progresso precisam ser **logicamente** organizadas e intelligentemente empregadas. Assim não sendo podem até tornar-se perigosas por se converterem em elementos de desordem ou crearem tendencias retrogradas.

Não sendo bem aparelhadas, preparadas em todos os seus elementos, tratados com equilibrio justa proporção, de acordo com a previsão de uma guerra eventual, possivel, que justifica a existencia delas, definham, deformam-se, perdem suas características e não mais produzem os beneficios efeitos de que são capazes.

Os elementos que as constituem são de ordem material e de ordem moral. Estes têm nelas uma importancia preponderante absoluta e refletem imediatamente de modo intenso qualquer **mal estar nacional**.

O **elemento moral** reside sobre tudo na **hierarquia**, isto é, nos quadros hierarquisados das forças militares, sem os quais não é possivel conceber

a existencia mesma dos Exercitos, como aliás de qualquer corpo social ativo.

E' preciso, então, que esta seja constituída de modo a ser espontaneamente aceita, reconhecida, por todos que a ela devem subordinar-se num momento dado, sem o que não prevalecerá sobrevinda a crise em que deve essencialmente agir.

Constituir, pois, uma **hierarquia de valores positivos** é a principal e a maior responsabilidade moral e de fato dos governos em matéria de organização da defesa nacional, porque a eficacia do resto daí decorre.

No ponto de vista que predomina sem competição nas instituições militares, o criterio unico admissivel para a formação dos quadros hierarquizados, é o valor tecnico profissional, nele compreendendo-se a existencia de vigor fisico, vigor moral, cultura intelectual e cultura profissional. Sem essa base a hierarquia é falsa, não tem prestigio moral nem inspira confiança aos que devem obedecê-la.

Abre falencia deante do inimigo.

Tal é a importancia de uma hierarquia militar bem constituída, que pelas ações dos governos para sua formação e desenvolvimento de seu valor, podem-se aferir o grau de sua competencia e honestidade politicas.

* * *

A hierarquia militar moderna requer uma preparação cuidadosa mais do que nunca, em face da natureza das guerras modernas e dos meios de que esta lança mão; e tendo em vista que os fatores principais da vitória são **rapidez de ação ACERTADA** e **surpresa**, ambos decorrentes essencialmente da **capacidade** dos chefes militares, conforme os meios de que dispõem.

Nunca se improvisaram **chefes militares**, nem se os fizeram por simples decretos. outr'ora formavam-se eles nos proprios campos de batalha. Hoje precisam aí aparecer já formados. As **escolas** para os diversos graos hierarquicos, os trabalhos continuos de instrução; as manobras e exercícios constantes; uma seleção rigorosa nas promoções e na designação para os diversos cargos; o estudo, a meditação, o trabalho individual cujos resultados se constatam na conduta publica dos individuos, são o criterio unico pelo qual os governos podem assegurar a defesa nacional sem perigo e sem ilusões que podem levar a nação a catastrofes.

A competencia dos quadros é imprescindivel. Só ela é capaz de suprir certas inferioridades da preparação material ou das más condições com que se empreenda uma guerra.

Que teria acontecido á França em 1914 se Joffre, os E. M. e as tropas francêses não tivessem sido capazes da manobra do Marne?

* * *

Si os governos e os exercitos são ligados por uma correlação de tal modo intima que as fraquesas militares sempre derivaram das fraquesas governamentais, é justo dizer-se que um governo define sua capacidade politica e o grau de comprehensão que tem de seus deveres para com a Patria, quando atua sobre a formação da hierarquia militar.

Os erros aí cometidos têm repercussão duradoura e profunda e podem causar ruina da Patria si sobrevierem **crises**, na previsão das quais existem as instituições militares. Elas são sempre dificilmente reparaveis; nunca, porém, sem graves sacrificios para a fortuna e o bem estar publicos.

O REALISMO É FATAL E IMPRESCINDIVEL...

Pelo Gen. Huntsinger

Chefe da M. M. F.

NOTA — O presente trabalho é um discurso da lavra do General Huntsinger traduzido e lido na solenidade de encerramento dos cursos anuais da E. E. M., pelo Major J. B. Magalhães.

Meus Senhores!

Caros amigos!

Não devesse eu ir á França, embora por breve prazo e não me veria agora privado de ainda, como no ultimo ano, falar-vos de viva voz nesta cerimonia de encerramento de vossos cursos, o que constituiria para mim nimia ventura.

Para não na perder, porém, de todo corro á obsequiosidade de um dos vossos camaradas, trazendo-vos aqui por seu intermedio meus pensamentos de além mar.

E' fóra de duvida, meus Senhores, o grande reconhecimento que me domina pela hospitalidade tão nobre e generosa com que vosso país acolhe vossos camaradas da Missão Militar Francêsa, mas confesso que foi nesta Escola de Estado Maior, a qual é tambem vossa Academia de Guerra, onde melhor senti o encanto e melhor me apercebi do valor dessa hospitalidade.

Existe aqui uma atmosfera de confiança e de trabalho, que muito vos honra. Ela permite que todas as opiniões sejam livremente discutidas, sem prejuizo da observancia do regulamento e do devotamento á tarefa quotidiana que é a regra.

Vosso Comandante da Escola, o General Cristovão Barcelos esforça-se em facilitar a todos a respectiva tarefa, com sua competencia e amabilidade costumeira.

Sintetisando, a Escola de Estado Maior, bem preenche sua tarefa, sob a direção técnica do eminente Coronel Baudouin. Ela cumpre o destino para que foi creada. Com agrado o constato e julgo um dever fazelo deante as altas autoridades do Estado.

* * *

Agora, senhores, desobrigado d'esta agradavel tarefa, peço-vos alguns momentos de atenção.

Quero convidar-vos — não a discutir neste momento tatica ou estrategia — mas a filosofar um pouco, colocando-nos em um ponto de vista mais geral.

Mas serei prudente. Bem sei que um escritor notavel, cujo sucesso aumenta dia a dia, Emilio Ludwig, em seu recente estudo sobre Mussolini, constatou:

"Jamais ouvi dois oficiais filosofar ou dois pensadores lutar a box, si bem que nenhuma, nem outra de tais cousas seja impossivel".

Não tenho, portanto, a pretenção, depois de um tão perentorio e desanimador julgamento, de galgar em vossa companhia escarpados cimos de altas especulações. Serei mais modesto. Contentar-me-ei, valendo-me de minha propria experencia pessoal, em procurar determinar o valor pratico que se pôde atribuir ao diploma conferido hoje aos que terminaram o curso e, consequentemente, o do ensino, de ha 13 anos a esta parte, ministrado pela Missão Militar Francêsa, nesta Escola.

Este diploma de Estado Maior, este ensino, teem eles especiais e intrinsecas virtudes?

Teem eles o poder magico de vos garantir vitoria infalivel em caso de conflito?

Evidentemente assim não é. Como, então, haveis de empregar os recursos aqui adquiridos, quando voltardes ás vossas ocupações normais e tiverdes de enfrentar as realidades por vezes bem diferentes dos quadros em que tendes labutado durante os três anos vividos nesta Escola?

Bem vedes a que nos propomos. Trata-se apenas de determinar a maneira pela qual podereis tirar partido da bagagem intelectual que daqui levais.

Não pensais, como eu, que vale a pena meditar sobre isto alguns momentos?

* * *

Antes de mais nada, permiti que vos relate uma pequena historia, que é uma recordação pessoal.

Em 1927 comandava eu tropas francêses de ocupação no Norte da China. Nessas condições varias vezes foi me dado en-

sejo de encontrar-me com Tchang Tso Lin, Marechal e poderoso senhor da Mandchúria. Ele imperava nessa oportunidade sobre mais de cem milhões de vidas humanas daquela região.

Os Exercitos de que dispunha somavam cerca de 500.000 homens e custavam muito caro. Residia em Pekin. Vivia na cidade interdita, envolto por um aparelho de segurança verdadeiramente impressionante. Ao fundo de seu refugio chegavam-lhe relatórios de seus generais que lhe anunciam as derrotas sucessivas então sofridas.

A situação tornava-se alarmante.

Um belo dia fez-me saber que desejava entreter-se secretamente comigo. Apressei-me logo em atender a este discreto chamado.

Vi-o, depois de haver transposto numerosas linhas de sentinelas, naquele mesmo palacio que abrigou a ultima Imperatriz da China, cheio de comoventes recordações.

Confessa-me seus dissabores. Queixa-se de seus generais, entre os quais seu filho, esse mesmo Tchang Hsue Liang que ha pouco ainda, antes do Japão haver posto a mão sobre a Mandchúria, era o poderoso ditador nesse imenso país.

Que fazer?... Ele hesita em falar, mas vendo-me prudentemente mudo, arrisca sempre: "Confio em vós. Sêde amigo. Indicai-me o meio seguro, dê-me uma receita infalível, para que a vitoria retorne ás minhas fileiras"!

Esta a maneira ingenua, infantil, por que o Ditador comprehendia a ciencia militar.

Não hesitaria ele em empenhar todos os recursos financeiros de que dispunha, do qual se pode fazer uma idéa, considerando que seu orçamento montava a mais de 100.000.000 de dollars, na compra de armamentos de engenhos novos que lhe assegurasse decisivos sucessos!

Desapontou-o, porém, minha resposta.

Não acreditou certamente quando lhe assegurei que não havia remedio infalível em tal materia.

Seria evidentemente muito simples!

No fundo, porém, este chinez nada mais fazia do que externar de forma simplista a mesma idéa, o mesmo pensamento que avassala outras gentes as quais as de maior cultura, sempre que a guerra ensanguenta suas nações e quando seus metodos de investigação normal, de base mais ou menos científica, abrem falencia.

Para uns, de fato, a panacéa miraculosa da vitoria nada mais é que o poder acionar grandes efetivos, desencadeados como vagas imensas que tudo submergem ou a maneira de nuvens de gafanhotos. Lembremo-nos das esperanças postas pelos aliados de 1914 a 1916 nos grandes efetivos russos construídas sobre esse famoso "rolo compressor" que deveria tudo arrazar e nivelar em sua passagem irresistivel!

Para outros, sobrevinda a crise, as esperanças se assentam no sucesso de intervenções mais ou menos miraculosas, no aparecimento de uma Jeanne d'Arc, que fará esboroarem-se as colunas do Templo dos adversos. Os *madhis*, os *profetas*, exemplificaram esta concepção que se poderá ainda verificar num país onde o culto de um homem se transforme em idolatria.

Para muitos outros, enfim, — os mais numerosos — a panacéa universal é o material. Sobre esta questão ha muito a dizer na atualidade, mas apenas nesta simples palestra posso esboçar-lhes alguns aspectos. Quantas idéas falsas, quantas ilusões espalhadas em todos os meios!

Crê-se geralmente — e não sem razão — que quanto mais aperfeiçoado é o material de que um Exercito dispõe, mais este é forte. Isola-se muitas vezes porém, assim raciocinando, o problema do material, da organização e da instrução militares. E aí começa-se a errar.

Si se atribuem de boa mente ao material virtude proprias, intrinsecas, por que rete o curso da imaginação — esta louca — em meio do caminho?

Evoquemos o Cavalo de Troia, cantado por Homero! Elefantes de Aníbal em pregados por surpresa! Os Fogos gregos A Turpinita, o explosivo de Turpin que em 1914 pulvisaria os Exercitos Alemães! E os gazes!... E as irradiações eletricas que parariam a distancia os motores!... Sim, verdadeiramente, imaginação por que te deteres?

Mas tornemos á realidade e vejamos os fatos á luz da experiência do passado.

Antes de tudo, consideremos que material é o material aperfeiçoado mais é difícil de ser bem manejado, e mais exige instruções que o empregam. O fuzil que atira 4.000 metros possue uma precisão tal que nas mãos de um mediocre atirador, não tem probabilidade alguma de atingir o alvo mesmo que a distancia seja conhecida, a passo que em uma arma cuja trajetória se

ja menos tensa os erros de visada cometidos terão muito menor amplitude.

Para atirar eficazmente com artilharia, a distancias maiores do que aquelas em que é possivel a observação direta, isto é, a distancias superiores á 4 ou 5 Kms. é preciso fazer calculos delicados e possuir informações sobre todos os elementos determinantes da trajetoria. Para que servem então canhões, atirando a 12 e 15 Kms. se não se podem realizar as condições necessárias á sua boa utilização?

Isto posto, compenetremo-nos de que um material deve **adaptar-se** ás características das regiões, onde seu emprego é provavel e por consequencia á doutrina de guerra dos Exercitos que o utilisam. Nos países de regiões as vezes dificeis e de comunicações pobres como o Brasil, os materiais pesados e frageis devem ser proscritos; suas qualidades preponderantes devem ser a **mobilidade** e a **rusticidade**.

Quando os técnicos, como os ha em qualquer **comissão** de qualquer país, deixam-se seduzir em suas preferencias pelos mecanismos engenhosos que podem produzir maravilhas nos campos de tiro e de experientia; quando não teem eles na mais elevada consideração as condições taticas do emprego do material cometem o mais grosseiro e perigoso dos erros. Os mais aperfeiçoados materiais podem assim produzir os mais amargos dissabores.

Vêde a tão controvertida questão entre a organisação e o emprego da aviação.

Não descobriram recentemente certos espiritos audaciosos que a aviação, arma ofensiva por excelencia, agindo independentemente das forças de terra e mar, si for bastante numerosa e dispuser de liberdade e de espaço, poderá obter a vitoria pela depressão moral que seus bombardeios produzirão infalivelmente no inimigo?

Assim sendo, os Exercitos e as Armas das nada mais fariam que consagrari os sucessos obtidos por ela, a aviação, tornada então arma principal!

Esta teoria que exagera as cousas em excesso, acaba de obter grande voga. E, como coincide com o desejo muito legitimo dos aviadores em ver enriquecerem-se seus efetivos; e com os desejos, não menos legítimos dos fabricantes de aviões em vender seus produtos, é provavel que tão cedo não desapareça e não seja enterrada como tantas outras. Mas quem não comprehende des-

de logo — examinando a sangue frio tal teoria — o que ha de arriscado, de inquietante, para um país em confiar desse modo o principal cuidado de sua defesa nacional a uma arma cuja importancia devemos altamente proclamar, mas cuja aptidão para desempenhar sozinha tal papel está, em todo caso, longe de ter sido demonstrada?

Para o país que adote semelhante teoria a aviação será a panacéa da vitoria de que ha pouco vos falei. Não será ela ainda uma ilusão?

* * *

Pois bem, senhores, convenhamos; não ha droga especifica para obter a vitoria.

Jamais vo-la recomendariamos na Escola de Estado Maior. Vossos professores, si bem que por força das circunstancias tenha o ensino de se desenvolver nos limites de um quadro teorico, teem trabalhado e discutido comosco objetivamente deante da carta e no terreno, esforçando-se por vos doar uma doutrina e em vos familiarizar com um metodo de valor real.

Dentro em breve, porém, tereis importantes funções a desempenhar quer nos Estados Maiores, quer nos diversos escalões do comando. Tereis de preparar ou de tomar decisões cuja repercussão sobre o valor de vosso Exercito podem ser das mais sérias.

Que vos orientará então?

Sem duvida alguma guiar-vos-á a bagagem intelectual adquirida nesta Escola, enriquecida depois por vosso esforço todo de caráter pessoal.

Mas devo chamar vossa atenção, do modo mais insistente, sobre a necessidade de nunca abandonardes o espirito objetivo a **objetividade**, de só construirdes sobre o que é real — de vos defenderdes das ilusões!

E' que, si de fato não existe receita unica para a vitoria, ha, ao contrario, numerosas e imperativas condições a realizar desde o tempo de paz para se poder licitamente esperar obter exito em tempo de guerra.

A maquina militar torna-se dia a dia mais complexa. Para ser montada e poder funcionar harmoniosamente ela requer cerebros poderosos e vontades solidas.

De que serviria o saber que adquiris numa Academia de Guerra, se por falta de instrução e organisação nas formações do Exercito, devessem ficar letra morta vos-sas concepções as mais sedutoras?

Para que serviriam numerosas tropas bem equipadas si vossas vias ferreas não pudessem transporta-las em tempo útil; si vossos feridos desde os primeiros embates contra o inimigo não pudessem ser evacuados, si os cofres de munições e órgãos de apropriação não pudessem ser re-completados?

Para que serviriam o valor e sacrifícios de vossas tropas si vossas fabricas não lhes pudessem fornecer os cartuchos e granadas necessários; si estoques suficientes não houvessem sido constituídos, si a mobilização industrial e seu corolário natural — o plano de importações — não tivessem sido previstos e preparados?

A montagem e o funcionamento de toda essa engrenagem exigem, continuidade de vistas e de programas, resultantes de um trabalho perseverante de previsão. Constituem um grande esforço que cabe a vós, com vossos camaradas já diplomados de Estado Maior despende; esforço que se resume em conceber, propor e, em caso de necessidade, dirigir!

Recordai-vos, então, nada haver de mais perigoso na paz como na guerra do que a dispersão de esforços, do que as ilusões!

Lembrai-vos também que hoje, nem só o saber profissional é bastante. Meditai, a tal respeito, algumas palavras do ilustre Marechal Foch, contidas em suas Memórias:

"A medida que se engrandece o domínio da guerra, deve-se alargar o espírito dos que a fazem. Não pode mais o oficial de real valor contentar-se com um saber profissional, com conhecimentos relativos à conduta das tropas e à satisfação de suas necessidades, nem pode ele viver apartado no mundo.

Em tempo de paz são as tropas a parte viril e jovem da pátria; em tempo de guerra a nação em armas. Como sem um constante comércio com o espírito que a anima poderia ele explorar seus recursos? Como, sem um certo saber moral e político, sem conhecimentos históricos que ensinem a vida das nações no passado e a expliquem no presente poderia ele presidir aos fenômenos sociais, característicos das guerras modernas?

Ainda uma vez, a perícia técnica já não basta mais! É preciso juntar-lhe uma grande cópia de outras faculdades. Mais facilmente aliás, compreenderá o oficial que seu

espírito e seu caráter melhor se preparam para a guerra futura, e que sua carreira se faz mais agradavelmente em tempo de paz, si com um perfeito sentimento de disciplina, ele se mantiver por uma inteligência vivamente alertada a altura das circunstâncias e dos problemas que se lhe apresentarem. E compreenderá mais facilmente que o fará assim melhor do que vivendo unicamente a vida da caserna e deixando-se sitiar pela idéia de galgar os escalões da hierarquia, sem ter de demonstrar uma capacidade crescente".

* * *

Estou convencido, senhores, de nada vos haver dito que não o conheçais já, e de só vos haver recordado "verdades primárias". Entretanto é com verdades desta ordem que se fazem os mais sólidos alicerces, onde assentam os grandes, os edifícios duráveis.

Desculpareis certamente que me houvesse sobre estas cousas alongado um pouco.

Em minha carreira militar, já longa, no decurso da qual desempenhei as mais diversas funções, em todas as latitudes e em face das tarefas mais variadas, muitas vezes preocupei-me com os problemas militares com que vos familiarizareis aqui.

Desejaria por isso fazer-vos participar de minha firme convicção de que um país só colhe em tempo de guerra os frutos do que preparou em tempo de paz, a de que na guerra não existem milagres.

Tem-se muitas vezes falado, é verdade, do milagre do Marne, mas esse respeito peço que se não olvidem as Memórias do Marechal Joffre antes de tirar uma conclusão.

Terminando. É preciso ver as cousas com simplicidade e justeza; nada desrespeitar do que interessa a preparação da guerra em qualquer domínio, e fazer um esforço constante de adaptação dos meios às necessidades.

O papel do oficial de Estado Maior é muitas vezes ingrato, não é, porém, destinado de grandeza.

Conheço-vos bastante, senhores, para ter a certeza de que assim o compreendeis e de que nenhum sacrifício pessoal poupareis em prol do interesse geral de vosso Exército, garantia da tranquilidade e da honra de vossa Pátria.

Os aviões medios nas missões de bombardeio

Pelo Cmt. Fay da M. M. F.

Pode-se, na hora atual, ter fé na aviação média de bombardeio — ainda chamada de bombardeio diurno — e esperar da sua intervenção na batalha, desde os primeiros dias da hostilidade, resultados que compensem largamente os sacrifícios consentidos? Será preciso, ao contrário, seguindo a opinião de certas autoridades das mais competentes, admitir que a aviação de caça e a A. A. A. conseguirão interdizer definitivamente o acesso dos aparelhos de bombardeio diurno no campo de batalha e nas retaguardas deste e que, por conseguinte, nada justifica a existência dum tal arma de luxo?

A questão é de capital importância visto que, resolve-la num ou outro sentido é: ou imobilizar sem proveito um pessoal de elite e um material caro ou então assegurar desde o começo das operações uma superioridade talvez decisiva.

O fim a que nos propomos nas poucas páginas que se seguem é examinar sucessivamente as dificuldades encontradas atualmente na execução das missões de bombardeio diurno, os processos elaborados para o seu triunfo e, enfim, as modificações que se pode entrever desde já, sob o duplo ponto de vista técnico e tático, no emprego dessa sub-divisão da arma de aviação.

AS OBJEÇÕES

O Regulamento para os Exercícios e o Combate da Aviação define como se segue as missões da aviação de bombardeio:

“Na batalha, ela executa, no quadro das operações, ações de destruição e de inquietação; completa e prolonga a ação da artilharia tomado a sua conta os objetivos longínquos e os situados em zonas desenfiadas; pode, em caso de perseguição de inimigo em retirada, contribuir largamente para o sucesso decisivo aumentando e provocando o panico de uma tropa já em fuga... Pode desfilar na aviação adversa golpes particularmente eficazes atacando-lhe as instalações e os campos, desempenhando assim importante papel no combate aéreo. A sua ação longe, nas linhas

inimigas, afirma a supremacia aérea contra o adversário”.

Deixemos de lado a questão do bombardeio noturno cuja eficácia ninguém contesta; não resta menos que a aviação de bombardeio será chamada a executar, de dia, conforme as necessidades do comando e as flutuações da luta, missões particulares em vista das quais ela deve ser especialmente trenada desde o tempo de paz, reservada em tempo de guerra e provida de material especial. Os seus detratores não deixam de criticar esta especialização em vista de um emprego problemático aos seus olhos.

“No começo das hostilidades, dizem eles, o comando não terá todas as unidades de aviação disponíveis para a busca de informações, afastada e aproximada, indispensável para lhe permitir montar a sua manobra; desde as primeiras tomadas de contacto, uma parte da aviação deverá satisfazer os múltiplos e incessantes pedidos dos comandantes das grandes unidades, enquanto o resto desenvolverá a sua atividade na execução de reconhecimento cada dia mais difíceis e custosos. Desde então, para que fim imobilizar, esperando ocasiões fúgidas, um material e um pessoal que poderiam ser empregados tão utilmente noutras missões? Por que dispersar a priori os esforços da aviação e alterar o princípio da economia de forças em benefício do bombardeio?”

Indo ainda mais longe, certos críticos pretendem valer-se dos ensinamentos da guerra 1914-18 para negar qualquer possibilidade de execução de bombardeios aéreos diurnos; os seus principais argumentos são os seguintes:

1º) O bombardeio diurno, para que seja verdadeiramente eficaz não deve ser desencadeado contra objetivos moveis senão quando se tem informações precisas que só podem ser obtidas pela aviação de reconhecimento ou de observação; ora, um lapso de tempo bem apreciável sempre se escoará entre o momento da colheita da informação e o da execução do bombardeio; dados os meios de transmissão de que a avia-

ção dispõe atualmente, deve-se recuar que a informação só chegue, muitas vezes, demasiado tarde; a hora da intervenção eficaz do bombardeio estará, portanto, passada de muito tempo, quando os aparelhos surgi-rem sobre os objetivos.

2º) A aviação de bombardeio diurno deve fazer face a dois adversários; a aviação de caça e a A. A. A.; para se defender do primeiro, ela deve adotar desde a partida e conservar até a entrada nas linhas ami-gas uma formação cerrada; assim proce-dendo oferece à A. A. A. um alvo idéal. A necessidade do **vôo grupado** interdiz-lhe qualquer desvio de velocidade ou de dire-ção, qualquer evolução rápida; assim tudo permite crer serem tais progressos obtidos no alcance, velocidade de tiro e métodos de emprego do material da A. A. A., que tornam muito aleatoria a intervenção do bombardeio na batalha.

3º) Emfim, admitindo mesmo que al-gumas esquadrilhas consigam penetrar por surpresa nas linhas adversárias, os resulta-dos dos tiros efetuados serão tão compro-bantes como certas pessoas o imaginam? Que preciso se pode esperar de bombar-deios efetuados sob a dupla ameaça da aviação de caça e da A. A. A., a altitude muito elevada?

Tais são, em resumo, as principais ob-jeções levantadas contra a necessidade de uma aviação de bombardeio diurno. Nós as expuzemos pormenoradamente e, acre-ditamos, sem nada haver omitido.

AS POSSIBILIDADES ATUAIS

Se a aviação de bombardeio diurno tem detratores, tem também partidários con-vencidos. Sem querer adotar inteiramente a teoria do General DOUHET que vê na aviação de bombardeio diurno o fator úni-co da decisão, convém reconhecer que to-dos os regulamentos de emprego tático pu-blicados sob a influencia imediata das li-ções da guerra 1914-18 reservam larga parte à sua intervenção na batalha. E' em 1918, com efeito que a aviação de bombardeio diurno francesa, pela primeira vez pôde ser empregada em massa suficiente para a obtenção de resultados indiscutíveis; dois exemplos históricos serão suficientes para ilustrar essa asserção:

— a intervenção da 1ª D. Ae. — caça e bombardeio diurno — em Março de 1918,

na frente NOYON — MONTDIDIER re-tardou consideravelmente a marcha das colu-nas alemãs, deslocando os comboios, constrangendo as unidades a deslocamen-tos esgotantes. Permitiu assim ao alto com-mando francês ganhar o tempo necessário para o transporte de reservas, opôr ele-mentos frescos aos corpos de exploração alemãs e impedir assim a transformação de um revez tático em derrota estratégica;

— a 15 de Julho do mesmo ano, LU-DENDORF desencadêa a famosa "Frien-desnturm"; um exercito alemão consegue transpor o Marne entre CHATEAU-THI-ERRY e DORMANS e progredir cerca de 5 kms. para a margem S., obtendo assim importante sucesso tático; a artilharia se revelou impotente para deter a progressão continua; a 13ª Esquadra francesa de bom-bardeio diurno consegue, desde a tarde de 15, destruir duas pontes de ocasião lançadas sobre o Marne pelos alemães, acaba no dia seguinte a destruição de uma terceira e anula dia a dia as tentativas de restabe-lecimento das mesmas. A 20, isto é 5 dias depois, as tropas alemãs evacuam o terre-no conquistado e recuam para a margem N. do Marne "cujo vale, segundo as pro-priias expressões dos relatórios oficiais ale-mães, estava transformado num verdadeiro inferno".

Estes dois exemplos, colhidos entre va-rios outros, prova suficientemente a impor-tância assumida pela aviação de bombar-deio diurno nos últimos meses da guerra 1914-18 e em episódios decisivos nessa cam-panha; pode-se afirmar que as esquadras de bombardeio conquistaram nesta ocasião, aos olhos de todos os combatentes, os seus fóros de nobreza.

Certamente, trata-se de fatos passados, mas pareceu-nos útil recordá-los para bem mostrar que em 1918 a aviação de bombar-deio correspondeu plenamente às esperanças nela depositadas e aos sacrifícios con-sentidos para a sua constituição.

E' preciso não esquecer que naquel-epoca os exercitos que se defrontavam dis-punham, a traz da frente estabilizada, de nu-merosas esquadrilhas de aviação de caça e potente defesa anti-aérea; não obstante tudo isto, as unidades de bombardeio pu-deram geralmente levar a bom termo as suas missões. Essa situação excepcional-mente desfavorável à intervenção do bom-bardeio diurno, não é, de modo algum, com-

paralelo á que existiria atualmente no caso de **abertura de hostilidades** entre duas nações quaisquer.

Nos primeiros dias de guerra, os aparelhos atravessarão facilmente as malhas pouco cerradas da rede de defesa e poderão atingir objetivos situados muito alén das retaguardas da zona de contacto; poderão atacar, com as probabilidades de sucesso quer objetivos fixos conhecidos com antecedencia, — estações, pontos importantes da zona de cobertura e concentração, — quer objetivos moveis: — tropas surpreendidas nas zonas de acantonamento ou de desembarque, — etc.

A instalação dos postos de espreita, a tomada de posição pela A. A. A. acarretará demoras que se pode avaliar em varios dias; o pessoal das formações de defesa aerea deverá ser trenado, aprender a utilizar um material bastante complicado; a aviação de caça, em quantidade sempre insuficiente, deverá fazer face a uma triplice missão:

- destruição da aviação inimiga,
- proteção da sua propria aviação de observação,
- ataque da aviação de bombardeio.

Estando assim dispersos os meios de defesa, ou pouco em condições, a aviação de bombardeio atingirá pelo menos uma parte dos seus objetivos; obterá, pois, resultados materiais tanto maiores quanto melhor tiver sido ela trenada em tempo de paz, mediante repetidos exercícios de tiro e de navegação, e resultados morais indiscutíveis, colocando as tropas numa atmosfera de continuo temor, desde a sua entrada na zona de concentração. A intervenção da aviação de bombardeio diurno poderá se reproduzir em condições analogas, com as mesmas probabilidades de sucesso quer num novo teatro de operações quer contra um adversario constrangido em terra a uma retirada precipitada; assim a aviação de bombardeio diurno surge como arma indispensavel no começo e no fim de um periodo de operações; ela prepara o sucesso dos exercitos de terra, fica em condições de explorar o sucesso destes. Estas possibilidades de emprego, por si sós, seriam suficientes para justificar a existencia de uma aviação especialmente trenada nas missões de bombardeio diurno.

Vejamos agora se a sua intervenção se-rá ainda possível quando os **exercitos esti-**

verem em contacto, todos os seus meios dispostos.

Desta feita, a aviação de bombardeio choça-se contra duas dificuldades:

- 1º) **a busca de objetivos e a exploração das informações.**

— A aviação de bombardeio só atacará de dia os objetivos moveis ou fixos que escapam á ação da artilharia de grande alcance, sob a condição de que estes fiquem situados a uma distancia bastante aproximada das linhas de modo que lhe permita efetuar o bombardeio antes de ter tempo de ser alcançada nas linhas inimigas pela aviação de caça adversa; ser-lhe-á preciso, pois, que se ache pronta a aproveitar qualquer ocasião favoravel, visto que os objetivos moveis ficam vulneraveis por pouco tempo, e que esteja apta a operar o mais rapidamente possível.

Somos assim levados a conceber que a aviação de bombardeio organizará por si mesma as buscas de informações que lhe interessam; o melhor processo consiste em dar golpes de sonda repetidos nas linhas inimigas, quer por um pelotão de aviões de bombardeio aligeirados, quer mesmo por um pelotão de aviões de caça postos á disposição do comando da aviação de bombardeio, e munidos de postos emissores de T. S. F. Um desses processos foi experimentado no decurso das ultimas manobras francesas e satisfez; os resultados mais sensiveis foram:

- ganho de tempo na busca de objetivos;
- apreciação mais precisa da importancia relativa destes.

2º) **A aviação de caça e a A. A. A.**

As formações de bombardeio empregadas nos ultimos meses da grande guerra — coluna de grupo ou mesmo de regimento — apresentavam uma excelente defesa contra a aviação de caça inimiga; mas, sua manobra no ar, no caso de mudança eventual de objetivos, era delicada e, além disso, ofereciam por sua propria massa, alvo apreciavel á A. A. A.

Os progressos tecnicos realizados desde 1918 permitem dispor atualmente de aviões médios de bombardeio, rápidos, melhor defendidos e susceptiveis de evoluir a alta altitude.

Desde então, para tirar partido dessas novas qualidades, impõe-se nova tatica de combate. As pesadas e lentas colunas ae-

reas vão se suceder pelotões de 3 aviões, que seguem itinerários diferentes e operam mesmo a altitudes variadas, obrigando assim o adversário a dispersar os seus meios de defesa; estes pelotões poderão quer se reagrupar no objetivo quer se suceder por vagas (2-3 pelotões) a intervalos muito reduzidos, 2 minutos, obtendo assim o efeito da massa que se deve procurar sempre no bombardeio aéreo. Executado o bombardeio as patrulhas procuram as linhas, o mais rapidamente possível, segundo itinerários fixados previamente.

MELHORAMENTOS POSSIVEIS

Acabamos de ver que, no estado atual das coisas, uma aviação de bombardeio é capaz de cumprir, durante o dia, sua missão, na zona do campo de batalha e nas retaguardas imediatas dos exercitos.

Será possível melhorar ainda o rendimento eventual dessa aviação?

Sem prejulgar das revoluções técnicas, porque não esqueçamos nunca que em aviação, arma do material por excelência, "a técnica comanda a tática", pode-se entrever desde já certos aperfeiçoamentos que conviria fazer no instrumento para melhorar mais o seu rendimento técnico e tático.

1º) Melhoramentos técnicos

Preliminarmente, o avião biplace não corresponde às necessidades do bombardeio diurno; a sua defesa é difícil; o metralhador-bombardeador, mal instalado, fica constrangido a cumprir dupla missão contraditoria:

- a) defender-se, vigiando o céu;
- b) bombardear, observando o objetivo e fazendo as suas operações de visada.

A equipagem do avião de bombardeio deve pois ser **triplice**, eis o primeiro melhoramento a procurar.

Será preciso, para isto, dotar de aparelhos especiais a aviação de bombardeio diurno, o que não seria solução económica? Não, mas as necessidades de defesa da aviação de reconhecimento (Exército) sendo análogas às da aviação de bombardeio, estas duas sub-divisões da arma seriam vantajosamente equipadas em disponível para acrescer: numa, o raio de ação (reservatórios suplementares); — outra, a carga (porta-bombas e bombas).

O aparelho de bombardeio deverá dispor de um aparelho de T. S. F. emissor-

receptor para permitir que o comandante das unidades aéreas fique em ligação com as suas unidades, oriente-as sobre os objetivos eventuais que se podem revelar, modifique os itinerários em função da atividade da defesa adversa, etc. Com a adoção do triplice, nada se opõe a esta solução que permite ao comando guardar, até o último momento, a liberdade de manobra de suas formações de bombardeio; os ensaios de emissão e recepção T. S. F. em vôo são assás concludentes para permitir a adoção imediata desse melhoramento.

2º) Melhoramentos táticos.

A aviação de bombardeio, como vimos, corre muitas vezes o risco de chegar muito tarde, sendo dadas as demoras necessárias para transmissão das informações, a tomada da decisão pelo comando, o desencadeamento das esquadrilhas, mesmo se estas unidades estiverem em posição de alerta.

Vimos que dois processos permitiam reduzir já essas demoras:

- a busca de objetivos por aparelhos dependentes diretamente do comandante da aviação de bombardeio, e munidos de aparelhos de T. S. F. emissores-receptores;

- a execução do bombardeio por pelotões de 3 aviões que alcancem rapidamente a zona dos objetivos.

Resta reduzir ao mínimo o tempo necessário à tomada de decisão pelo comando.

A aviação de bombardeio outra coisa não é do que uma artilharia vertical de longo alcance; partindo desse ponto de vista torna-se muito fácil determinar as atribuições respectivas do comando terrestre e do comando das unidades aéreas.

O comando terrestre fixará em função da sua idéia de manobra, por ordem de prioridade:

- as zonas de busca de objetivos,
- os objetivos.

Ele reservará para si, eventualmente, durante um determinado período (de x horas a y horas), a utilização de toda ou de parte da aviação de bombardeio.

- O comando das forças aéreas:
- repartirá as zonas entre as unidades,
- organizará a busca de objetivos,
- determinará, de posse das informações, os objetivos principais e eventuais de cada zona,

- desencadeará as missões de bombardeio.

Os Pombos Correios

e A Defesa Nacional

Pelo Dr. Roberto de Freitas Lima

(Presidente do Club Colombofilo Carioca. Da Sociedade Brasileira de Avicultura)

VII

TREINAMENTO

E' Capítulo de magna importancia para quantos se dedicam á criação dessas preciosas aves, pois depende exclusivamente dele a execução do triplice fim colimado.

Senão vejamos: desenvolve-se o vigor e a faculdade de orientação, na sua parte secundaria e complementar, isto é, a parcialmente adquirida (1); permite ao criador fazer a seleção dos hospedes de seu pombo; dá a conhecer as aptidões particulares de cada ave para as viagens. Em resumo, a boa colombofilia depende principalmente de treinamentos bem feitos, pois aves mal treinadas nada mais poderão produzir, que o descredito, transformando em vitoriosos os derrotados com os resultados surpreendentes, obtidos durante os longos e sombrios dias da guerra de 914 a 918, já penitentes em sua totalidade, por terem acreditado em demasia na ciencia geradora.

Antes de iniciarmos a questão do treinamento propriamente dito, nos seja lícito dizer de passagem para que d'ai se possa tirar algum proveito, porque muitos amadores são temerosos em perder os seus hospedes, filhotes ou reprodutores importados, que toda ação muscular é seguida de efeitos fisiológicos, que modificam a intensi-

(1) Vê Capítulo "Orientação" n. 223 pag. 345. Número de Julho de 1932.

Por este processo de descentralização do comando pode-se esperar ganhar um lapso de tempo apreciável; neste caso particular, como sempre, o comando dá diretivas e os comandos subordinados ficam senhores dos processos a empregar; antes de tudo a organização deve ser flexível porque os instantes favoráveis á intervenção são raros e fugidos.

A questão da aviação de bombardeio está mais que nunca na ordem do dia; cer-

dade dos fenomenos respiratorios, circulatorios e nervosos. A atividade muscular durante o voo, repercute seja sobre o aparelho respiratorio, aumentando a intensidade da respiração, a ventilação pulmonar, dando como resultante maior rapidez de combustão, donde uma aceleração das funções digestivas; seja sobre o aparelho circulatorio aumentando a frequencia do ritmo cardiaco, ativando dest'arte a eliminação das toxinas; seja sobre o sistema nervoso, evitando a atrofia e a degeneração da celula nervosa resultantes da inatividade e da ociosidade.

Podemos concluir, que não só aos jovens como aos adultos, é indispensavel o exercicio feito de um modo regular e metodico, pois bem sabemos que sem metodo e regularidade nada podemos alcançar.

Passemos á descrição dos metodos adotados, e em parte modificado por nós, afim de que os nossos leitores e criadores possam obter o objetivo almejado, com o menor prejuizo e sem grande mas útil trabalho. Para maior facilidade e mesmo para tomar mais didatico este nosso modesto trabalho, dividiremos o atual capitulo em duas partes: **treinamentos diurnos** e **treinamentos noturnos**. Procuraremos segundo nos permitirem os nossos poucos conhecimentos sobre tão importante assunto, explica-lo do modo mais claro e simples possivel, afim de torna-lo mais acessivel a quem por ele se interesse.

tas propostas feitas na conferencia do desarmamento pedem a sua supressão ou a sua internacionalização; outras, menos absolutas, tendem somente a limitar a sua ação a certa profundidade da zona dos exercitos; qualquer que seja a decisão tomada, que não queremos além disso pre-julgar, pareceu-nos interessante estudar esta sub-divisão pouco conhecida da arma da aviação e as condições do seu emprego pelo Comando.

TREINAMENTOS DIVERSOS

Os treinamentos diurnos, inicio, ponto de partida, pedra fundamental mesmo de todos os exercícios posteriores que finalizam com os vôos noturnos, deverão ser por sua vez divididos em ensinamentos especiais, não só para os animais hospedes de pombais fixos, como para os de pombais moveis, sem esquecermos no entanto os cuidados indispensaveis ministrados já ás aves adultas, já aos jovens, nascidos no ano. A dificuldade, escolho experimentado por todos que iniciam a criação de pombos correios e a primeira sóta, isto é, conseguir pôr em liberdade, sem prejuizos, os primeiros filhotes obtidos. Quantos não desanimam de inicio diante da perda da totalidade de animais tão carinhosamente criados? Outros instruidos por dejeitados e menos escrupulosos, ignorantes talvez, procuram simplificar dificuldades iniciais, criando pombos correios como os de outras raças, em plena liberdade, esquecendo-se ou ignorando porém, os prejuizos que podem advir deste modo de agir, pois inutilisam toda a produção, viciando-a e tornando-a deste modo imprestavel.

Para ser colombofilo, é necessario antes do mais, ser extremamente observador e paciente, faculdades que só são obtidas após algum tempo, que é estimado pelos nossos mestres, os Belgas, em seis anos no minimo.

Diante de um filhote assustadiço e nervoso, apanagio não só da tenra idade, como da pouca familiaridade com o dono, responsável ou encarregado do pombal, desconhecendo outro horizonte que o limitado á sua pequena casa, ou ao seu pequeno pombal, ignorando as entradas e saídas do mesmo, com eles devemos ter tantos, se não maiores cuidados, que os que dispensamos á uma criança ao trocar os primeiros passos.

Esta dificuldade, á primeira vista insulvel, facilmente é removida levando em conta dois fatores imprescindiveis: primeiramente devem ser os filhotes desde o nascimento manuseados quasi que diariamente, pelo proprietario ou encarregado do pombal, tornando-os com este modo de agir calmos, pouco ou quasi nada assustadiços, numa palavra inteiramente familiarizados com o homem, conhecendo e obedecendo mesmo aos seus tratadores, dada a intimidade e confiança obtida; depois, os

filhotes, bem antes de iniciarem os seus vôos no pombal, na fase em que já eles andam bem, mas voam pouco ou quasi nada, isto é aos 25 dias, devem ser levados para fora do pombal, obrigando-se-os a ali voltarem pelos proprios pés. Colocados assim sobre o pombal, aprendem a descortinar um horizonte em tudo novo para eles, mas que deverá ser no futuro o termíno de suas viagens, o ponto por eles almejado e visado á centenas de quilometros de distancia.

Criados deste modo, facilmente e sem o menor constrangimento saem e entram no pombal, assim que lhes permitir o poder de suas azas, ficando de modo simples sanaada a dificuldade maxima. Agimos sempre deste modo, e nunca tivemos o dissabor de perder um unico produto, o mesmo tendo sucedido com quantos têm seguido esses simples conselhos por nós emitidos.

Uma vez que os filhotes atinjam a idade de dois a três meses, principiam a fazer pequenas excursões á volta do pombal, o que os habilita a reter o circuito do local do pombal. Estas pequenas excursões vão diariamente aumentando de extensão, á medida que vão se tornando mais idosos, por conseguinte mais fortes.

Este exercicio inicial, ponto capital de todo o treinamento, deve ser executado duas vezes por dia, uma antes da primeira refeição, ás $8\frac{1}{2}$ da manhã, outra ás $4\frac{1}{2}$ da tarde antes da segunda refeição, até que os filhotes cheguem á idade de quatro a cinco meses, devendo durante o restante do dia permanecer presos nos pombais.

Antes de tentar qualquer viagem por menor que seja a distancia, devemos soltar os filhotes já então com quatro ou cinco meses, a um ou dois quilometros do pombal e na direção dos quatro pontos cardeais, exercicio este que terá lugar de três em três dias durante três semanas. A primeira sóta para cada ponto cardeal far-se-ha conjuntamente e, até se possível, os filhotes deverão ser acompanhados por alguns pombos já treinados e dos melhores, para que eles facilmente se orientem, mas das outras vezes devem ser soltos de per si, para que cada um exerça a faculdade da orientação.

Feitos estes pequenos exercícios, iniciaremos então os treinamentos propriamente ditos. Dividiremos o lote em dois, três ou quatro grupos ou equipes, conforme as direções que desejamos seguir, ou as que nos for possível adotar dadas as vias de comu-

nicações. Tendo em vista as estradas de ferro aqui no Rio costumamos constituir três equipes as quais seguem os ramais de S. Paulo, Minas e Vitoria, e começamos aos seis meses de idade as viagens que serão feitas regularmente de seis em seis dias, tendo por distancia inicial seis quilometros a partir do pombal e terminando com a distancia de 200 a 240 quilometros. O aumento das distancias é feito progressivamente de acordo com a tabela abaixo:

1. ^a Viagem	6 Kms. de distancia
2. ^a " 10	" " "
3. ^a " 15	" " "
4. ^a " 20	" " "
5. ^a " 30	" " "
6. ^a " 40	" " "
7. ^a " 55	" " "
8. ^a " 70	" " "
9. ^a " 90	" " "
10. ^a " 110	" " "
11. ^a " 130	" " "
12. ^a " 150	" " "
13. ^a " 170	" " "
14. ^a " 190	" " "
15. ^a " 210	" " "
16. ^a " 240	" " "

Após estas viagens já podemos avaliar das qualidades de cada pombo, quanto á orientação, velocidade, e desenvolvimento, o que facilitará em muito a seleção e escolha para os futuros acasalamentos que não apresentarem resultados satisfatórios, pois a conservação dos mesmos seria apenas aumento de despesa, sem dar proveitos, antes pelo contrario dando prejuizos incalculáveis pela prole oriunda dos mesmos.

Terminado o primeiro ano com a execução e, se possível, a repetição deste programa por nós traçado, ficarão os pombos em absoluto repouso durante a época da muda. Completada esta, iniciamos no ano seguinte novamente os treinamentos, não mais de filhotes mas dos filhotes tornados adultos, pois, pombo adulto é todo aquele que tenha idade superior a um ano. O treinamento destes animais, já selecionados durante o primeiro ano, difere apenas nas distâncias, que podem e devem ser aumentadas, não só quanto ao total a ser obtido durante o ano, como quanto as existentes entre dois treinos sem mais receios podemos leva-los às distâncias de 400 a 450 quilômetros.

Os filhotes oriundos destes adultos, com

facilidade sairão do pombal, pelos simples ensinamentos dados pelo bando de adultos dispensando por conseguintes cuidados especiais, como quando se inicia a colombofilia.

Os pombos de três a quatro anos, seguindo identico metodo de treinamento, poderão atingir distancias bem apreciaveis como sejam 1000 a 1200 quilometros!... Temos até aqui de modo simples, descrito em linhas gerais a conduta a ser seguida pelos hospedes dos pombais fixos, restando para treinar a primeira parte deste capitulo aconselhar as precauções que devemos ter nos treinamentos.

Estas precauções dizem respeito em primeiro logar ao estado físico do animal, e em seguida, às penas tanto as semeiras como as retrizes, que devem ser fortes, completas e livres de colombina e por ultimo aos casais.

A falta de penas dará ao bater das azas durante o vôo saídas ao ar, não deixando deste modo debaixo delas, camada de ar necessaria para a ascenção, o que obrigará o pômbo a esforçar-se inutilmente, fatigando-se com facilidade. A colombuia por sua vez, não só transformará em uma especie de massa os felpos das penas; ligando-os uns aos outros e dando como resultante que, quando o pombo faz a elevação das azas para dar a pancada de impulso, o ar superior ao corpo resiste, por não achar passagem por entre os felpos, e faz falta debaixo das azas para a impulsão, impedindo deste modo ao pombo de elevar-se. De outro lado estando o animal com as patas sujas de colombuia, ao estende-las durante o vôo não só sentirá dificuldade em fechar as mesmas dada a existencia desta massa (a colombuia) entre as juntas, como poderá resultar ficarem eles com as patas coladas ás penas da cauda, pela posição obrigatoria do vôo, e assim quando quizerem pousar não o conseguirão.

Nunca devemos treinar um casal juntamente, pois durante o vôo, o macho encontrando sua companheira no bando, a perseguirá até fazê-la baixar sobre um telhado ou arvore, para dar logar aos arrulhos.

O treinamento dos hóspedes dos pombais moveis, em nada difere nas suas linhas gerais do dos pombais fixos, a não ser como já dissemos no capítulo anterior, que esses animais não devem se orientar pelas circumvisinhanças do pombal, istoé pelo circuito local do pombal, mas devem se ha-

bituar ao pombal, e sómente a ele, o que é obtido pelo modo de treinamento; eles irão procurar o pombal para onde for levado.

Procede-se do seguinte modo: uma vez habituados com o pombal pelo método que acabamos de descrever no inicio deste capítulo, deslocaremos o pombal 100 ou 200 metros n'uma direção dada e faremos a sóltia; verificaremos então com surpresa que os pombos voltam para o mesmo sem a minima dificuldade. Assim procederemos de quatro em quatro dias, aumentando lenta e gradativamente a distancia do deslocamento, chegando em curto espaço de tempo a distancias notaveis. Isto conseguido, poderemos deslocar o pombal em qualquer direção e em distancias consideraveis, sem que daí advenham perturbações nas viagens, ou perda de animais. O cuidado unico e principal está em procedermos as soltas pela manhã e á tarde no novo local, diariamente durante os quatro dias de descanso que procede ao novo treino.

Esta faculdade, obtida mercê de treinamentos especiais, é de um valor inconteste em caso de guerra, principalmente na propriamente dita **"guerra de movimento"**. Ficam neste caso os pombais fixos reservados, já para o caso de estabilisação das frentes, já para as unidades fixas, fortificações, etc.

Passemos á segunda e ultima parte deste capítulo, isto é aos treinamentos noturnos.

TREINAMENTOS NOTURNOS

Era necessário a todo o transe remover a ultima dificuldade, a que se apegavam ainda os incredulos dessas preciosas aves, unicos e seguros agentes de transmissão; vencidos mais uma vez com a mobilidade dos pombais, apelavam por ultimo para a facilidade com que o inimigo, preparado para tal, teria em liquidar os pombos em pleno vôo nas zonas de operações, tornando deste modo inutil e até prejudicial, o emprego destas aves como auxiliares da defesa nacional em caso de guerra, derrota completa e decisiva dos que assim pensavam ficou plena e amplamente demonstrada pelos vôos noturnos, levados a efecto com a maior segurança durante a guerra Européa. Como conseguiram os adeptos da colombofilia mais esta maravilha que lhes deu a ultima e mais brilhante vitória?

Exclusivamente devido a treinamento especial!...

O modo de executarmos os treinamentos noturnos difere apenas no que foi dito para os treinamentos diurnos, em que para esses, ao envez de fazermos diariamente duas sóltas, faremos três: uma matinal, uma crepuscular e outra noturna. N'uma palavra, os exercícios se resumem em obrigar o pombo a executar ao crepúsculo e á noite vôos nas distancias percorridas durante o dia com as quais ele já está perfeitamente identificado. Outra modificação de importancia a ser introduzida nos pombais de vôo noturno, é a questão do regimen alimentar. Para esses, as refeições ao envez de serem distribuidas pela manhã e á tarde, serão: — uma, a primeira, pela manhã após o vôo matinal; outra, com luz artificial, após o vôo crepuscular ou noturno.

E graças a esta descoberta feita pelo sabio espanhol Estopina, que estas privilegiadas aves conseguiram se firmar, como sendo o unico meio de transmissão seguro e completo, e assim ser consideradas, como um dos mais eficazes auxiliares da defesa nacional.

Terminando, transcreveremos para ainda mais asseverar o que acabamos de dizer, a palavra oficial francesa, publicada em relatorio apôs a guerra mundial: "Les expériences faites, au cours de la guerre 1914-1918, ont montré que le pigeon voyageur, convenablement éduqué, peut accomplir des vols de liaison pendant la nuit. La démonstration a été faite, em 1916 dans quinze colombiers nocturnes du front. Elle a été complétée, em 1917, dans plusieurs colombiers mobiles. (1) Les enseignements pratiques à tirer de ces deux années d'expériences sont les suivants:

1º Tous les pigeons voyageurs de qualité sont aptes aux vols nocturnes, après avoir subi un entraînement progressif;

2º Le pigeon voyageur, bien donné, progressivement entraîné aux vols nocturnes, s'oriente pendant la nuit et peut regagner son colombier. Il le regagne plus sûrement par nuit noire que par clair de lune;

3º Un signal lumineux n'est pas nécessaire au pigeon pour qu'il retrouve son colombier. Les colombiers dits "nocturnes" peuvent donc être utilisés au front.

(A seguir)

(1) O grifo é nosso.

O papel das Fortificações de Costa

(General de Brigada S. D. Embick E. E. U. U.
da America do Norte).

O nosso atual extenso e eficiente sistema de fortificações costeiras é concludente quanto á importancia segundo a qual tais fortificações são sustentadas pela autoridade responsável. De fato, elas têm recebido a atenção continua de administrações sucessivas, desde o começo do ultimo seculo. Como consequencia, nosso sistema representa um dispêndio de \$250.000.000 e um valor de renovação de cerca de \$400.000.000.

Contudo, refletindo-se mais, pode-se lembrar que, de tempos em tempos, desde a Guerra Mundial tem aparecido afirmações exprimindo ou envolvendo duvidas sobre a conveniencia das fortificações costeiras. Certamente tais conceitos não emanam de fontes militares de responsabilidade. Apaemem na imprensa, ou ás vezes são expressas por certos oficiais jovens.

As premissas que fundamentam estas afirmações são varias. Algumas aparecem como baseadas numa falsa concepção do papel das fortificações costeiras na Guerra Mundial. Exprimem que, exceto nos Dardanelos, tais fortificações não tomaram parte naquela guerra. Outras são baseadas sobre o advento de novos engenhos como, por exemplo, avião ou artilharia móvel de grande calibre.

Tais afirmações não são talvez de surpreender. Somos inclinados a esquecer que o nosso esforço na Guerra Mundial era formado por circunstancias não comuns, de tal forma que muitos dos seus incidentes não podem ser considerados como criterio de geral aplicação militar. Os nossos Aliados tinham indiscutivelmente o Comando dos Mares, libertando as nossas costas do perigo de ataques e nos haviam concedido bases para as nossas operações contra o inimigo. Aliviados de ameaças em casa, pudemos deixar de olhar para as relações interdependentes que normalmente devem ser mantidas entre as fortificações costeiras e outros elementos da defesa nacional e empregar meios e medidas impraticaveis em outras circunstancias.

E' portanto obvio que um exame sobre o merito das fortificações costeiras deve ser feito num maior campo que a nossa partici-

pação na Guerra Mundial. Assim podemos perguntar a nós mesmos: Quais são as qualidades particulares das fortificações de costa que fizeram com que a elas no passado fosse dado um papel tão importante e distinto? Este papel foi estabelecido sómente como resposta a teorias de proponentes habéis, entre os quais o mais conhecido é Mahan? E deveriam, agora, serem aquelas teorias postas de lado á luz de progressos mais recentes? Mahan as apresentou de modo não comum, conveniente e habil. Porém não avançou essas teorias como originalidades suas. O valor destas teorias aparece como tendo sido reconhecido desde os tempos mais remotos e, terem se derivado dos fatos. A Comissão de Oficiais que fez o primeiro vasto estudo das nossas necessidades defensivas (Comissão Bernard) mostrou que, emquanto a fortificação de uma extensa fronteira terrestre pode ser de utilidade duvidosa, nenhuma nação, seja nos tempos modernos ou antigos, tem posto duvidas sobre o valor das fortificações marítimas.

Nas operações de guerra, bem como na conduta das atividades civis, é um axioma banal dizer que "os meios empregados para um fim particular devem combinar a economia com a conveniencia". Nas operações guerreiras, mais do que nas atividades civis, a economia de forças é um motivo obrigatorio. Porém, uma consideração mais profunda se aplica á escolha dos meios militares. Não devem ser tais que possam ser rapidamente neutralizados ou destruidos pelo esforço inimigo.

Apliquemos este criterio ao assunto que estamos tratando. Admitamos que, como uma alternativa para as fortificações de costa, dispersamos nossas forças navais com destacamentos localizados para a defesa dos portos. Como poderiam tais meios serem comparados para aquele fim com as fortificações costeiras? Resumindo, não estariamos substituindo as baterias terrestres, comparativamente mais baratas e invulneraveis, por baterias flutuantes custosas e vulneraveis?

Uns poucos canhões sobre a costa valeão por muitos a bordo. (1) Não ha limitação relativa para seu pezo, não são dispensiosas, quer em homens quer em dinheiro; sua vida não se torna mais curta pelo absolutismo de suas plataformas; não podem ser mais afundados e não podem ser com certeza, neutralizados, salvo quando forem tomados.

Dar para cada destacamento naval uma força que fosse superior á força naval combinada, que o inimigo pudesse trazer contra ele, seria, é obvio, fóra de discussão.

Um inimigo que ataque nossas costas não dissipará o seu poder, dividindo suas forças para o ataque de varios objetivos. Com toda certeza conservará o seu poder e fará uma concentração de forças.

A capacidade de ação com a qual as nossas forças marítimas podem encontrar o esforço inimigo dependerá do grau de sua concentração e liberdade de movimento. Dividi-las para as defesas locais dos portos seria, não sómente sacrificar a sua mobilidade como reduzir a nada o seu poder, em pequenos destacamentos para serem batidos por parte pela ação inimiga. Uma tal dispersão seria exatamente fazer bom fogo para o inimigo. E' precisamente a situação que ele procurara nos trazer por meio de ameaças ou raids navais levados a efeito, na ocasião, sobre as nossas costas.

A nossa esquadra deve ser livre para ir procurar fóra das costas e se opôr ao inimigo nos altos mares. Ela só pode assim proceder se for libertada da obrigação de defesa local da costa; se os nossos portos importantes, inclusive bases navais, estiverem seguros contra o ataque inimigo.

Voltemos agora ao papel das forças móveis de terra. Sugere-se ás vezes que como o exercito móvel é agora acompanhado pela artilharia de grande calibre, ele, por si mesmo, fará a segurança dos nossos portos contra os ataques navais. As considerações que se aplicam aqui são semelhantes ás que se aplicam á Esquadra. O Exercito móvel deve estar preparado para encontrar uma concentração de forças hostis de terra onde possa ser feita esta concentração. Ele tambem deve possuir poder de concentração e liberdade de movimento. Tambem deve estar livre da anciadade de uma defesa de costa local, de modo que possa ser

conservado para se encontrar com o maior poder inimigo em terra, com uma invasão ensaiada.

Do que precede se concluirá que as finalidades das fortificações costeiras podem ser estabelecidas, em resumo, como se segue:

— proteger as nossas cidades costeiras e bases navais importantes contra captura ou dano por navios de guerra inimigos; seu emprego como base de operações para uma força invasora e assim libertar as nossas forças moveis de terra e mar para "performance" das suas verdadeiras funções; e prover a segurança, contra os ataques navais, da nossa frota mercante quando nos nossos portos.

Notaremos que as características das fortificações costeiras reposam na sua localização; o armamento incluido em uma fortificação determinada, seja, ou não montado em reparos fixos, moveis ou semi-moveis ou seja como geralmente na prática a combinação de todos os tres tipos, não afetará ao problema em discussão. Atualmente os progressos da engenharia na arte de construção de material bélico permitem a montagem de canhões muito maiores do que outrora sobre reparos moveis. Tais progressos sómente levantam a questão técnica "se nas fortificações de um dado local, num porto determinado, é mais prudente instalar armamento fixo ou localizar ali armamento móvel". Quando assim localizados, os ultimos ficam divorciados da conexão com o exercito de campanha e se parte integrante das fortificações costeiras articulando-se com o sistema do controle de fogo, de holofotes e de minas dessas fortificações.

E' então evidente que as fortificações costeiras são distinguidas dos outros elementos de defesa nacional conjuntamente pela natureza especial de sua missão e pela sua localização. São essas distinções que levaram, em 1907, á divisão da A. em artilharia de costa e de campanha e que fornecem hoje razões igualmente convincentes para manter a artilharia de costa como uma arma separada e distinta.

Segundo que medida são as considerações precedentes afetadas pelos progressos recentes da aviação? Trata-se agora de uma arma de mobilidade excepcional; porém, tambem, de uma arma excessivamente dispendiosa e que pode ser neutralizada por forças aereas superiores inimigas.

Semelhantemente á Esquadra e ás for-

(1) A few guns on shore will do the work of many afloat. (Frase muito empregada nos E/E. U/U. — N. do T.).

ças moveis terrestres tambem só pode ser empregada com vantagem completa se for livre de ir procurar e de se opor ao inimigo onde quer que ele possa estar e não deve ser dispersada para ser batida por partes. Confiar na aviação para a segurança dos nossos portos contra os ataques navais seria, outra vez, um emprego dispendioso de uma arma cara. Provê-la de tanto poder que nossas forças aereas localisadas fossem em todos os lugares superiores a uma concentração de forças aereas de um inimigo é absolutamente fóra de discussão. Aparte á defesa proibitiva, uma tal solução é proscrita pelas características da arma. Como exemplo podemos observar que, não obstante a notável preponderância em forças da aviação Aliada em 1918, através mesmo de uma região tão limitada como a Frente Ocidental, os Alemães eram capazes de obter superioridade aerea local praticamente á vontade.

O advento da aviação, portanto, não tem suprido a necessidade da manutenção das fortificações para a defesa de nossas costas contra os ataques navais. Tem contudo dado origem a uma nova necessidade — o canhão antiaereo. Esta arma, no prover uma defesa local contra os ataques aereos, mantém com a aviação uma relação muito analoga a das fortificações costeiras para com a Esquadra e com as forças aereas de terra, tendendo a libertar a aviação para emprego mais vantajoso.

Como ilustração do que precede podem se recordar algumas influencias das fortificações de costa sobre as operações da Guerra Mundial. A confiança dos Ingleses na segurança dos seus portos permitiu que as suas forças navais fossem concentradas numa posição relativamente distante e mantidas para a sua propria missão — a de se opôr á Esquadra Alemã; e aliviou-os da necessidade de deter grandes forças dos seus exercitos que se achavam através dos mares; enquanto que mesmo o imperfeito canhão antiaereo da época permitiu que o grosso de sua aviação fosse empregada no estrangeiro.

As fortificações instaladas pelos Alemães na costa Belga deram segurança ao seu flanco direito. As fortificações no Adriatico condicionaram a estratégia terrestre e naval de ambos os beligerantes. As dos Dardanelos anularam os esforços da esquadra Inglesa para forçar uma passagem; tempo para a reunião das tropas moveis

Turcas com o fim de encontrar a ultimação das operações terrestres Britânicas e assim restringiram o seu curso, de modo a tornar fatal a sua derrota final.

Em nossa propria historia, um notável exemplo do papel das fortificações costeiras foi a parte tomada pelo forte Monroe na Guerra Civil. Um posto avançado Federal avançou bem para a frente no coração dos Confederados; era mantido por uma pequena guarnição que ás vezes era reduzida a poucas companhias e que nunca foi forte bastante que representasse um serio obstáculo para as forças contrárias. Contudo, apesar de seu efetivo minguado, fechou aos Confederados, durante toda a guerra, as entradas das Estradas de Hampton e do rio James; tornou possível ao Governo dos Federais conservar o controle completo das inestimáveis comunicações aquáticas da Baía de Chesapeake; facultou ao Governo dos Federados uma base avançada para as expedições de conjunto contra a costa da Carolina; e uma base para as operações do Exercito do Potomac contra a Capital dos Confederados. O Forte Monroe não foi atacado, os Confederados julgaram-no demasiadamente forte. Estes magníficos resultados foram apenas consequencia da sua mera existencia.

Numa só palavra, a Guerra Mundial veio dar maior importancia ao papel das fortificações costeiras. Nos tempos antigos, quando um exercito invadia uma costa inimiga transportava uma pequena impedimenta e a porção de alimento com a qual contava poder se suprir, no seu todo ou em parte, no territorio inimigo. Assim, qualquer praia de enseada não muito aspera para pequenas embarcações serviria como ponto de invasão. Atualmente que o vasto equipamento dos exercitos reflete a idade das maquinas, uma "cabeça de enseada" não bastará mais, segundo as nossas proprias experiencias e da sensata Inglaterra, na França. Um exercito invasor exigiria agora a grande ancoragem, cais e facilidades terminais, que sómente um bom porto pode apresentar. A tomada imediata de um tal porto é *sine qua non* para uma invasão, em força, bem sucedida.

Às vezes ouve-se a observação de que muitos dos nossos armamentos de costa existentes estão obsoletos. A isto pode-se replicar, não sómente que o nosso armamento existente é ainda tão eficiente dentro do seu alcance quanto o era na data de

CONTABILIDADE ADMINISTRATIVA

Pelo 1.º Ten. José Salles

XIII

Com a exposição ultima que fizemos sobre o balanço damos por terminado o exemplo proposto para demonstrar como poderia ser aplicada a contabilidade por partidas dobradas aos corpos de tropa do Exercito e repartições militares. Não foi certamente um exemplo real, porém, os principais casos que normalmente se passam em sua vida administrativa ahi foram representados e assim, dispensando mais comentários a respeito, julgamos ter anulado completamente as afirmações daqueles que, por quaisquer motivos, não consideram possivel adota-lo. Dentre estes motivos tudo nos leva a crer, digamo-lo com franqueza, que o unico procedente na ocasião de ser feita a tentativa do emprego do metodo éra a falta de conhecimentos da ciencia contabil por parte dos que deveriam executa-lo; felizmente não ha mais razão para que ele subsista hoje em dia.

Robustecendo ainda mais tudo o que até aqui temos dito, apresentamos como prova o "Regulamento Especial para Escrituração por Partidas Dobradas" aprovado por decreto n. 16.176 de 17-10-923, adotado na Diretoria de Intendencia da Guerra, unica dependencia militar (exetuando naturalmente a Diretoria de Contabilidade) que tem a sua escrituração organizada segundo esse metodo, com resultados mais ou menos satisfatorios. E' um exemplo que poderia bem ser generalizado no Exercito.

Resta-nos dizer alguma cousa sobre a fiscalização, pois, não se pode compreender um serviço de contabilidade bem organizado sem a ação fiscalizadora dos orgãos competentes, tendo por fim exercer a vigilancia indispensavel á sua perfeita execução.

Partindo dos escalões inferiores, temos presentemente os seguintes dispositivos que tartam deste assunto:

"Capitulo III do R. I. S. G. aprovado por decreto n. 19.040 de 19 de Dezembro de 1929", que trata do fiscal administrativo. Entre as principais atribuições desta entidade aí contidas notamos: "Dirigir, coordenar e fiscalizar tudo o que se refere á administração do corpo, de conformidade com o que dispõem os regulamentos n. 3, 17 e 89 (Administração, Rancho e Subsistencias), geral de contabilidade pública da União e a jurisprudencia administrativa do Tribunal de Contas e do Ministerio da Guerra "(n. 1 do artigo 89)"

"Exercer, em campanha, além das funções administrativas acima prescritas, a inspeção geral das formações dos serviços do corpo, providenciando sobre a situação e emprego de cada uma, tudo de acordo com as ordens do comando (n. 4 do art. 89)"

"No caso de haver divergência entre as disposições dos regulamentos e as jurisprudencias a que se refere o n. 1 do presen-

rios; assim, nossas fortificações marítimas continuarão a ser nossas fronteiras críticas.

Para nós, mais do que no caso comum, as fortificações costeiras, para proteger as nossas importantes cidades marítimas e portos contra ataques navais, preencherão um papel indispensavel. Pois servirão não sómente a este proposito imediato, como tambem ao objetivo que é da maior importancia, sob o mais amplo ponto de vista da defesa nacional em geral, isto é, a de liberar as nossas forças moveis de mar, terra e ar para a "performance" das suas verdadeiras funções.

sua instalação, mas tambem que os resultados dos recentes acordos navais que se favorecem á construção de navios ligeiramente armados e couraçados, ou não couraçados, produzirão um aumento relativo notável no poder do nosso armamento existente de defesa de costa.

Para nós, bem como para todas as outras nações marítimas importantes, as fortificações costeiras continuarão a preencher um papel essencial e importante no sistema de defesa nacional. O mar continuará a ser a maior estrada do mundo. Sómente pela via marítima podem nos atingir ataques se-

te artigo, prevalecerão as decisões do Ministro da Guerra (§ unico do art. 89)".

A criação do fiscal administrativo não resta a menor dúvida que já foi uma conquista, porquanto desdobrando as funções outrora atribuídas ao **fiscal do corpo**, que passou a denominar-se sub-comandante, ha de trazer como resultado muitas vantagens para o serviço dando a este mais tempo para dedicar-se exclusivamente á tropa e áquele á administração; sómente não conseguimos compreender o alcance do art. 88 que dá aquele cargo a um oficial do quadro da Arma, quando ele caberia melhor a oficiais dos quadros de Intendencia, especialistas no ramo, mais conhcedores, portanto, de todo o movimento contabil pela propria natureza dos seus estudos e do fim que justifica a existencia destes quadros.

Tambem não pudemos ainda atinhar como uma decisão ministerial poderá prevalecer sobre um dispositivo regulamentar que é uma lei do executivo e a jurisprudencia do Tribunal de Contas, supremo orgão fiscalizador; talvés que um estudo mais acurado deste assunto nos trará melhores esclarecimentos sobre a sua doutrina.

Em seguida temos a ação exercida pelos Intendentes de Guerra constantes do art. 9 do R. A. C. T. E. M., que diz:

"A inspeção e fiscalização da administração nas unidades administrativas, confiada aos Intendentes de Guerra, comprehende:

- a) Assistencia administrativa permanente do Intendente de Guerra junto ao Conselho;
- b) Verificação e regularização das contas dos corpos;
- c) Correções e retificações julgadas necessarias;
- d) Verificações periodicas ou inesperadas das existencias em dinheiro e material, com prévio conhecimento do Comando da Região;
- e) Verificação da forma de todos os documentos precisos e registros referentes á administração, inclusive os das deliberações do Conselho e correspondencia;
- f) Finalmente, apreciação do carater regulamentar dos atos administrativos, aos quais esses documentos se referem".

Essas regras são de grande alcance pois tratam da fiscalização **a posteriori** dos atos e fatos administrativos das unidades, uma vés cumpridas como devem ser. Aquela,

porém, que se refere ás verificações periodicas ou inesperadas das existencias em dinheiro e material é, presentemente, de aplicação um tanto complicada devido á deficiencia do metodo contabil ora em uso, como vamos ver. Assim, notamos:

1.º — Os Serviços de Intendencia Regionais e a 4^a Secção da D. I. G. não têm elementos para julgar mensalmente o movimento geral das unidades administrativas porque os atuais balancetes remetidos referem-se unicamente á parte relativa ao dinheiro; por eles não se pôde saber si o dinheiro saído por uma despesa qualquer efectuada (CAIXA HAVER, numa hipótese) deu lugar a um aumento equivalente no material (C/MATERIAL DEVE); os documentos que os acompanham apenas comprovam a despesa feita, não o fazendo quanto á entrada e escrituração no registro regulamentar competente do material adquirido de modos a demonstrar aumento no valor do patrimonio sob a guarda daquelas unidades.

2.º — A autoridade encarregada de proceder á inspeção e fiscalização dessas unidades só poderá tambem verificar, pelo registo de balancetes existentes, o movimento do dinheiro; do movimento geral não tem a menor idéa porquanto não ha relação entre a escrituração do dinheiro e a do material no metodo usado presentemente; querendo examinar si o material entrado correspondente á quantia saída terá de folhear boletins, compulsar documentos e fazer indagações, resultando perda de tempo e de trabalho, porque o registo atual não lh'o indicará.

3.º — Si a existencia em quantidade já é dificil de ser verificada, em valor podemos dizer que é quasi impossivel a menos que essa autoridade se disponha a perder alguns meses nesse serviço, o que importa em ter de levantar um inventario completo dos bens a cargo da unidade administrativa cada vés que tenha de fazer uma inspeção; ora, isto vae francamente de encontro a todas as regras aconselhadas pelo bom senso.

Vemos deste modo que a fiscalização feita atualmente se limita á forma do balancete, verificação da sua soma e aplicação do dinheiro segundo o limite do crédito distribuido, sem cogitar de saber em que foi aplicado ou então, si o fizer, é sempre sobre um ponto de vista secundario; assim, acontece que a alta administração militar não tem meios seguros:

1.º — Para conhecer a existencia dos bens da Fazenda Publica a cargo dos diversos responsaveis;

2.º — para saber, em dado momento, o valor desses bens;

3.º — para ser conhecedora das alterações que com os mesmos se derem;

4.º — para exercer sobre os responsaveis por eles uma fiscalização perfeita capaz de permitir responsabiliza-los de acordo com a lei, sem processos complicados, quando acompanhados em falta de exação no cumprimento dos seus deveres.

Exerce tambem atribuição fiscalizadora o Serviço de Intendencia Regional segundo o que se acha expresso nos artigos 13, 46, 50, 58 e 60 do Regulamento para o Serviço de Intendencia da Guerra (N. 52).

No primeiro desses artigos vemos as muitas e importantes atribuições do Serviço de Intendencia a seguinte que de perto interessa ao nosso assunto: "Exercer a fiscalização administrativa dos haveres em dinheiro e em material pertencentes á Nação e confiados aos conselhos de administração e aos comandos de destacamentos, zelando por sua perfeita e oportuna aplicação e conservação".

Os destacamentos referidos neste dispositivo são aqueles constantes do artigo 21 do R. A. C. T. E. M. e seus parágrafos, isto é, as frações constitutivas das unidades administrativas nos diversos casos ahi previstos.

Esse art. 13, cujo trecho transcrevemos acima, é tambem atribuido aos Serviços de Intendencia das Regiões pelo art. 46 do Regulamento n. 52, já citado, no que concerne aos corpos e estabelecimentos ás mesmas subordinados.

A 2^a Secção deste Serviço "verifica os documentos de receita e despesa dos Conselhos de Administração dos corpos, repartições e estabelecimentos subordinados administrativamente ao Comandante da Região, encaminhando-os, depois de assim verificados, á D. I. G. para os devidos fins".

Como escalão superior a este, temos a D. I. G., por intermedio da sua 4^a Secção, como se pôde ver da letra b do art. 24 do Regulamento referido cujo teor é o seguinte: "Proceder á verificação e fiscalização da contabilidade das unidades administrativas, por meio dos documentos de receita e despesa fornecidos pelos respectivos conselhos, propondo á diretoria as me-

didas que se tornarem necessárias, a respeito".

Possuimos mais a Diretoria de Contabilidade da Guerra cujo Regulamento vigente pelo decreto n. 13.470 dá-lhe tambem, em seu art. 1º, atribuições fiscalizadoras, como se vê da sua redação seguinte: "A Diretoria Geral de Contabilidade da Guerra superintende a todo o serviço de contabilidade do Ministerio da Guerra, efectuando pagamentos, arrecadando e distribuindo, segundo as leis da Fazenda, e fiscalizando para que se executem fielmente, extendendo-se a sua ação, no Ministerio da Guerra, a todos os responsaveis perante a Fazenda Nacional".

Suas funções que se limitam, como vemos, ao serviço de fundos e respectiva fiscalização, chocam-se com as da D. I. G. que é um orgão cujas atribuições são muito mais vastas, conforme se pôde verificar do respectivo Regulamento, pois tem a seu cargo:

Pessoal de Intendencia da Guerra, mobilização do Serviço, alugueis arrendamentos (1^a Secção);

Inspeção do Reabastecimento, plano de conjunto, relações com os outros Ministérios (2^a Secção);

Viveres, forragens, iluminação, agua, combustivel etc. (3^a Secção);

Fundos, vencimentos, verificação de contas, serviço de contabilidade técnica da D. I. G. (4^a Secção);

Fardamento, equipamento, arreiamento, ferragem, acampamento e alojamento (5^a Secção).

Seria, portanto, melhor enquadrá-la na Diretoria de Intendencia da Guerra, como dependencia desta, sob o titulo de — Serviço de Fundos (central e regionais) — a exemplo do que atualmente se dá com os Estabelecimentos de Fardamento e Equipamento e com os Serviços de Subsistências Militares; adviria disto a vantagem de acabar com a existencia de dois orgãos autonomos para a execução de um mesmo serviço, o que, de algum modo, é dispensioso para os cofres publicos, além de não ser nada pratico, pois, notorio como é o conflito de funções, só pôde trazer entraves á sua marcha normal.

Finalmente, como supremo orgão fiscal, existe o Tribunal de Contas, instituído pelo artigo 89 da constituição de 24 de Fevereiro de 1891, que funciona como fiscal da administração financeira e como tri-

bunal de justiça, com jurisdição contenciosa e graciosa (artigo 29 do respectivo Regulamento expedido com o decreto n. 13.868 de 12 de Novembro de 1919 e modificado pelo de n. 15.770 de 1 de Novembro de 1922).

Pelo exposto até aqui observamos que por falta de controle o serviço não deixará de ser executado pelos agentes encarregados quer quanto á parte moral quer quanto á material e técnica. Seria, entretanto, para desejar que eles fossem coordenados pela fórmula abaixo de modos a poderem preencher melhor os seus fins por uma relação mais estreita entre si:

1.º — orgão capaz de exercer a fiscalização administrativa e técnica sobre os agentes dos Conselhos de Administração e com poderes para promover perante este a responsabilidade disciplinar e, em determinados casos, a pecuniária dos citados agentes, e fornecer os elementos, quando tal fôr o caso, afim de que seja possível promover a responsabilidade criminal dos mesmos (fiscais administrativos);

2.º — orgão com poderes para fiscalizar todos os precedentes, puni-los disciplinar e, em determinados casos, pecuniariamente e promover perante os poderes competentes (Justiça Militar ou Civil) a sua responsabilidade criminal (Conselhos de Administração);

3.º — orgão com poderes para inspecionar todos os referidos acima e promover, como agente do Serviço de Intendencia Regional, perante a autoridade competente (Comando da Região), as responsabilidades disciplinar e pecuniária e fornecer-lhe os elementos necessários para que possa promover a responsabilidade criminal, si este fôr o caso (intendentes de guerra encarregados da inspeção e fiscalização das unidades administrativas);

4.º — orgão centralizador de todo o serviço administrativo da Grande Unidade, com poderes para fiscalizar todos os precedentes, e impôr as penalidades pecuniárias, promover perante o respectivo Comando as responsabilidades disciplinares e preparar-lhe os elementos para promover perante a Justiça Militar ou Civil as responsabilidades criminais (Serviços de Intendencia das Regiões e Circunscrição Militar);

5.º — orgão centralizador dos serviços administrativos no Exército com poderes para inspecionar e fiscalizar, com os ele-

mentos que deve possuir, todos os referidos precedentemente, impôr penalidades pecuniárias e promover perante as autoridades competentes, (Ministro da Guerra e Justiça) as responsabilidades disciplinares e criminais (Diretoria de Intendencia da Guerra).

Cada um desses órgãos fica, portanto, ao mesmo tempo como fiscalizador e fiscalizado; consegue-se dessa forma fazer com que os seus componentes, sempre receiosos de serem apanhados em falta por uma inspeção inesperada, procurem cumprir zelosamente os seus deveres, sabido como é que a negligencia é quasi sempre filha da certeza de não existir uma fiscalização rigorosamente exercida e que as paixões humanas não conhecem fronteiras.

Acresce mais que não faltam os elementos a serem por eles observados, pois todos estão previstos em lei, apenas precisa ser aperfeiçoado o metodo a seguir no seu cumprimento, consoante o que dissemos acima, de modos a torna-lo eficiente e menos trabalhoso com especialidade na parte preventiva que, tanto quanto á repressiva, deve ser cuidada com carinho.

As responsabilidades pessoais são tratadas nos artigos 56 a 64 do R. A. C. T. E. M. (decreto n. 15.536 de 28-6-922); como se vê desses dispositivos, elas são pecuniárias, disciplinares e criminais.

A pecuniária consiste na imposição de multas nos casos previstos pelo Código de Contabilidade Pública e na carga feita ao responsável pela perda ou extravio do material sob sua guarda, segundo o estabelecido pela legislação vigente na ocasião.

Entre os dispositivos do Código supra-referido (decreto n. 15.783) que tratam das multas a serem impostas nos diversos casos, notamos os seguintes:

“Art. 14 — A falta de cumprimento das obrigações impostas neste Regulamento, assim como das ordens e instruções expedidas pelas autoridades competentes para a execução da Contabilidade da União, sujeitará os infratores ás penas de multas de 200\$ a 10.000\$, de que trata o art. 221.

§ 1.º — As multas cominadas neste artigo serão impostas:

a) pelo Ministério da Fazenda, ao contador geral e aos Diretores do Tesouro Nacional depois de apuradas devidamente as responsabilidades;

b) pelo contador geral aos chefes das contadorias seccionais, compreendendo as

Delegacias Fiscais, Ministerios, Correios, Telegrafos, estradas de ferro, arsenais, linhas de navegação e outros estabelecimentos industriais e repartições arrecadadoras e pagadoras da União, sejam civis ou militares, depois de verificada convenientemente a infração;

c) pelo contador geral e chefes das contadiorias seccionais aos funcionários das respectivas repartições".

Este caso é perfeitamente *nossa* de acordo com o teor do artigo 10, que diz: "Nenhum regulamento, em que se cogite do estabelecimento de regras de contabilidade, será expedido por qualquer Ministerio ou repartição sem audiencia previa da Contadaria Central da Republica, para o fim de verificar se tais regras estão conformes com os principios gerais de contabilidade e escrituração consignadas nas instruções em vigor".

Tratando das contas da gestão financeira e patrimonial diz o paragrafo unico do artigo 109: "As divergencias porventura verificadas entre a recapitulação dos balanços mensais, feita pela escrituração da Contadaria Central da Republica, e o balanço definitivo correspondente, encaminhado pelas contadiorias seccionais, serão explicadas e corrigidas dentro dos prazos marcados pela mesma contadaria central, sob pena de responsabilidade na fórmula do artigo 14 deste regulamento".

O artigo 221 diz: "Os funcionários administrativos que praticarem, sem ordem escrita dos ministros, átos contrários a tais leis (as que determinam as despesas da União), incorrerão, além da responsabilidade criminal, em multas de 200\$ a 10.000\$, que serão impostas pelo Tribunal de Contas e cobradas por meio de desconto da quinta parte dos vencimentos".

"No caso de os haverem praticado por ordem escrita dos ministros, para se isentarem dessas multas, deverão os funcionários dar, dentro de oito dias, conhecimento do fáto ao Tribunal de Contas, que procederá como julgar de direito, fazendo, em todo o caso, a comunicação deles ao Congresso Nacional".

No artigo 240 lemos: "Os chefes de repartições que ordenarem fornecimento ou prestação de serviços de custo excedente ás quantias previamente fixadas pelo Congresso Nacional ficarão sujeitos ás penalidades do art. 221, impostas pelo Tribunal

de Contas por ocasião do exame das das relacionadas".

§ 1.º — No caso de necessidade imperitável deverão solicitar autorização escrita do ministro competente, que a dará julgar conveniente, nos mesmos papeis que constar a insuficiencia dos creditos a razão da despesa.

§ 2.º — Nas penas do art. 221 incorrerá o funcionario que imputar a qualquera rubrica do orçamento despesa nela não compreendida, segundo as tabelas explicativas retificadas de acordo com as alterações nelas feitas pelo Congresso".

Versando sobre as normas especiais para os adiantamentos, vamos encontrar artigo 298 e seus paragrafos da seguinte redação: "Da aplicação dada aos adiantamentos prestarão os funcionários contas repartição competente, dentro de noventa dias do recebimento, sob pena de multa de 1% ao mês, calculada sobre o total do adiantamento até á data da entrega da conta e restituição dos saldos, salvo caso de força maior, devidamente comprovada, juizo do Tribunal de Contas.

§ 1.º — A multa de que trata este artigo será aplicada por despacho do Presidente do Tribunal de Contas ou por suas delegações, no áto do recebimento da comunicação de que trata o artigo subsequente e imediatamente comunicada á repartição onde servir o funcionario responsável para proceder ao desconto em sua folha de pagamento, **pela quinta parte dos vencimentos.**

A importancia a descontar desde logo será a correspondente á multa de 1% ao mês nos primeiros noventa dias sobre o total adiantado, não podendo a repartição suspender o desconto sem que lhe seja isento determinado pela autoridade competente".

Como não é difícil de se observar, todos esses casos que dão lugar á imposição de multas são *nossos* tambem, isto é, enquadram-se perfeitamente na administração militar; não temos todavia, até a data presente, noticia de já terem sido alguma vez aplicados, embora sejam penalidades de grande influencia sobre os diversos responsaveis pelos bens da Fazenda Pública, obrigando-os a cumprirem perfeitamente os seus deveres por teme-las, visto como lhes vem afetar diretamente a economia. Não resta duvida, entretanto, que o recurso

de defesa jamais deverá ser negado ou impedido.

Quanto ás penalidades disciplinares e criminais são tratadas pelos regulamentos disciplinares e Código Penal Militar, suficientemente conhecidos.

Passamos, até aqui, em revista os diversos órgãos existentes encarregados de exercer o controle sobre as unidades administrativas militares e bem assim, os elementos de que dispõem (penalidades diversas) para prevenir e reprimir as faltas e castigar os faltosos. E' preciso, porém, ter muito em vista que a organização do aparelho preventivo seria de maior alcance e utilidade porquanto sempre é menos desagradável prevenir do que reprimir e castigar. Também uma perfeita fiscalização nunca deverá ser causa de embargos ás boas iniciativas que só poderão trazer benefícios ao serviço em geral.

Vigorando o método contabil por partidas dobradas essa fiscalização poderá obedecer, mais ou menos, á seguinte ordem:

1.º — Exame e conferencia nas repartições competentes, (Serviços de Intendência e 4^a Secção da D. I. G.) dos balanços mensais e definitivos ás mesmas enviados nos prazos regulamentares e dos documentos que aos mesmos acompanham.

2.º — Exame feito na propria unidade, pelos agentes encarregados, em inspeções periodicas, na ordem seguinte:

a) verificação de todos os lançamentos do "Diario", desde a ultima inspeção, sob o ponto de vista tecnico, observando também que nele não se encontrem rasuras, emendas, linhas em branco, notas a margem ou quaisquer outros vícios;

b) idem quanto á sua passagem para o "Razão", se foi feita com regularidade e correção e, no caso de ter havido algum engano, como foi o mesmo corrigido;

c) idem quanto á confeção do balanço mensal (de verificação), que, como já sabemos, é levantado á vista desse livro; confronto da via existente com os remetidas ás repartições supramencionadas;

d) verificar si o saldo do livro "Caixa" confere com o da respectiva conta do "Razão" e si o dinheiro existente está de acordo com o acusado por esse saldo;

e) balancear o "Contas Correntes" afim de examinar a situação da unidade administrativa com o comercio e julgar da sua legalidade;

f) examinar o "Contas Correntes das Massas" para verificar si as dotações orçamentarias concedidas por esse regimen estão sendo devidamente aplicadas ou si não foram excedidas; que não haja estorno;

g) examinar o livro "Carga e Descarga", verificando si o importe dos bens nele registrados sob os diversos titulos (Maquinas e Ferramentas, Moveis e Utensilios, Material de Instrução, Material Belico, Semoventes etc. etc.) concordam com os saldos dos mesmos titulos no "Razão"; verificar si o material cuja existencia este registro acusa existe na realidade, o que se consegue por uma conferencia;

3.º — exame e assistencia permanente na execução dos serviços de contabilidade e administração, na propria unidade, exercidos sobre os encarregados da execução pelos fiscais administrativos e Conselhos de Administração. Essa assistencia versará sobre os mesmos pontos discriminados nas linhas acima, acompanhando com interesse a sua marcha e observando os dispositivos regulamentares que regem o assunto.

Além disso, investigações outras poderão ser feitas a juizo da autoridade inspetora desde que julgue haver algo que vá de encontro ás leis e regulamentos sobre o assunto.

E no mais, concluimos confirmando as seguintes palavras de um nosso mestre: "La comptabilité administrative n'est pas autre chose que l'expression chiffrée de l'action administrative.

Les trois qualités requises par une bonne comptabilité sont: — avant tout, la sincérité que consiste dans la fidèle expression du fait (dépense ou recette); aussi, tous les systèmes (aliás métodos) de comptabilité tendent à l'imposer au moyen de la constatation contradictoire (obtenue soit à l'aide d'éléments de comptes soit d'intérêts administratifs opposés) du fait administratif, dans le temps le plus rapproché de sa manifestation; en second lieu, la clarté qui est obtenue par le groupement synoptique des opérations de chaque partie de la gestion; en troisième lieu, la simplicité aussi grande que possible malgré le nombre des opérations à répertorier et à présenter avec méthode.

La plus grandes des qualités est évidemment la sincérité etc. ".

O acompanhamento da infantaria no combate

(Tradução) pelo Gen. Ref. Castro e Silva

No numero de Setembro de 1931 desta Revista, ao iniciar um rapido estudo sobre artilharia de campanha, ocupei-me do problema do acompanhamento imediato da infantaria no combate e cheghei á conclusão de que ele podia ser feito, tal como é compreendido na nossa doutrina de combate, integralmente pelos morteiros Stokes-Brandt de 81 m/m, salvo, bem entendido os casos de luta contra os tanques e os aviões voando á pequena altura.

Julgo interessante oferecer hoje aos leitores de "A Defesa Nacional" a tradução de alguns trechos do Relatório da Comissão de Artilharia de Campanha do exercito norte-americano publicados pelo Major desse exercito Louis E. Hibbs no numero de Julho-Agosto de 1932 de "The Field Artillerie Journal". (Não conhecendo o inglez, vali-me de uma tradução francesa do artigo em apreço).

Os meus leitores verão que quasi todos os meus argumentos de então veem reproduzidos nos trechos do Relatório da Comissão norte-americana.

E' interessante observar que a Comissão aconselha que o morteiro Stokes-Brandt seja uma arma de artilharia, servida por artilheiros, posta á disposição imediata da infantaria e que, a mais das unidades de morteiros destinadas ao acompanhamento da infantaria, outras sejam atribuidas á propria artilharia divisionaria para o desempenho de certas missões especiais para as quais a arma se presta grandemente.

Passo a palavra ao Major Hibbs.

O Field Artillerie Board (Comissão de Artilharia de Campanha) vem de terminar os ensaios do morteiro Stokes-Brandt de 81 m/m e faz entrega do seu Relatório ao Diretor da Artilharia de Campanha. Esses ensaios tinham por fim verificar se essa arma era para desempenhar o papel de acompanhamento. Parece inutil dizer que é do mais alto interesse para o artilheiro de campanha saber que o Relatório declara que essa arma convém admiravelmente a tal fim e que a Comissão recomenda a sua adoção como canhão de acompanhamento,

bem como para diversas outras missões especiais da artilharia de campanha que estejam dentro de suas possibilidades. (1).

A Comissão discute em seu relatório a questão do canhão de acompanhamento:

Discussão preliminar.

"a) O fim desses ensaios é determinar se essa arma é apta para ser empregada como canhão de acompanhamento. Isso exige um breve exame da questão da artilharia de acompanhamento afim de pôr em evidencia as características que deve apresentar o canhão apropriado a essa missão. A esse respeito dispõe-se de poucos ensinamentos positivos tirados da experiência. A razão é, provavelmente, que outrora tinhase procurado utilizar no acompanhamento da infantaria a artilharia atrelada divisionaria que não fôra concebida nem adotada para esse fim particular; empregada em tais condições, ela mostrou-se a tal ponto imprópria para cumprir a missão que não foi possível tirar conclusões quanto aos processos do emprego tático; a sua falta de eficacia foi de ordem a dar nascimento a serias duvidas sobre a possibilidade de empregar essa artilharia para tal fim".

"b) Em seguida, o aparecimento da metralhadora, base do plano de defesa da infantaria, e o desenvolvimento de sistemas de posições fortificadas protegidas pelas rês de arame farpado, posições, na maior parte das vezes, disfarçadas e desconhecidas para o assaltante; o canhão de infantaria muito movel e de grande potencia; o emprego pela defesa de canhões ante-tanques; a eficacia conhecida dos serviços de informações e o desenvolvimento dos meios de comunicações rápidas, facilitando a pronta transmissão de ordens ás reservas para fazer face ás eventualidades do combate; o desenvolvimento dos projetis e dos aparelhos fumígenos, prejudicando a observação da artilharia do assaltante; a ado-

(1) A proposição da Comissão foi aceita e o morteiro Stokes Brandt de 81 m/m foi adotado no exercito norte-americano. N. d. T.

ção de um plano de defesa elástica forçando a artilharia do ataque a ocupar posições de apoio avançadas, antes mesmo de ser atingida a fase crítica do combate; todas essas circunstâncias fizeram nascer na infantaria assaltante o desejo de possuir uma arma poderosa, sempre à mão e completamente à sua disposição, com a qual seja possível fazer frente a todos os acontecimentos que se produzem em sua frente imediata. A Infantaria procura uma arma que possa neutralizar e destruir as metralhadoras estabelecidas eventualmente em abrigo à prova de bombas bem como os morteiros de trincheira e as metralhadoras atirando de posições entrincheiradas e fortificadas; capaz de abrir brechas nas rês de arame à frente dos entrincheiramentos inimigos e de ajudar a obter e manter, em proveito do assaltante, a superioridade do fogo durante a operação de assalto de uma posição; apta para atacar as tropas da defesa no momento em que se reunem para um contra-ataque; que possa atacar os carros, provavelmente empregados pela defesa; capaz de atacar os canhões ante-tanques da defesa, cuidadosamente dissimulados até o momento de abrirem o fogo sobre os carros do assaltante ou sobre sua infantaria; enfim uma arma adequada, no momento da tomada de uma posição, à organização dessa posição e à sua defesa contra qualquer contra-ataque".

"c) O desejo da infantaria de ter essa arma à sua disposição em seus escalões de assalto e sob seu comando resulta de três razões de ordem geral:"

"1.") Apezar da organização atualmente muito aperfeiçoada dos sistemas defensivos, os fogos de artilharia, cuidadosamente preparados, podem destruir ou neutralizar em muitos casos os dispositivos da defesa; na maioria das vezes, porém, crearseão situações imprevistas que exigem o emprego da artilharia. Muitas vezes o fator tempo assume tal importância que uma ação imediata é suscetível de evitar fortes perdas e permitir a progressão do ataque sem parada apreciável e, coisa capital, com grande facilidade, porque os retardamentos do ataque dão à defesa a possibilidade, tão ardenteamente procurada, de reorganizar as suas forças, de fazer apelo às suas reservas e de melhorar a sua posição. Na maior parte desses casos, uma demora, mesmo a necessária para a transmissão de um pedido de fogo à artilharia de apoio, é conside-

rada como deplorável, ao passo que é possível exercer uma ação mais rápida com uma arma à disposição e sob o comando imediato da infantaria".

"2.") A possibilidade de interrupção das ligações telefônicas ou por T. S. F. e os deslocamentos constantes dos postos de comando, fazem com que não possa existir comunicação continua e segura com a artilharia de apoio; a observação dos objetivos pela artilharia de apoio pode ser dificultada pela má visibilidade, ou mesmo esses objetivos podem ser invisíveis dos postos de observação dessa artilharia; a designação dos objetivos pode tornar-se assim extremamente difícil e a eficácia do fogo diminui pela falta de precisão nos grandes alcances. Além disso, as informações que chegam à artilharia de apoio são geralmente orais, na maior parte das vezes em segunda ou terceira mão, e, devido às demoras de transmissão, atrasadas. Todos esses fatores se juntam para diminuir a eficácia da artilharia de apoio comparadamente com a que poderia ser realizada por uma arma da mesma potência nas mãos da infantaria e acionada normalmente na zona ocupada pelas tropas de primeira linha".

"3.") Em qualquer momento do combate — e sem que a infantaria possa prever — o fogo da artilharia de apoio pode ser suprimido por ordem do Alto Comando em vista de concentração eventual sobre outra zona. Se bem que isso não deva se produzir senão em caso de necessidade e em momentos em que essa supressão se justifique para sustentar um ataque em situação crítica, é todavia verdade que pode existir no espírito do Chefe da infantaria a noção de que, em dado momento, ele poderá ver-se privado de sua artilharia de apoio. Demais, durante o avanço por escalões, haverá necessariamente um período de tempo no qual as possibilidades da artilharia de apoio serão reduzidas. Tal redução de possibilidades pode, certamente, ser prevista em duração e importância; mas, não depende, nem direta nem indiretamente, do Chefe da infantaria, porque deve ser coordenada pela Divisão em função do tráfego geral das estradas".

"d) A necessidade de uma arma poderosa, sob o comando da infantaria, marchando com ela no combate, encontra a sua maior justificativa no ataque de uma posição preparada para a defensiva por zonas;

ela se justifica, em grau menor, a propósito de qualquer ação ofensiva da infantaria".

"c) Uma arma destinada a ser empregada nas condições definidas acima, isto é, como canhão de acompanhamento, deve possuir as seguintes características":

"1) **Mobilidade.** O canhão de acompanhamento deve ter a mesma mobilidade das tropas cuja ação ele apoia, condição que se mantém em estreita ligação com o peso da arma, o de sua munição e o modo de transporte".

"2) **Peso.** A arma deve poder ser decomposta em cargas suscetíveis de serem transportadas á mão em terreno difícil".

"3) **Alcance.** Os objetivos próprios á essa arma serão encontrados, comumente, dentro do alcance da metralhadora da infantaria assaltante e, partindo da ideia de que a utilização eficaz da arma depende em parte do fato de ser ela acionada nas proprias linhas da infantaria assaltante, um alcance de 2.800 a 3.000 jardas é considerado suficiente e dará mesmo alguma margem para a escolha das posições de tiro".

"4) **Vulnerabilidade.** Uma tal arma, dotada de potencia que justifique sua presença na zona de combate, tornar-se-á necessariamente um alvo que o inimigo procurará por todos os meios inutilizar no momento em que ela abrir o fogo. Se ela tem de servir a sua propria infantaria de maneira continua, é preciso que seja oculta ao inimigo e, não sómente ás suas vistas, mas tambem suficientemente dissimulada para fazer subsistir a duvida sobre a sua posição e pô-la ao abrigo dos fogos de fuzilaria e das metralhadoras, fogos que varrem a frente".

"A mais dessa necessidade de ser protegida contra o fogo inimigo quando atira, é essencial que a arma seja apta, durante os seus deslocamentos, para aproveitar as cobertas e dobras do terreno: donde a necessidade de ser transportada á mão".

"5) **Projétil.** O projétil deve ter sensivelmente a mesma potencia do canhão de 75 m/m; deve ser uma granada (e não um shrapnel), munida de espoleta instantânea contra o pessoal e as rês de arame e de espoleta de pequeno retardamento contra os abrigos".

"6) **Velocidade de tiro.** A velocidade de tiro deve ser tão grande quanto possível sem prejuizo da precisão, porque é desejável uma ação rápida contra todos os objetivos".

"7) **Precisão.** O elemento tempo e, principalmente, a necessidade que se impõe de poupar as munições, exigem uma extrema precisão da arma; as pequenas distâncias a que ela terá provavelmente de atirar permitirão, sem duvida, que se faça a observação suficiente para aproveitar em alto grau a precisão".

"8) **Trajetória.** Para que se possa obter um bom desenfiamento ás distâncias habituais de seus objetivos, é preciso que essa arma não seja de trajetória tensa. A condição vital do desenfiamento impõe, pelo menos, o tiro mergulhante, sendo todavia preferivel o tiro vertical. A necessidade de grandes angulos de queda para atingir objetivos (fortemente desenfiados) nas trincheiras ou nos bosques, por tráz de coberturas artificiais, e para permitir o tiro á muito pequena distancia á frente da infantaria (dentro dos alcances habituais do canhão de acompanhamento), sem perigo para esta, condenam o emprego de uma arma de trajetória tensa e de grande velocidade inicial".

"Em geral, as armas que fazem o tiro mergulhante ou o vertical satisfazem melhor ás condições de peso, tanto para a propria arma como para suas munições, e também ás de precisão".

"Devido á fraca velocidade inicial, á duração de trajeto relativamente longa e ao grande angulo de queda, as armas de tiro mergulhante ou vertical não convêm ao ataque dos carros de combate. Esse tipo de objetivo exige uma arma de características inteiramente diferentes das que convém aos demais objetivos do canhão de acompanhamento. Os carros de combate não devem, pois, ser tomados em consideração concernentemente ao canhão de acompanhamento, embora ele tenha de toma-los sob o seu fogo em caso de necessidade e na ausencia de arma apropriada para bate-los".

"Cremos saber que tem sido estudada no estrangeiro uma arma capaz de fazer o tiro tenso com grande velocidade inicial e o tiro curvo ou mergulhante com velocidade inicial reduzida; mas, somos de parecer que uma tal arma, a duplo fim, não poderá ter a mesma eficácia nos dois casos de emprego. A Comissão estima que os estudos devem tender para o desenvolvimento de uma arma especial para cada caso e não chegar a um hibridismo, de tal maneira sâo

diferentes, para cada caso, as características requeridas".

E' interessante fazer sobressair a grande divergência das características requeridas de um lado para o canhão de acompanhamento e de outro lado para o canhão antitanque. Isso explica a razão pela qual retirou-se (**no exercito americano—Nota d. T.**) ao canhão de acompanhamento a missão que até então parecia lhe competir, sem dúvida porque a única arma de acompanhamento que possuímos era particularmente apta ao tiro contra os carros de combate. A supressão dessa missão do canhão de acompanhamento terá provavelmente influência considerável sobre a concepção do canhão ante-tanque do futuro; com efeito, a separação das duas armas permitirá realizar-se um canhão ante-tanque sob forma muito mais eficaz, sem se procurar a arma única, boa para as duas missões.

O artilheiro de campanha, obrigado outrora a considerar o 75 montado como canhão de acompanhamento, que teve ocasião de comanda-lo como tal em combate, sentir-se-á contente em pesar as possibilidades do morteiro de 81 m/m empregado em seu lugar.

Eis uma arma transportável á mão por tres homens, em terreno dificil, a distancias que podem atingir, em um só lance, até cerca de 1000 jardas, sem fadigas excessivas, podendo mesmo esse transporte ser feito, em pequenas distancias, em passo ginastico. E' o ideal como mobilidade no campo de combate. Seu transporte, fóra da zona do combate, pode ser feito em qualquer especie de veículo ou em dorso de animal. Quem quer que se tenha visto em frente do problema do desenfiamento de um 75 montado, na zona da frente, com aquele que consiste em evitar perdas, com o do transporte quando suas atrelagens foram dizimadas, poderá apreciar as enormes vantagens oferecidas pelo transporte a braços de homens. O canhão movimentado dessa maneira poderá utilizar ao extremo todas as possibilidades de coberta; poderá deslocar-se rapidamente em terreno acidentado sobre o qual os seus portadores procurarão se abrigar individualmente; a perda de um só homem não afetará a capacidade de transporte dos demais, como seria o caso em se tratando de um animal que fizesse parte de uma atrelagem; a substitui-

ção do homem indisponivel pode ser feita sem a menor demora.

O mais leve dos dois tipos de projetis apresentados nos ensaios pesa cerca de um terço do tiro completo de 75 m/m e é considerado como tendo eficacia equivalente á deste contra o pessoal não protegido por abrigo adequado. Um projetil mais pesado, de cerca de 14 libras, tem a mesma eficacia, relativamente á unidade de peso do metal, que o de tipo leve; atirado com espoleta munida de retardo, é de grande eficacia contra o tipo o mais aperfeiçoado de abrigo leve e a sua eficacia, nesse caso, pode ser avaliada em tres vezes a do projetil leve. Um dos projetis do tipo pesado, munido de espoleta com retardo, furou o teto de um abrigo constituido por duas camadas de tóros de 4 a 5 polegadas de diametro separadas por 14 polegadas de terra, arrebenhou no interior e fez saltar uma bôa porção desse teto quebrando diversos tóros e lançando outros a cerca de 15 pés no ar. A eficacia dos dois tipos de projetis sobre abrigos detonados não foi posta á prova mas, dada a fraca velocidade com que eles atingem o objetivo, parece que ela será duvidosa.

Apreciar-se-á facilmente a enorme economia no peso das munições que tem de ser mandadas para a frente para o canhão de acompanhamento e tambem, devido ao transporte á mão, a grande simplicidade do problema desse transporte. Comparativamente ao projetil do 75 montado — e na gama dos alcances da arma — notar-se-á que a eficacia contra o pessoal, referida ao peso do tiro completo, é aproximadamente de 3/1.

A arma, sendo um morteiro, apresenta a vantagem muito apreciável de poder atirar de posições situadas por tráz de taludes mui ingremes, de uma casa, dentro de escavação produzida por granada e em matagal. A trajetoria muito curva permite atingir posições fortemente desenfiadas e convém admiravelmente ao ataque da infantaria entrincheirada, ao tiro sobre objetivos situados dentro de bosques e para bater numerosos objetivos que seriam interditos a um canhão de trajetória tensa e de grande velocidade inicial. Graças ao seu grande angulo de tiro, o morteiro se presta ao tiro a pequenas distancias á frente da infantaria amiga; o seu fogo pode ser aber-

to a cerca de 150 jardas á frente desta, com toda a segurança e sem nenhum perigo.

O alcance do morteiro, com o tipo do projétil leve, é de 3.300 jardas e considerado amplamente suficiente para um canhão de acompanhamento; com o projétil tipo pesado, ele baixa a cerca de 1.300 jardas. Parece provável que o projétil pesado só será fornecido quando se julgar que a natureza das instalações inimigas o exija — abrigos de campanha reforçados.

A precisão dessa arma é notável; seu desvio provável em alcance é vizinho de 1/200 da distância de tiro e em direção de 1/400 dessa mesma distância.

A Comissão deu parecer favorável ao projétil de exercício; este é um projétil carregado de polvora negra e breu e organizado de tal modo que a ogiva se destaca no momento do arrebentamento; torna-se então inutil observar grande parte das medidas de segurança usuais para o tiro. Esse projétil é muito útil para o treinamento do pessoal, embora se diga que o arrebentamento seja difícil de ser observado às grandes distâncias devido à fraca produção de fumo no tipo atual.

A velocidade de tiro máxima do morteiro é muito elevada e atinge a 30 tiros por minuto. A estabilidade da arma, depois de três tiros de fixação, é de tal ordem que pode se realizar um fogo preciso com essa velocidade.

O relatório da Comissão discute o transporte da arma em combate, como canhão de acompanhamento, e seus outros empregos táticos.

Transporte em combate:

"1) da arma. O transporte à mão constitui o melhor meio de movimentá-la em combate, isto é, a melhor solução do problema da vulnerabilidade nos deslocamentos em terreno acidentado. A Comissão estima que, por uma seleção conveniente do pessoal é um treinamento judicioso, a questão da fadiga resultante desse modo de transporte tornar-se-á despresável. Sob esse aspecto, poderia parecer à primeira vista que os pesos das cargas unitárias seriam suscetíveis de redução pelo emprego de ligações metálicas ligeiras, mas é provável que tal redução de peso viesse afetar desagrada-

davelmente a estabilidade da arma; a questão merece todavia ser estudada".

"2) das munições. Considerando que essa arma deve ser empregada pela Artilharia de Campanha como canhão de acompanhamento e, como tal, se adjuntar à presente organização divisionária, torna-se necessário prever alguma coisa para o remuniciamento à frente do parque de munições de artilharia. Esse modo de remuniciamento deve ser inteiramente independente do da artilharia divisionária. Desde o parque divisionário até a um ponto situado à retaguarda da zona batida pelo fogo das pequenas armas do inimigo, o transporte das munições deve ser por caminhões, de preferência por caminhões de 1,5 toneladas, de quatro rodas motôradas, capazes de rolar em terreno variado. Esses veículos podem assim estabelecer um ou mais centros de distribuição servindo um ou mais morteiros e operando na frente dos parques divisionários. Seria desejável que os centros de distribuição avançados coincidissem com os centros de distribuição de munição dos batalhões de infantaria, afim de simplificar o plano geral do trânsito. No plano de remuniciamento da infantaria utilizam-se as viaturas de combate do batalhão para transportar as munições de infantaria da retaguarda para os centros de distribuição do batalhão; parece, pois, razoável supor que tais pontos sejam acessíveis aos caminhões encarados acima para o transporte".

"O transporte das munições entre os centros de distribuição avançados e as posições dos morteiros apresenta uma certa dificuldade em vista do peso a transportar e da necessidade do desenfiamento para serem evitadas as perdas pelo fogo inimigo. Nesse último trecho, o transporte pode ser feito por animais, pequenas viaturas, por um sistema motorizado especial ou à mão (carrinhos puxados pelos homens ou transporte das caixas à mão)".

"O transporte em viaturas atreladas, nessa zona avançada, apresenta vantagens à vista da grande quantidade de munições que pode ser levada de uma só vez; um animal, em terreno ordinário, pode arrastar uma viatura conduzindo 40 a 60 completos de projétil normal. Mas, apresenta o inconveniente de não poderem ser utilizadas

no maximo as coberturas; não é rapido; se o animal é ferido, sua carga deve ser confiada a outros meios de transporte, donde atrazos para a totalidade da carga; alem disso, mesmo no caso em que vingue o transporte em viatura atrelada, torna-se necessario fazer um certo percurso levando as munições á mão. O emprego de animal de cangalha permite transporte mais rapido e melhor utilisação das cobertas do terreno, mas o peso das munições transportadas é menor".

"A Comissão estima que o transporte da arma, do seu pessoal e do seu municiamento inicial (o caminhão torna-se disponivel para o serviço das munições desde que a arma é posta em ação) oferece vantagens tão importantes que o transporte em viatura hipomovel, no ultimo trecho da cadeia de remuniciamento, deve ser completamente posto de lado".

"A ideia de um veículo a motor para o transporte das munições para a frente, através da zona batida pelos fogos, não pode ser aceita. A Comissão desconhece a existencia desse pequeno veículo a motor, capaz de utilizar ao maximo as cobertas e de atravessar os terrenos accidentados".

"A Comissão pensa que o soldado a pé constitue o melhor meio de transporte, ao mesmo tempo rapido e seguro, no ultimo trecho da cadeia de remuniciamento. Um homem ordinario pode carregar 9 tiros completos de projétil normal, acondicionados em caixas apropriadas, fazendo sem fadiga exagerada percursos superiores a 1000 jardas. Calculando em 1500 jardas a distancia de transporte normal, um homem poderia percorre-la, ida e volta, em 40 minutos a uma hora; na hipotese de 9 remuniciadores por morteiro, este poderia receber cerca de 63 tiros completos de projétil normal, ou cerca da metade em projétils de grande capacidade. Essa mesma quantidade de munições poderia ser transportada em uma pequena viatura puxada por tres homens; mas, cairíamos de novo na inaptidão da viatura para a utilisação otima das cobertas, nas dificuldades inerentes accidentados e nos longos atrazos em caso de ser a viatura atingida pelo fogo. Seria conveniente fazer ensaios nesse sentido".

Outros empregos táticos.

"1) A Comissão prevê para essa arma um vasto campo de utilisação, levando em conta as suas possibilidades de alcance. No decurso de todas as operações ela permite um enorme acrecimo da potencia de fogo, sem grande custo em transporte, pessoal e munições e com o minimo de complicações no que concerne ás posícões, ás comunicações e ao remuniciamento da artilharia divisionaria. Com efeito, o seu grande angulo de queda facilitaria mesmo a missão da artilharia divisionaria, permitindo resolver alguns problemas dificeis que se antolham a esta ultima devido aos angulos mortos".

"2) Todas essas armas — e mesmo algumas outras a mais das destinadas a operar como canhão de acompanhamento (*) — podem participar dos tiros de preparação que precedem o ataque. O pessoal que serve essas armas suplementares pode continuar em seus postos até que seja atingido o limite maximo de alcance do morteiro; essas armas tornam-se então disponiveis e seu pessoal e meios de transporte podem concorrer ao serviço de reabastecimento, tornando cada vez mais difícil, e assegurar as substituições eventuais".

"3) A mobilidade da arma, o peso fraco dela propria e de suas munições, prestam-se admiravelmente ao apoio da infanteria em caso de desembarque nas costas inimigas, de travessia de cursos d'agua e em terreno montanhoso".

"4) O grande angulo de queda dos projétils é muito favoravel para todas as operações defensivas e especialmente quando se trata de defender declives cobertos de vegetação forte, margens de rio, de combates de ruas, de terrenos revolvidos e muito montanhoso".

"5) A Comissão estima que o preço da arma e a rapidez provavel de sua construção (pontos em que o morteiro leva superioridade notavel sobre qualquer canhão raiado) são de importancia capital para a sua adoção final como arma destinada a servir de canhão de acompanhamento".

PROJETO DE LEI DE PROMOÇÕES

Pelo 1.º Tenente Felicissimo de Azevedo Aveline

Da leitura do projeto de Lei de Promoções publicado no Boletim do Exercito n.º 80, de 30 de Novembro de 1931, e da "exposição de motivos" que precede ao dito projeto, julguei de meu dever apresentar as sugestões que se seguem, as quais nada mais exprimem do que o desejo de expressar meu modo de pensar sobre artigos do projeto que, julgo, devem ser modificados.

I

No art. 69 § 1º, do Cap. IV — Promoção por bravura — deverá ser suprimida a expressão "ou quando dele resultarem sacrifícios inuteis" pois que será muito difícil, quiçá impossível, ao soldado (oficial ou praça) prever que de seu ato de bravura vai resultar um sacrifício inutil, e mais ainda porque, em grande parte dos casos, o ato de bravura independe da vontade do ator.

II

O art. 70 deve desaparecer visto como não tem ligação alguma com os outros artigos do Cap. IV — promoções por bravura — a não ser que ao espírito da comissão organizadora do projeto da lei, tenha ocorrido a intenção de só julgar merecedor de promoção por bravura o militar em ação no teatro da guerra. Mas, mesmo que tal fosse a intenção, com mais forte razão ainda deveria desaparecer o art. 70, visto como o militar pôde praticar atos "fóra do teatro da guerra, propriamente dito, que o façam um bravo, e dos quais resulte talvez a vitória das armas de sua Patria, e, parece-nos por isso injusto que a lei não considere tais atos como sendo de bravura.

III

O art. 71 deverá ser substituído pelo seguinte:

"Só haverá promoção por bravura em caso de guerra externa, e por atos praticados durante a mesma. Essa promoção poderá ser feita pelo comando em chefe, em determinado teatro de operações, ou pelo comando supremo.

§ Unico — A promoção por bravura não é obrigatória; só as autoridades referidas neste artigo podem formar juízo sobre a ação determinante de tal medida e da sua conveniencia".

Parece-nos que a nenhum militar é licito ufanar-se do sangue derramado em lutas intestinas no seio da Patria; devemos ter sempre em mente as palavras de Caxias ao padre que foi convidado para a missa festiva pela vitória do Duque, em uma das nossas lutas internas: "Não levanto troféus sobre o sangue brasileiro; vá reverendo, vá, entoê missa por alma dos finados, e eu lá estarei para rezar por eles". Essas palavras fulminam a incapacidade e a baixeza de sentimentos dos organizadores da festa, e hão de mostrar sempre ao soldado brasileiro o caminho réto do dever.

A incapacidade política dos nossos homens de governo tem arrastado o nosso Exercito a atos de revolta, e tudo leva a crer que dessa situação não sairemos tão cedo.

A cultura política e o progresso de homens de governo não se fazem da noite para o dia. A politicagem rondará ainda por muito tempo os muros das casernas. E' preciso que a lei feche de uma vez para sempre essa porta das promoções por bravura em lutas intestinas, que não devem ser aspiração de militar algum, oficial ou praça.

IV

Quanto ao Cap. V — fichas de informações — achamos de difícil aplicação na prática, devido à série de exigências de requisitos impossíveis de serem comprovados conscientemente, e por isso devem essas fichas ser simplificadas, afim de poderem ser aplicadas.

Achamos mesmo que muitas exigências das fichas são "demasiado benévolas", e, para não nos alongarmos, vamos citar um exemplo: assim, no numero um das especificações das qualidades de caráter — probidade no trato dos dinheiros e bens públicos e particulares achamos que o oficial que não for honesto no trato dos dinheiros e bens públicos, deverá ser afasta-

do do trato dos mesmos, visto como essa qualidade não deve ter meios termos; ou o oficial é honesto, probo, ou não o é; e neste ultimo caso deverá ser, sem perda de tempo, afastado do Exrcito, incompatibilizado para qualquer outro cargo na administração ou governo da Nação.

Quanto ao trato dos bens particulares, acho que não deve figurar na lei, pois que, num país de cultura geral rudimentar, com uma minoria alarmante de individuos cultos e probos, na verdadeira acepção dos vocabulos, não devem as leis se imiscuir na vida particular do cidadão, a ponto de quererem distinguir si ele é probo no trato dos dinheiros e bens seus. Figurando essa e outras exigencias semelhantes para o julgamento do oficial na lei de promoções, cometériam os o risco de construir um edifício de aspéto imponente, mas de alicerces duvidosos.

V

Achamos que o Cap. VI — caderneta de anotações — é uma concepção ideal, e como tal irrealizável na pratica, devendo por isso ser substituída por um modo mais simples, ou melhor, menos complicado, de julgamento.

A autoridade anotadora, ou antes, as anotações de uma autoridade só devem ser validas no caso do oficial servir sob suas ordens pelo prazo mínimo de um ano de efetivo serviço, visto como devido às frequentes substituições em comandos de sub-unidades, unidades, etc., etc., não poderá um chefe criterioso julgar dos atos de seus subordinados. E' nossa crença pessoal que a "caderneta de anotações" ideal do Cap. VI, não poderá ser posta em pratica nunca, tendo assim o destino da maioria das leis no nosso País — não são executados — ou provocará uma serie de injustiças que originarão reclamações dos prejudicados, as quais em pouco tempo terão modificado por completo o atual Cap. VI

Convocação da assembléa geral

Apesar dos esforços envidados pela direção desta Revista para que sua publicação retomasse o curso normal, aparecendo sempre nos primeiros dias de cada mês, o acúmulo de trabalho da Imprensa Nacional, onde a mesma se imprime, anulou aquele desideratum.

Por esse motivo, resolveu a direção fazer imprimir a Revista numa tipografia particular. Essa providen-

cia, no entanto, não impede que o aviso referente á assembléa geral dos socios, inserto no numero de Janeiro do corrente ano, chegue tardivamente ao conhecimento dos interessados.

Fica portanto transferida para o mês de Abril vindouro a convocação da ssembléa geral dos socios, realizando-se a primeira reunião no dia 12 de Abril e a segunda, no dia 19 do mesmo mês.

A ENTREGA DE DIPLOMAS NA E. E. M.

Discurso do Cap. José Faustino Filho

Exmo. Snr. Representante do Chefe do Governo Provisorio.

Exmos. Snrs. Ministros de Estado e Generais de Terra e Mar.

Minhas Senhoras, meus Camaradas e meus Senhores.

Aqui me traz o desempenho de uma ardua quão honrosa missão, qual a que me foi outorgada pelos colegas de turma, categoria A, que vão receber o diploma do curso de estado maior.

Duas incumbencias me deram: — uma, a de agradecer aos caros mestres da M. M. F. os ensinamentos que nos proporcionaram e a outra, de expor numa síntese singela, o papel do oficial de E. M. perante a nação; qualquer delas está acima dos meus recursos intelectuais, apoucados que eles são.

Aprendi porém, na vida do grande Jofre que, quando se lhe apresentava uma situação difícil, a qual tinha o dever restrito de resolver, ele a encarava como se ela fosse o mais difícil dos problemas com que pudesse deparar.

Assim vou proceder.

AGRADECIMENTOS A M. M. F.

Antes de apresentar os nossos agradecimentos aos caros mestres da M. M. F., quero fazer ligeira referencia aos seus predecessores, áqueles que aqui primeiro apontaram e nos trouxeram os fundamentos da cultura e do genio militar francês.

Ao ser proclamada a nossa independencia, já existiam nas fileiras do Exercito, provindos do Brasil colonia, diversos oficiais estrangeiros contratados e, dentre eles, sobresairam pela cultura e dedicação á nossa patria, os oficiais franceses.

Sendo muitos os nomes ilustres e os feitos valorosos, vou apenas referir os dois maiores vultos, que tão grande projeção tiveram na nossa historia.

Do emerito artilheiro Emilio Luiz Mallet, que as mais brilhantes paginas escreveu em Paisandú e no Paraguai, salientarei, exclusivamente, aquela que tanto o recomendou á admiração dos posteros pela sua esclarecida previsão.

Penetrando em Tuiuti e julgando má a posição que devia ocupar — pois o artilheiro nunca acha bôa a posição que não seja por ele mesmo escolhida — reune seus oficiais e diz-lhes, que ali estavam sujeitos a serem envolvidos até mesmo pela cavalaria, razão porque ordenava que se abrisse em frente á posição, largo e profundo fosso, cujas terras deviam ser espalhadas para nada dar a perceber ao inimigo.

No dia seguinte linhas continuas de fardas vermelhas surgem nas espessas matas de Rojas. Em breve, adejam no ar estandartes tricolores e flamejam ao sol as reluzentes espadas dos cavalerianos paraguaios, que se dirigem diretamente ás posições de Mallet. Ao se aproximarem desenvolvem-se em batalha e num desabrido galope de carga vão enxesti-las, vociferando estrepidosos gritos de guerra para amedrontar o inimigo, segundo a velha uzança graraní.

Mas quando divisam o enorme fosso e comprehendem que não é possivel transpolo, perdem a cabeça, embolam-se, redemoinham; enquanto Mallet comanda: — "granada e metralha, espoleta a 6 segundos!" Os que não são atingidos pela metralha fogem e vão procurar abrigo em Iataití-Corá, em frente aos argentinos.

Hilario Marcó reagrupa seus regimentos e durante 4 horas a fio tenta novas investidas, todas infrutíferas. Por fim dos seus 3.000 cavalerianos só restam 500, que fogem e se ocultam no mato. Ficou assim frustado o plano paraguaio, pois sua cava-

laria que devia despontar os flancos e cair sobre a retaguarda aliada, insiste teimosamente no ataque ao "foso do boi de botas", ante o qual é dizimada pelo "fogo de horror" das "querridas pecinhas" de Mallet, tal como as denominava seu ataque acentuadamente gaulez. E, mais do que a Osorio, Sampaio, Argolo, Flores, Paunero; cabem a Mallet as honras do dia, pois com sua argucia soube tirar partido do terreno e assegurar a vitória para as armas aliadas na maior batalha campal da América.

Justíssimo foi pois, o recente ato do autal governo escolhendo-o para patrono da artilharia brasileira.

Outro grande vulto a que não posso deixar de me referir é o do novel general que aos 27 anos de idade, teve a honra insigne de ser escolhido para continuador de ação do maior cabo de guerra da América, — Duque de Caxias, — e que foi Sua Alteza, o Sr. Marechal Gastão de Orleans, Conde d'Eu, o qual durante o último ano da campanha conduziu aquele aguerrido exército brasileiro através os acidentados terrenos das Cordilheiras e, após, traçou e executou o plano da captura de Lopes, pondo assim o desejado termo à guerra do Paraguai.

Pela 2ª vez bateu o exército brasileiro às portas da França e agora, si não pede oficiais para as suas fileiras, solicita mestres para as suas escolas. E a França, divisa e cavalheiresca, nos manda a elite do seu exército, o que importa dizer: — os mais abalisados mestres do melhor exército do mundo!

Para comprova-lo basta citar o nome do seu 1º chefe, Sua Excia. o Sr. Gen. Gamelin, que ocupa a alta investidura de chefe do grande estado maior francês. Desejamos melhor expressar nossas homenagens aos seus ilustres continuadores, vou me servir duma passagem histórica.

O General Pershing, que chegara a Paris com o 1º contingente das tropas americanas, foi visitar o tumulo do Marquês de Lafayette, o 1º voluntário das tropas francesas que, em fins do século XVIII, vie-

ram auxiliar os Estados Unidos na luta pela sua independência.

Ante aquele tumulo, o Coronel Stanton, do seu E. M. pronunciou o maior discurso que a história registra e que consistiu nestas três palavras: — Lafayette, aqui estamos!

Parafraseando este discurso, nós vo-lo dizemos agora: — Senhores oficiais da M. F. — nós aqui estamos!

Aqui estamos para dizer dos fecundos e proveitosos ensinamentos que nos prodigalizastes.

Aqui estamos para afirmar que fostes mestres dedicados e inecedíveis na arte do comando haurida na grande guerra.

Aqui estamos e estaremos sem que para asseverar que, acima de tudo, nos destes um método de raciocínio e fazendo trabalhar nosso cérebro nos "ensinastes a pensar", segundo a máxima de Foch e a dar uma solução lógica a qualquer assunto.

Outras despedidas devemos fazer.

Ao prezado comandante, General Christovão Barcelos e aos distintos camaradas auxiliares do ensino, nossos agradecimentos pela maneira gentil com que souberam aliar as exigências escolares à lhaneza do fino trato. Tratemos a seguir da nossa 2ª incumbência:

O CHEFE

Esta Escola prepara os colaboradores imediatos do comando, e dentre eles sairão aqueles que terão de assumir este mesmo comando, o que importa dizer: — o chefe que na hora fatal, marcada por Deus, vai decidir do destino do seu povo.

A tropa vale o que vale seu chefe.

A história nos dá inúmeros exemplos de exércitos onde, a simples substituição do chefe inverteu a sorte das armas. O exército francês que, em 1796, operava na Itália, vinha sofrendo sucessivas derrotas, estava faminto e maltrapilho, quando Napoleão assume o seu comando, ele passa a obter uma série de vitórias e vai quasi que

expulsar do territorio o velho dominador austriaco.

O exercito alemão que na grande guerra, se retirava ante a avalanche moscovita, deu aquelas duas extraordinarias vitorias que foram: Tannenberg e Angerburg, exclusivamente, a substituição de comandos, que recairam em Hindemburgo e Ludendorff.

Napoleão já tinha afirmado: — “que a presença do General é indispensavel, pois que ele não só é a cabeça, mas é tudo dum exercito.

Não foi o exercito romano que submeteu a Galia, — foi Cesar; não foi o exercito cartaginez que fez tremer a republica ás portas de Roma, e sim Anibal; não foi o exercito macedonio na India, porém Alexandre; não foi o exercito francês que levou a guerra sobre o Weser e o Iun, fe-lo Turenne; não foi o exercito prussiano que defendeu a Prussia durante 7 anos contra as 3 maiores potencias da Europa, mas Frederico — o grande”.

A atuação do comando é tão decisiva que o Imperador Leon — o filosofo — comparou-a a cabeça duma cobra que, uma vez esmagada, nada ha a temer do seu corpo. Data da morte de Gustavo Adolfo a decadencia dos suecos e consequente desmembramento do seu Imperio.

Provada assim, embora rapidamente, tal influencia, escusado se torna falar-vos dos predicados morais e intelectuais que o chefe deve possuir, basta lembrar-vos o conceito de Desaix, o heroe do Marengo: — “O comando dum exercito é o que ha de mais dificil sobre a terra, é a função que exige maior capacidade”.

O E. M. NA GUERRA

Relativamente a organisação do E. M. ouçamos o caro mestre Coronel Baudoin: — “Com o imenso aparelho de um exercito moderno, é bem evidente que um chefe qualquer que sejam suas qualidades, não pode ao mesmo tempo, imaginar, decidir,

executar uma porção e se ocupar das multiplas questões de detalhe. O pessoal necessario a todo esse trabalho constitue o E. M.”.

“Foi uma das falhas de Napoleão, prosegue o mestre, ter sido ao mesmo tempo, poderei dizer, o chefe e o E. M., ele queria fazer tudo e tudo regular pessoalmente e como não podia estar em toda a parte lá onde não se encontrava, experimentou insucessos”.

O E. M. é quem prepara todos os elementos necessarios ao chefe para que esse tome sua decisão, a qual vai após traduzir em ordem e desta ainda vai verificar a execução.

Possuido da ideia do chefe o E. M. tem que se despersonalizar, exposando-a tão fielmente e com tanto entusiasmo, como se ela fôra sua propria ideia. Difícil é porém, desempenhar-se um papel quando este está em oposição ao proprio temperamento. Tal sucedeu na grande guerra com o Tenente-Coronel Heutsch, do G. Q. G, alemão, que ese achava destacado junto ao 1º Exercito, por ocasião da batalha do Marne.

A situação era difícil, mas como havia crise de ambos os lados, a balança da gloria ainda oscilava. O sucesso pertenceria a quem tivesse vontade mais firme, fosse mais constante e persistente.

O Tenente-Coronel Heutsch, não tendo instruções precisas, cede a seu temperamento pessimista e não hesita, por iniciativa propria, em ordenar a retirada, informa Von Kuhl, que era o chefe de E. M. do referido 1º Exercito.

Joffre ganhou a partida.

O E. M. NA PAZ

O trabalho no E. M. não cessa nunca, quando após um grande esforço a tropa desfruta necessario repouso, o E. M. vai preparar as futuras operações. Si assim sucede nas pequenas intermitencias da guerra, igualmente acontece nos grandes intervalos da paz.

Já o Padre Antonio Vieira dizia: — "na maior paz ter as armas e armados prestes. Paz desarmada é mais arriscada que a própria guerra".

A segurança dum país importa em ter em armas, prontas a entrar instantaneamente em ação, as forças suficientes a contar as primeiras agressões, durante o tempo necessário a serem mobilisadas as reservas; que hoje se estendem a todas as energias nacionais das máquinas de costura ás uzinas metalurgicas.

Os metodos, os processos a serem adotados, a orientação a seguir-se, têm que obedecer a planos de utilização logica e previamente estabelecidos.

O aproveitamento dos sistemas de viação, as adaptações nos mecanismos, enfim, de todas as forças nacionais para as atividades guerreiras, é obra dos tecnicos militares em colaboração intima com elementos dirigentes do país.

Tal é o complexo papel do E. M. dumha nação na paz.

Não basta porém, tornar conhecidos teoricamente estes problemas, é preciso praticamente resolvê-los, educando o espirito militar da nação e acompanhando todo o aperfeiçoamento social, desenvolvimento industrial e progresso científico, que exercerão fatalmente sua influencia na organização da nação para a guerra.

Esta solução só será encontrada se houver intima colaboração entre o E. M. e o governo; sendo este o responsável pelos destinos da nação, a ele cabe prover as organizações militares daquilo que elas precisam para serem eficientes. Fornece o E. M. os dados do problema, expressos em noções da tecnica militar e o homem de estado vai então, transformá-los nos elementos elucidativos que vão tornar exequivel aqueles projetos.

A politica da guerra hoje exige, tanto do oficial de E. M. como do estadista, uma bagagem científica bem mais farta que aquele do metier de qualquer profissão, pois que terão de encarar desde os dificeis

problemas economicos e financeiros do proprio país, ao intrincado labirinto da política internacional.

"Em quanto que o homem de negócios, diz o General Gamelin, põe em jogo, ápenas, a sua fortuna ou a dos que voluntariamente nele confiam; o homem de estado e o homem de guerra são responsaveis pelos interesses nacionais. Seria uma ofensa injustificavel, supor-se que eles arcam com esta grave responsabilidade, sem a compreender ou sem lhe sentir o peso".

DOUTRINA DE GUERRA

Desencadeada que seja à guerra, falecemos o tempo para experiencias e improvisações e as insuficiencias e erros que existirem, serão insuperaveis; daí a necessidade imprescindivel do estabelecimento com programa previo capaz de congregar convenientemente todos os esforços, metodizando-os segundo ideias bem definiveis e perfeitamente exequiveis.

Programa que contenha uma larga previsão, pois que não pode visar apenas o dia que vivemos, mas refletir-se sobre a geração vindoura, donde não poder comportar um carater opinativo e individualista. Si ele vai orientar a vida dum organismo complexo como o de uma nacionalidade, tem que lhe exprimir o pensamento e a vontade, articular-lhe todos os desdobramentos e sentir suas pulsações, como parte que é de sua propria essencia; pairando acima de tudo e de todos, realizando o esforço apostolico de isentar-se das paixões ambientes para que possa assinalar ritmica e desassombradamente as verdadeiras tendencias e anseios nacionais.

Pensar num programa é firmar uma orientação e esta tem de provir dumha doutrina de guerra, — que nascida nos cerebros diretores, esteja enraizada e amadurecida nos seus orgãos especializados, os quais devem existir, com todas as suas ramificações, dentro do E. M.; pois a ele cabe a excepcional tarefa de ser ao mesmo tempo o aparelho de caldeamento das aspi-

rações patrióticas, condensador das energias nacionais e plasmador de uma orientação que conjugue o estado de desenvolvimento da ciência com as condições e os interesses superiores do País.

Eis porque, Senhores, a formação e o aperfeiçoamento do oficial de E. M. constitue a pedra de toque do problema militar de uma nação.

"O povo não quer decepção, exclama o grande Foch, ele reclama a vitória do seu corpo de oficiais, do seu E. M., do seu comando.

Estarão eles realmente preparados para isto?"

Aqui não ha como transigir: ou o oficial de E. M. está á altura da responsabilidade que lhe é imposta ou dela não se desempenhará satisfatoriamente, e, neste caso, tudo se desmoronará, não havendo como evitar a hecatombe.

ESCOLA DE ESTADO MAIOR

Nesta Escola tem-se dispensado um desvelado carinho á formação dos oficiais de E. M. Mestres e alunos não medem esforços para atingir a meta desejada. Sabem mui bem, o esforço que dispenderam e o rigor com que foram julgados.

Fato bem recente, corroborando nossas palavras, veio trazer-nos um padrão de glórias. Foi a dispensa de exames em todas as escolas civis e militares do País — com uma unica, honrosa e necessaria exceção — a da Escola onde se formam oficiais de E. M.

Outra ufania que temos pelo grande proveito que nos vai trazer, é o da recente disposição ministerial que estabeleceu um estagiô compulsorio no E. M. do Exercito. E' uma lacuna que se preenche, hiato que se extingue. A Escola fornece os elementos fundamentais de nossa instrução, após ela segue-se, logicamente, uma aplicação com a qual vamos adquirir mais luzes e mais saber na esfera especializada dos nossos conhecimentos, o que não nos seria dado obter mesmo nos E. M. regimentais.

AOS DIPLOMADOS

Permiti senhores, que, para terminar, fale diretamente aos meus caros colegas, diplomados de hoje, para apresentar-lhes minhas excusas por não ter podido dar alma, emprestar vida nem calor aos seus sentimentos, o que devem levar antes a conta

da minha fraca inteligencia que do forte amor que nutro pelo novel sacerdocio.

Quero tambem lembrar-lhes aquelas palavras proferidas nesta sala, não ha muitos dias, pelo Exmo. Sr. General Tasso Fragoso, o qual ao fazermos veemente apelo para que tivessemos fé em nosso E. M. apresentou-nos esta belissima imagem: — "Si o fogo inclemente queimar toda a floresta, salvemos, ao menos, o cheiro; pois, passada a tormenta novamente poderemos semear o solo uberrimo".

Meus colegas — Somos nós os guardas aos quais precipuamente incumbe velar pela segurança deste lindo vergel.

Dentro dele labutam confiantes em nós, 40 milhões de brasileiros. Sejamos ativos, solícitos, desvelados, anciosos, para podermos corresponder a tão singular confiança, e que por culpa nossa não se creste uma só arvore. Ainda quando, ventura inconstante, o incendio venha a lavrar nas altaneiras matas do norte ou nas baixas campinas do sul, corramos presurosos á abafa-lo, e que de lá não se volte senão com honra.

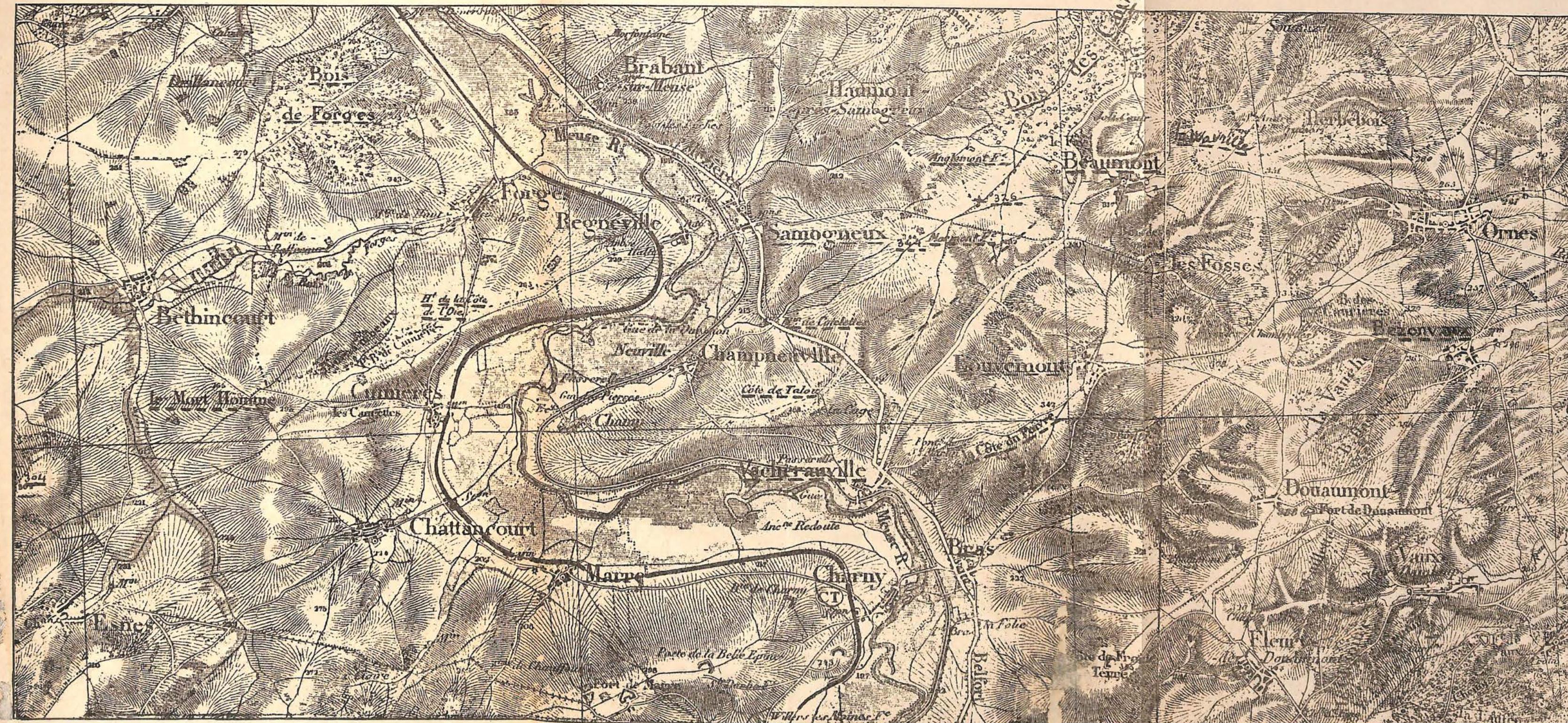
Antes, porém, de partirmos, cuidemos do celeiro, fazendo-lhe em torno largo aceiro, tão largo e profundo quanto o fosso de Mallet, afim de que ninguém tente ultrapassa-lo, nem o proprio calor trazido pelo tufão possa ir perturbar, dentro da grande colmeia, seu intenso, silencioso e místico labor. O diploma que vamos receber não nos vai conferir nenhum titulo doutoral, ele representa antes a investidura da mais segreda das missões.

Vestais que somos duma doutrina, temos o dever de zelar permanentemente pelo fogo sagrado do patriotismo, dedicando ao nosso caro Brasil todo o nosso afeto, o pensamento de cada hora, o trabalho de todo o dia.

Recebamos este diploma com entusiasmo, consciente do nosso santo mistér, impregnado da dignidade do nosso nobre sacerdocio.

Como Cristo a seus Apostolos, a Nação nos diz: — "Ego vos elegi ut fructum afferatis et fructus vester maneat".

— Eu vos escolhi para produzirdes bons frutos e que estes sejam duradouros,



A ofensiva francesa de 20 de Agosto de 1917 na frente de Verdun

(Conferencia realizada pelo Snr. Cel. Baudouin, em 1917)

INTRODUÇÃO

Se a todos é interessante, ainda hoje, uma narrativa real da "Grande Guerra", de muito maior interesse, principalmente para nós militares, é a descrição detalhada dumas das operações de grande vulto realizada naquela época. E se essa descrição foi feita sob a impressão imediata dos acontecimentos, ela tem um valor muito maior porque está isenta das falhas naturais do tempo e das modificações, muito humanas, dum posterior apreciação.

Está nesse caso a tradução, agora apresentada aos leitores da "Defesa", dumas conferencia realizada em Verdun em 1917, pelo Snr. Cel. Baudouin, atual diretor de estudos da E. E. M., sobre as condições dum ação ofensiva do IIº Exercito Francês. Essa conferencia foi feita aos oficiais do 15º Corpo de Exercito, que teve o papel principal no ataque e a cujo E. M. pertencia o Sr. Cel. Baudouin, logo após ter terminado a operação e conserva assim a impressão exata dos fatos vividos na ocasião. A maior parte dos ensinamentos são ainda verdadeiros; alguns outros, com a evolução das idéias táticas, sendo talvez discutíveis agora, conservam no entanto o seu valor histórico.

Para o caso do Brasil, as condições materiais desta operação são de fato ainda irrealisaveis na época atual. Mas, mesmo sob este aspéto, cremos ser de grande utilidade o estudo e a reflexão do caso concreto apresentado porque, se dum lado, provavelmente não podemos pôr em ação os dados telescópicos empregados na Guerra Européa, não devemos, por isso raciocinar — para a guerra — com o nosso Exercito-mirim de paz; doutro lado, os princípios de emprego são sempre verdadeiros, qualquer que seja a escala dos postos em ação.

Para uma melhor compreensão do que se vai lêr, ainda 2 palavras.

Quando de todo foi detida a ofensiva alemã sobre Verdun, o Alto Comando Francês realizou uma serie de ofensivas, de objetivos limitados, com o fim princi-

pal de reconstituir integralmente a barreira de fortes em torno desta Praça Forte.

As duas primeiras foram:

— a de 24 de Outubro de 1916, que retomou os fortes de "Douamont" e de "Vaux",

— a de 15 de Dezembro do mesmo ano, que se assenhoreou da "cota de Poivre", de "Louvemont" e de "Venzovaux".

A realizada em 20 de Agosto de 1917, agora exposta, foi a 3ª da série, todas elas feitas pelo IIº Exercito.

Não entramos aqui no estudo das raízes políticas, estratégicas e morais, nem da oportunidade desta operação. Estas questões, estudadas pelo Snr. Cel. Baudouin em sua conferencia, tem, quasi que exclusivamente, interesse para os franceses: nós apenas reproduzimos aqui o que diz respeito á execução e que, seguramente, deve nos fornecer ensinamentos.

I — PREPARAÇÃO GERAL DO ATAQUE

O ataque foi desencadeado a 20 de Agosto.

Vejamos os trabalhos necessários á sua preparação.

No inicio de Abril, uma primeira instrução do general comandante do Ex., deu conhecimento aos generais comandantes dos corpos do Ex. dos objetivos do ataque e das grandes linhas de operação. Eu não entro no detalhe dos estudos feitos a partir desse momento: eles deram lugar a um projeto de operações, estabelecido pelo E. M. do Ex. em 27 de Abril; eu vos citarei sómente os diferentes parágrafos desse projeto, afim de vos mostrar a multiplicidade e complexidade das questões a tratar numa operação dessa envergadura.

O projeto compreendia um plano de ação de conjunto, fazendo ressaltar:

— os objetivos a atingir;

— o estudo do terreno e das organizações defensivas do inimigo;

— a conduta geral da operação: organização do comando, forças necessárias, zonas de ação destas forças, etc.

Em seguida, um plano de organização tratando das questões de reabastecimento,

evacuação, preparo das comunicações; estradas, galerias, pistas, vias-férreas, transportes hípo e automóveis, e fixando as regras de circulação, a criação e repartição dos campos e acantonamentos, o estabelecimento das ligações de toda a natureza. Acrecentava-se ainda o cálculo do número de trabalhadores e a quantidade de material necessário.

Estes próprios estudos permitiram a preparação do plano de engajamento, do Ex. inicialmente, em seguida dos C. Ex. e D. I., planos completados por um certo número de anexos, tais como: — funcionamento do serviço de informações; — estudo dos contra-ataques possíveis da parte do inimigo; — medidas de ordem e de polícia, etc.

Vamos passar em revista, sucessivamente, os parágrafos do "Plano de Engajamento" que mais de perto nos interessam, procurando tirar alguns ensinamentos, quer de sua elaboração, quer de sua execução. Em razão do pouco tempo disponível, limitaremos nosso estudo aos limites de ação do 15º C. Ex.

II — O PLANO DE AÇÃO — O COMANDO

a) DETERMINAÇÃO DOS OBJETIVOS:

A escolha dos objetivos foi feita tendo em vista:

- Razões estratégicas e morais;
- Razões táticas;
- Possibilidades de emprego dos meios disponíveis.

As primeiras influíram para a escolha de Verdun como zona de ataque.

Não nos deteremos nelas porque isto é da alçada do Alto Comando.

As segundas foram determinadas pela necessidade de nos apoderarmos dos observatórios terrestres inimigos, particularmente prejudiciais nas duas margens do Meuse, e de libertar o nó de comunicações que era Verdun.

As últimas dependiam dos meios que o General em Chefe podia pôr a disposição do IIº Exercito.

Evidentemente deve-se sempre estabelecer o equilíbrio entre o objetivo a atingir a capacidade ofensiva dos efetivos — homens e material — de que se pôde dispor. Esses dois fatores reagem um sobre o outro. E por isso a extensão dos objetivos, primitivamente atribuída ao II Ex., teve

que ser diminuída após os estudos de meios disponíveis. Em um 1º projeto, frente a atingir pelo Ex. era balisada por Cota 304 — MORT-HOMME — Cota 326 — BEAUMONT — WAVRILLE.

Do estudo da operação a executar, sobresaiu que a tomada de WAVRILLE era demasiado para nossos recursos em homens e em material e teve-se que renunciar a este último objetivo.

(Nestas condições a ação do 32º C. Ex. — a direita do ataque, devia transformar-se numa ação por assim dizer secundária, neste sentido tornava-se sobretudo um apoio do ataque principal, conduzido pelo 15º C. Ex.)

As organizações defensivas do inimigo constituíam 3 ou 4 posições, a cavalo sobre o Meuse e balisando as etapas sucessivas do avanço alemão em 1916.

A 1ª posição era determinada pela cota 304 e o MORT-HOMME na margem esquerda, e por TALOU e garupas ao Sul e a Leste da cota 344 (FORT MORMONT) na margem direita.

Em seguida, uma 2ª posição assinalada na margem esquerda pelas alturas que se estendem ao Sul de GUISY, entre esta cidade e o bosque de FORGES, e na margem direita pelas contra vertentes de 344, 326 e BEAUMONT.

Entre estas duas, posições intermédias e "bretelles ou verrous", das quais as principais, — na frente do 15º C. Ex. — passava por MORMONT e a S. O. de BEAUMONT. Este "Riegelsstellung" formava ligação entre as 2 posições alemãs e devia permitir a ação de sua artilharia de flanqueamento assim como o desembocar dos contra-ataques.

Convém observar que na frente de nosso C. Ex., desde o abandono das vertentes do Poivre pelo inimigo, a 1ª posição indicada acima constituía uma linha de vigilância e que a linha principal de resistência era formada por LAMOGNEUX, 344 e 326. Eu não insisto sobre as condições topográficas, mas é bom salientar as dificuldades existentes na nossa frente particular para o ataque atingir a linha principal de resistência, devia ser efetuado sobre uma profundidade de 1.500 a 2.500 metros em terreno deserto e sob as vistas dos observatórios de WAVRILLE; além disto o terreno era particularmente favorável à ação dos contra-ataques alemães, que dis-

punham de bases particulares muito propícias, seja nas ravinhas que escapavam a nossas vistas (ravinhas do Bosque de CAURES, de TACUL, DASSERIEUX, D'ANGLEMON), seja nos próprios bosques (BOIS DE CAURES, BOIS DE FAYE).

Enfim, é preciso também não desprezar as 85 Bias, aleias, de todos os calibres, referidas desde 1º de Agosto, na frente do 15º C. Ex.

b) — REPARTIÇÃO DAS FORÇAS:

Não me compete estudar as razões que determinam a zona de ação do C. Ex. no Ex. Apenas esclareço, que a frente de ataque que lhe foi atribuído compreendia 3 objetivos particularmente importantes: cota 326 e suas vertentes E. e O., a cota 344 e suas vertentes E. e O., LAMOGNEUX e suas alturas a E. Cada um destes pontos constituia o centro duma sólida organização inimiga.

A priori, parecia que cada um deles devia ser entregue a uma grande unidade particular (D. I.). Mas os recursos disponíveis não permitiam esta solução.

Com efeito, o 15º C. Ex. devia executar a operação com suas duas D. I., 123ª e 126ª. É verdade que a retaguarda havia duas outras D. I., a 7ª e a 20ª, mas era necessário conservar tropas disponíveis, não só para atender a um incidente qualquer, como para se poder substituir as D. I. do ataque após a operação.

Nestas condições, o ataque devendo ser feito por 2 Divisões, foi-se levado a considerar o conjunto 344 — 326 como uma só organização — 2 bastiões e 1 cortina e consagrar a ele uma só D. I.

Doutro lado, se LAMOGNEUX e suas obras apresentavam um objetivo menor, tinha-se que levar em conta o avanço sobre TALOU, cuja limpeza e ocupação não podiam ser desprezadas. Daí a repartição dos objetivos entre as 2 D. I.

Entretanto, em razão da extensão do terreno a percorrer e a ocupar, foi reconhecido como necessário reforçar cada uma delas com um Regimento. Em síntese, as duas D. I., a 4 Regimentos, tiveram que atacar: a 123ª — uma frente de 2.400 m., a 126ª uma frente de 2.000 (não compreendendo o TALOU o que dava por batalhão uma frente entre 400 e 500 m., frente perfeitamente justificada.

c) — PROFUNDIDADE DOS ATAQUES:

Aqui se impõem algumas observações sobre a profundidade dos ataques e o que de melhor tenho a fazer é citar as observações feitas sobre este assunto pelo próprio General Comandante do C. Ex.

"A profundidade dos ataques não deve ser tal que esgote toda a energia combativa duma D. I. Esta deve conservar ainda, depois dos objetivos conquistados, a força de trabalhar, organizar-se e resistir aos contra-ataques do inimigo. E' aliás tudo o que se pode esperar".

"As operações de limpeza duma certa envergadura, devem ser feitas por unidades reservadas e que ultrapassem as linhas conquistadas".

"Na 123ª D. I., que tinha uma frente muito extensa e uma profundidade aproximada de 3 Km., em um terreno difícil e defendido por sólidos P. A., a capacidade combativa da tropa achava-se quasi exgotada no momento em que ela atingiu os seus objetivos. Teriam sido indispensáveis algumas reservas para a operação de limpeza, de grande envergadura, dos abrigos da ravina de CAURES. Estas reservas não existiam e foi uma grande felicidade para nós que um sério contra-ataque inimigo não se tenha realizado no correr do dia D e na noite imediata".

"A 126ª D. I., que teve ao contrário um terreno mais fértil a percorrer e uma luta menos aspera a sustentar, estava com sua capacidade combativa longe do exgotamento, no momento em que ela atingiu o objetivo final no dia D. Ela poderia facilmente nesse dia prosseguir até SAMOGNEUX, como o fez aliás no dia imediato a partir das 5 horas da manhã".

"Uma profundidade de 3 Km., com uma frente de 1.200 ms., parece ser o limite do esforço que se pôde pedir a uma boa divisão, bem trenada, para que ela conserve, na chegada ao objetivo final, uma capacidade de organização e defesa suficiente. Se se quer prolongar esta ação por uma operação de limpeza dum certo valor, é necessário organiza-la e prepará-la com

evacuação, preparo das comunicações; estradas, galerias, pistas, vias-ferreas, transportes hipo e automóveis, e fixando as regras de circulação, a criação e repartição dos campos e acantonamentos, o estabelecimento das ligações de toda a natureza. Acrecentava-se ainda o cálculo do número de trabalhadores e a quantidade de material necessário.

Estes próprios estudos permitiram a preparação do plano de engajamento, do Ex. inicialmente, em seguida dos C. Ex. e D. I., planos completados por um certo número de anexos, tais como: — funcionamento do serviço de informações; — estudo dos contra-ataques possíveis da parte do inimigo; — medidas de ordem e de polícia, etc.

Vamos passar em revista, sucessivamente, os parágrafos do "Plano de Engajamento" que mais de perto nos interessam, procurando tirar alguns ensinamentos, quer de sua elaboração, quer de sua execução. Em razão do pouco tempo disponível, limitaremos nosso estudo aos limites de ação do 15º C. Ex.

II — O PLANO DE AÇÃO — O COMANDO

a) DETERMINAÇÃO DOS OBJETIVOS:

A escolha dos objetivos foi feita tendo em vista:

- Razões estratégicas e morais;
- Razões táticas;
- Possibilidades de emprego dos meios disponíveis.

As primeiras influíram para a escolha de Verdun como zona de ataque.

Não nos deteremos nelas porque isto é da alçada do Alto Comando.

As segundas foram determinadas pela necessidade de nos apoderarmos dos observatórios terrestres inimigos, particularmente prejudiciais nas duas margens do Meuse, e de libertar o nó de comunicações que era Verdun.

As últimas dependiam dos meios que o General em Chefe podia pôr à disposição do IIº Exército.

Evidentemente deve-se sempre estabelecer o equilíbrio entre o objetivo a atingir a capacidade ofensiva dos efetivos — homens e material — de que se pôde dispor. Esses dois fatores reagem um sobre o outro. E por isso a extensão dos objetivos, primitivamente atribuída ao II Ex., teve

que ser diminuída após os estudos dos meios disponíveis. Em um 1º projeto, a frente a atingir pelo Ex. era balizada por: Cota 304 — MORT-HOMME — Cota de L'OE — SAMOGNEUX — Cotas 344 e 326 — BEAUMONT — WAVRILLE.

Do estudo da operação a executar, sobressaiu que a tomada de WAVRILLE era demasiado para nossos recursos em homens e em material e teve-se que renunciar a este último objetivo.

(Nestas condições a ação do 32º C. Ex., à direita do ataque, devia transformar-se numa ação por assim dizer secundária, e neste sentido tornava-se sobretudo um apoio do ataque principal, conduzido pelo 15º C. Ex.)

As organizações defensivas do inimigo constituíam 3 ou 4 posições, a cavalo sobre o Meuse e balisando as etapas sucessivas do avanço alemão em 1916.

A 1ª posição era determinada pela cota 304 e o MORT-HOMME na margem esquerda, e por TALOU e garupas ao Sul e a Leste da cota 344 (FORT MORMONT) na margem direita.

Em seguida, uma 2ª posição assinalada na margem esquerda pelas alturas que se estendem ao Sul de GUISY, entre esta cidade e o bosque de FORGES, e na margem direita pelas contra-vertentes de 344, 326 e BEAUMONT.

Entre estas duas, posições intermediais e "bretelles ou verrous", das quais as principais, — na frente do 15º C. Ex. — passava por MORMONT e a S. O. de BEAUMONT. Este "Riegelsstellung" formava ligação entre as 2 posições alemãs e devia permitir a ação de sua artilharia de flanqueamento assim como o desembocar dos contra-ataques.

Convém observar que na frente de nosso C. Ex., desde o abandono das vertentes do Poivre pelo inimigo, a 1ª posição indicada acima constituía uma linha de vigilância e que a linha principal de resistência era formada por LAMOGNEUX, 344 e 326. Eu não insisto sobre as condições topográficas, mas é bom salientar as dificuldades existentes na nossa frente particular: para o ataque atingir a linha principal de resistência, devia ser efetuado sobre uma profundidade de 1.500 a 2.500 metros em terreno deserto e sob as vistas dos observatórios de WAVRILLE; além disto o terreno era particularmente favorável à ação dos contra-ataques alemães, que dis-

punham de bases particulares muito propícias, seja nas ravinhas que escapavam a nossas vistas (ravinhas do Bosque de CAURES, de TACUL, DASSERIEUX, D'ANGLEMON), seja nos próprios bosques (BOIS DE CAURES, BOIS DE FAYE).

Enfim, é preciso também não desprezar as 85 Bias alemãs, de todos os calibres, referidas desde 1º de Agosto, na frente do 15º C. Ex.

b) — REPARTIÇÃO DAS FORÇAS:

Não me compete estudar as razões que determinam a zona de ação do C. Ex. no Ex. Apenas esclareço, que a frente de ataque que lhe foi atribuído compreendia 3 objetivos particularmente importantes: cota 326 e suas vertentes E. e O., a cota 344 e suas vertentes E. e O., LAMOGNEUX e suas alturas a E. Cada um destes pontos constituia o centro duma solida organização inimiga.

A priori, parecia que cada um deles devia ser entregue a uma grande unidade particular (D. I.). Mas os recursos disponíveis não permitiam esta solução.

Com efeito, o 15º C. Ex. devia executar a operação com suas duas D. I., 123ª e 126ª. É verdade que a retaguarda havia duas outras D. I., a 7ª e a 20ª, mas era necessário conservar tropas disponíveis, não só para atender a um incidente qualquer, como para se poder substituir as D. I. do ataque após a operação.

Nestas condições, o ataque devendo ser feito por 2 Divisões, foi-se levado a considerar o conjunto 344 — 326 como uma só organização — 2 bastiões e 1 cortina e consagrar a ele uma só D. I.

Doutro lado, se LAMOGNEUX e suas obras apresentavam um objetivo menor, tinha-se que levar em conta o avanço sobre TALOU, cuja limpeza e ocupação não podiam ser desprezadas. Daí a repartição dos objetivos entre as 2 D. I.

Entretanto, em razão da extensão do terreno a percorrer e a ocupar, foi reconhecido como necessário reforçar cada uma delas com um Regimento. Em síntese, as duas D. I., a 4 Regimentos, tiveram que atacar: a 123ª — uma frente de 2.400 m., a 126ª uma frente de 2.000 (não compreendido o TALOU o que dava por batalhão uma frente entre 400 e 500 m., frente perfeitamente justificada.

c) — PROFUNDIDADE DOS ATAQUES:

Aqui se impõem algumas observações sobre a profundidade dos ataques e o que de melhor tenho a fazer é citar as observações feitas sobre este assunto pelo próprio General Comandante do C. Ex.

"A profundidade dos ataques não deve ser tal que esgote toda a energia combativa duma D. I. Esta deve conservar ainda, depois dos objetivos conquistados, a força de trabalhar, organizar-se e resistir aos contra-ataques do inimigo. E aliás tudo o que se pode esperar".

"As operações de limpeza duma certa envergadura, devem ser feitas por unidades reservadas e que ultrapassem as linhas conquistadas".

"Na 123ª D. I., que tinha uma frente muito extensa e uma profundidade aproximada de 3 Km., em um terreno difícil e defendido por sólidos P. A., a capacidade combativa da tropa achava-se quasi exgotada no momento em que ela atingiu os seus objetivos. Teriam sido indispensáveis algumas reservas para a operação de limpeza, de grande envergadura, dos abrigos da ravina de CAURES. Estas reservas não existiam e foi uma grande felicidade para nós que um sério contra-ataque inimigo não se tenha realizado no correr do dia D e na noite imediata".

"A 126ª D. I., que teve ao contrário um terreno mais fértil a percorrer e uma luta menos aspera a sustentar, estava com sua capacidade combativa longe do exgotamento, no momento em que ela atingiu o objetivo final no dia D. Ela poderia facilmente nesse dia prosseguir até SAMOGNEUX, como o fez aliás no dia imediato a partir das 5 horas da manhã".

"Uma profundidade de 3 Km., com uma frente de 1.200 ms., parece ser o limite do esforço que se pôde pedir a uma boa divisão, bem treinada, para que ela conserve, na chegada ao objetivo final, uma capacidade de organização e defesa suficiente. Se se quer prolongar esta ação por uma operação de limpeza dum certo valor, é necessário organiza-la e prepará-la com

antecedencia, em todos os detalhes e com tropas de reserva ou de 2^a linha. As tendencias que os alemães têm atualmente de, em caso de ataque, retrair sua Artilharia para a retaguarda, não permitem que um avanço de 3 Km. possa ter probabilidade de alcançar suas peças e captura-las. Isto entretanto é a operação que dá os mais serios e mais praticos resultados, pois que desorganiza completamente as forças adversárias e lhes tira, por um tempo apreciavel, toda a possibilidade de contra-ataque. E' então indispensavel, para que um ataque limitado obtenha o seu maximo resultado, leva-lo até a A. adversa e, para isto, é necessário prever a ação sucessiva, em profundidade, de duas divisões. A operação se faz por passagem de linha, como aliás foi executado, a de 20 de Agosto, no interior da 123^a e 126 Divisões com a maior facilidade. Neste caso o Cmt é obrigado a regular de antemão a maneira e as horas de passagem: a experiência do ultimo ataque mostrou mais uma vez a impossibilidade de proceder de outro modo e justifica o horário rígido que fôra adotado a priori, de principio a fim".

Em resumo resulta dessas diversas considerações, que talvez tivesse sido preferivel ter 3 Divisões a 3 regimentos, cada uma delas lançada sobre um objetivo. Estes ataques, melhor alimentados, permitiriam talvez efetuar a limpeza das ravinas de CAURES e de TACUL e assegurar completamente a posse de nossas conquistas.

d) — OS P. C.:

Uma palavra sobre a colocação dos P. C.

Os P. C. de D. I. e de I. D. devem ficar em lugares de facil acesso e de comunicações seguras: varios observatorios em cruzamento são necessarios. Quanto aos P. C. dos Regimentos, parece bem instala-los, alguns instantes antes da hora H, na proximidade da paralela de partida, mas não devem ser deslocados senão quando a corrente de comunicações para a frente está apta a funcionar completamente, por todos os seus órgãos. Ao contrario, os P. C. dos batalhões devem seguir intimamente as flutuações da tropa.

III — A PREPARAÇÃO DO TERRENO

Tendo sido feita a repartição dos objetivos e a das tropas (eu deixo de lado as questões de A. das quais eu falarei mais longe) e necessário tratar da organização do terreno de ataque. A ofensiva de 20 de Agosto, sobre este ponto de vista, foi minuciosa e completamente preparada.

Umas das primeiras necessidades é o estabelecimento de uma rede de comunicações completa: se os numerosos movimentos de tropa puderam ser feitos a cada momento; se a numerosa A. de todos os calibres pôde ter acesso ás posições de Bias.; se os reabastecimentos em viveres, munições e material, puderam ser assegurados; se enfim as evacuações funcionaram perfeitamente, tudo isto foi devido a uma rede extensa e cercada de vias de comunicações: estradas, pistas, trincheiras de comunicação, vias terreas de bitola estreita, inteiramente construidas e constantemente conservadas. Foram construidas nada menos de 20 Km. de estradas acessíveis a todos os veículos e 10 Km. de pistas de A. Quanto ao imenso material levado ao setor, foram necessarios 4.200 vagões, aproximadamente, de via normal para assegurar o seu transporte. Todo esse material, cuja chegada foi feita em 2 meses e meio, estava nos locais 20 dias antes do dia D.

O estabelecimento desta rede de comunicações, a manutenção deste material, empregou mão de obra considerável: além dos trabalhadores fornecidos pelas Divisões, 12 Cias. territoriais, em média, trabalhavam permanentemente nas vias de comunicação. Uma das dificuldades encontradas foi o acantonamento dos trabalhadores na proximidade de seus serviços, em um setor assim repleto. Foi necessário construir numerosos abrigos para esse fim, abrigos que aliás no dia D, serviram ás tropas de ataque.

No que diz respeito ás trincheiras de comunicação, cada Divisão dispunha de duas largas de subida e uma de decida. Parece-me que o ponto inicial de tais galerias poderia ser fixado a partir de 3 Km. a retaguarda da primeira linha. Mais a retaguarda, elas seriam vantajosamente substituídas — salvo nas passagens das cristas — por pistas disfarçadas e afastadas das vias

de comunicação, muito expostas aos tiros de interdição.

Quanto aos depósitos de material necessário ao ataque, as Divisões constituiram, além dos depósitos de Divisão, os de regimento e de batalhão. A experiência mostrou que sómente os depósitos feitos nas proximidades de uma via de comunicação foram utilizados; os que se achavam sobre a Cota de POIVRE não tiveram utilidade e foram assim desperdiçados. Cito apenas como lembrança o estabelecimento dos P. C. e dos P. S.

Quanto aos trabalhos executados pelo S. de A., seja para o estabelecimento das posições de batis., seja para a construção dos depósitos e abrigos, basta que eles consumiram mais de 2.000 vagões de material. No período de 11 de Julho a 23 de Agosto, foram transportadas 8.500 toneladas de munição de A. C. (campanha) e 15.500 toneladas de munição de A. L. (pesada).

No que diz respeito ao S. telegráfico, alguns números serão suficientes para mostrar o esforço fornecido na instalação das ligações. Assim foram necessários 6.000 Km. de cabo (de campanha ou leve) e 1.454 direções; 500.000 roldanas de madeira, 300 aparelhos, etc.

Acrescentai a tudo isto o trabalho para a constituição dos depósitos de munição de I., depósitos de viveres, a razão de 2 dias completos e 1 de reserva para todo o efetivo empenhado e, em seguida, trabalho também considerável, o estabelecimento dos pontos de água potável, e tereis assim uma idéa do formidável trabalho realizado. (A este propósito creio ser útil indicar que o efetivo, para o 15º C. Ex. era de 160.000 homens e 60.000 cavalos).

Nesta rápida enumeração eu deixei de lado uma parte capital do trabalho realizado; quero me referir a preparação imediata do terreno de ataque propriamente dito, isto é o estabelecimento das paralelas de partida. A este respeito eu ainda cito as observações pessoais do General Comandante do C. Ex.:

“PREPARAÇÃO DO ATAQUE”

“A preparação do ataque do 15º C. Ex. salientou um problema que, acréscimo, não tinha ainda sido resolvido na guerra atual, com a mesma amplitude”.

“Nos primeiros dias de Junho, quando o ataque foi decidido, o conjunto de nossas linhas avançadas se achava mais ou menos a 1.800 ms. das primeiras posições inimigas. Devia-se conservar as causas como estavam e, no dia D, a favor da semi-obscuridade dum ataque muito matinal, percorrer esta distância antes de abordar as trincheiras adversas? Aproveitava-se assim do benefício da surpresa. Não se dava ao inimigo nenhum indicio do ataque e podia-se esperar que ele não aumentaria, na nossa frente, nem a densidade de sua I. nem a de sua A”.

“Parece, depois do que se passou no dia D, que o ataque assim executado teria obtido sucesso e, é muito possível, que ele tivesse encontrado uma menor resistência, sobretudo de A”.

“Preferiu-se porém fazer progressões preliminares que, com um avanço de 1.000 a 1.200 ms., nos levaram a distância de 600 a 800 ms. das primeiras linhas alemãs. Era ao mesmo tempo mais clássico e mais seguro, porém essa solução exigiu um enorme trabalho das duas Divisões de reserva do C. A., as quais ficaram em más condições para um esforço sério e imediato no caso de necessidade; mas, o inimigo, prevenido de nossas intenções dum modo certo, desde os meados de Julho, mostrou-se, para felicidade nossa, dum longanimidade e indolência inacreditáveis (salvo nos últimos dias) na sua c/ preparação sobre nossos trabalhos avançados”.

“Entretanto uma das vantagens incontestáveis deste trabalho, foi a aproximação de nossa base, do terreno a conquistar e, por isso, a aproximação de nossas Batis., comunicações, aprovigionamento de toda a espécie, postos de socorro, P. C. etc. e enfim a diminuição muito sensível deste vasto espaço que teria, no fim de combate, separado nossas conquistas de nossas trincheiras de partida”.

“Ha, em suma, para um e outro sistema, uma série de vantagens e inconvenientes que devem ser postos na balança e pesados em cada caso particular”.

IV — PREPARAÇÃO DA TROPA

Nós acabamos de ver a extensão dos trabalhos efetuados para a preparação geral do ataque. De que mão de obra se lançou mão para a execução desses trabalhos? Independentemente dos territoriais dos quais já falei, cada serviço (Eng., Art., telegráfico, Bias, de construção das vias de 0,60, etc.) forneceu numerosos elementos. Quanto à preparação imediata do terreno, ela foi obra exclusiva das 2 Divisões de reserva do C. A.

Uma palavra se impõe sobre o emprego das 4 Divisões postas a disposição do 15º C. Ex. Nós vimos acima que era preciso consagrar 2 Divisões, a 123^a e 126^a, na execução do ataque (cada uma reforçada por um regimento) e ter a retaguarda 2 Divisões a 7^a e a 20^a, para atender a qualquer eventualidade imprevista e substituir as precedentes após a ação. Ora, dum lado era necessário preparar, física e moralmente, as duas Divisões de ataque, dando-lhes uma instrução cuidadosa e, doutro lado, era preciso preparar o terreno. Daí o jogo de substituição entre as 126^a e 7^a e as 123^a e 20^a.

Eu não insisto sobre o período do repouso e instrução dado as 123^a e 126^a, de 7 de Julho a 9 de Agosto, aproximadamente, nem sobre a preparação do terreno, pois que, melhor do que eu, sabeis como ela foi excelentemente realizada.

Pode-se julgar que as unidades de ataque foram levadas um pouco cedo para as trincheiras e que teria sido preferível conduzi-las para aí, sómente nas duas últimas noites que precederam o dia D. Esta opinião é justamente fundada, mas certas contingências, as quais foi necessário obedecer, entraram em linha de conta e não permitiram essa solução. Em 1º lugar as 7^a e 20^a D. I. tinham passado uma temporada muito fatigante no estabelecimento das paralelas de partida: elas si sofreram severamente o mau tempo e o fogo inimigo, estavam fatigadas e sua substituição, com certa antecedência, se impunha, pois que a elas competia substituir depois, nas novas posições conquistadas, as divisões de ataque e lá enfrentar a reação certa do inimigo. Sabeis que esta missão é penosa, pois que se está num terreno novo e ainda não organizado. Era preciso portanto dar a essas Divisões um certa repouso, de forma a pô-las em condições de poder resistir, quan-

do fosse ocasião, aos contra-ataques alemães. Foi por este motivo que as 123^a e 126^a só foram substituídas entre 25 e 29 de Agosto, o que, para alguns, pode parecer um pouco tarde. Aliás é preciso não esquecer que o mau tempo fez recuar de 3 dias o dia D. Mas o princípio subsiste: "As tropas de ataque devem, tanto quanto possível, ser postas em posição apenas no último momento".

V — A ARTILHARIA

Até agora eu apenas disse algumas palavras sobre o papel e emprego da Artilharia. Antes de passar ao exame dos pontos particulares do ataque é indispensável termos sobre este assunto alguns instantes.

Para que um ataque de certa amplitude obtenha sucesso e para conservar em seguida as posições conquistadas, é preciso dominar a Artilharia adversária: eu não digo destrui-la completamente, o que necessitaria um consumo de material e munição considerável. Aliás, convém não esquecer, que a capacidade do terreno em A. é limitada: posições de Bias, depósitos, abrigos, vias de acesso, remuniciamento, etc. O essencial é ter canhões em número suficiente para neutralizar eficazmente e no momento preciso, todas as Bias. inimigas suscetíveis de agir sobre as tropas de ataque. Para ser eficaz, a neutralização deve ser feita por 2 canhões por posição de Bia. referida.

Esta neutralização se obtém por granadas explosivas e sobretudo por projéteis tóxicos.

Neste assunto devemos dizer que se usamos largamente os projéteis asfixiantes, os alemães por seu lado nos prejudicaram consideravelmente com seus projéteis de gás tóxico, cujos efeitos se faziam sentir por 48 horas no mínimo. Basta lembrar, para mostrar sua eficácia, que a 123^a D. I. teve, antes do inicio do ataque, 700 infantes gravemente intoxicados e baterias quase fóra de ação.

E' bom frisar que a neutralização não exclui a destruição do maior número possível de baterias. Assim, entre 11 e 19 de Agosto, foram efetuados 55 tiros de destruição de bias, com regulações por avião ou balão, a razão de 400 tiros por destruição. E convém não esquecer que o mau tempo restringiu sensivelmente este gênero de operação. Uma missão capital de ar-

tilharia é a destruição das organizações defensivas inimigas, trabalho que exige cuidados meticulosos e método rigoroso. O que se deve destruir, principalmente, durante esta operação, são os abrigos donde podem partir os contra-ataques locais. Mas é importante também que a nossa infantaria não se mostre demasiadamente exigente: esta missão é difícil para o artilheiro e se estes devem, com cuidado, revolver o terreno para a infantaria, os infantes não se devem esquecer que dispõem de engenhos próprios, cujo emprego judiciosamente combinado, é muito potente e que além disto devem estar em posição nas suas proximidades.

A Art. executa, além desses, tiros de interdição, meio de ação também muito eficaz. Os que fizemos sobre os 3 ou 4 pontos de passagem obrigatória dos comboios alemães, na nossa frente, foram executados a razão dum projétil por 1 ou 2 minutos e duraram 24 horas, sem interrupção. Se os alemães tivessem executado tiros desta natureza sobre a estrada de BRAS e seus cruzamentos, eles teriam talvez inutilizado nossa ofensiva. Felizmente, eles se limitaram a tiros isolados e dispersaram seus projétils em inquietações sobre as estradas e ravinas e desta forma nos prejudicaram mas não nos estrangularam. Tratemos agora dos tiros de acompanhamento. A progressão ininterrupta de nossos ataques foi devida à boa organização de nossas barragens e ao ardor de nossa infantaria que as seguia mais de perto do que a distância regulamentar, arriscando-se mesmo a algumas perdas. Nós tínhamos em ação uma peça de 75 por 25 ms. e a barragem da A. C. era precedida por uma barragem semi-fixa de A. L. a 300 ms. na frente da I. A barragem de 75 compunha-se dumha dupla rede na frente das tropas: uma de granadas explosivas percutentes a 150 ms. na frente I. e outra de granadas exp. perc. e Sh. em tempo baixo, que precedia a 1ª respectivamente a 80 e 250 ms. Foram essas barragens, estabelecidas segundo um horário previsto, que regularam o movimento: nas partes em que a I. a seguiu imediatamente, passou sem resistência.

Para terminar este rápido resumo da ação da A., nada melhor do que as seguintes informações estatísticas:

1º). — Quadro das peças postas em ação e dos tiros feitos de D — 6 a D + 3:

Calibre	N. de peças	N. dos dados	
75	240	605.115	(dos quais 146.000 no dia D.)
95	16	14.617	
105	16	12.763	
120 L.	28	24.699	
140	6	4.126	
145	4	2.389	
155	74	54.962	
155 C. - CS - CH	106	102.826	
220	34	16.350	
270 (de sitio)	3	909	
280	4	1.226	
240 T. L.	5	700	

2º). — Tonelagem das munições transportadas para as bals., de 11 de Julho a 23 de Agosto. (A. C. e A. L.).

75 — 90 — A. Tr. e c/avião 8.600 Tns.
A. L. 16.500 "

3º). — Consumo de projétils especiais.

75	67.300	tiros
120	7.000	"
155	10.550	"

Estes dados permitem avaliar o formidável trabalho exigido do Serviço de A.

Para o estabelecimento de ligações, P. C., observatórios, abrigos, depósitos, vias de acesso, etc., foram necessários, aproximadamente, 2.000 vagões de material.

Para terminar esta parte acrescentarei que o C. de Ex. dispôz de 4 esquadrilhas de aviação, sendo 2 esquadrilhas divisionárias e 2 de A. L. e de 4 balões, dos quais 1 por D. I. e 2 para a A. L.

VI — ENSINAMENTOS DIVERSOS

Tendo exposto a repartição e emprego geral de nossas forças, vamos passar em revista certos detalhes do ataque e deles salientar os ensinamentos resultantes.

Armamento. — A excelência de nosso armamento atual foi plenamente confirmada, em particular a dos F. M. O seu tiro durante a progressão foi empregado eficazmente: ele produziu um grande efeito moral e permitiu a marcha dos granadeiros até a proximidade das trincheiras longínquas. Este emprego deve ser vulgarizado.

As granadas incendiarias e asfixiantes devem ser empregadas com certa reserva: muitos abrigos não puderam ser ocupados por nossas tropas, durante varios dias após o emprego das granadas citadas.

O fusil 1886 foi um estorvo para os homens, com exceção dos volteadores: ele seria talvez vantajosamente substituido por um mosquetão com baioneta.

O tiro indiréto das metralhadoras deu igualmente excelentes resultados; aliás, este tiro está cada vez mais em evidencia e é objéto de conferencias e exercícios especiais.

Eu lembrarei ainda a necessidade que tem os nossos homens de conhecer a mtr. alemã. Muitas dessas armas foram utilmente utilisadas por nós.

Equipamento. — A opinião geral era que o homem estava sobrecarregado e entretanto tudo o que levava parecia indispensavel. Será talvez possivel diminuir o n. de cartuchos de fuzil; a substituição do fuzil dos especialistas por arma curta, seria tambem uma diminuição de peso. Doutrado lado pôde-se admitir uma mochila de assalto, semelhante á mochila tyrolesa e mais leve que a regulamentar. Enfim, num ataque de verão, a tunica poderia substituir, com vantagem, o capote.

Formação e enquadramento. — As formações, dadas pelo anexo ao combate ofensivo das pequenas unidades, atendem a todas as necessidades e, em particular, á progressão em pequenas colunas, que correspondem ao instinto do homem de se agrupar a retaguarda de seu chefe. Uma grande parte do sucesso foi devido ao enquadramento. Apesar das perdas, algumas vezes sensiveis em oficiais, a substituição automatica, em pleno combate, efetuou-se bem. Eis aí uma condição de sucesso: todo o comandante de unidade deve ter um substituto, designado de antemão, bem orientado sobre a missão de sua unidade.

Hora inicial do ataque. — A hora fixada para o desencadeamento do ataque foi 4 horas e 40 minutos. A essa hora a claridade era suficiente para que as vagas de assalto reconhecessem a sua direção e não permitia ainda que o inimigo pudesse se pôr ao par, com precisão, quer por seus observatorios terrestres quer pela aviação, de nossa progressão e ajustasse, em consequencia, o tiro de sua Artilharia. Essas condições eram tanto mais necessarias

quanto, algumas das paralelas de partida estavam muito afastadas dos objetivos a atingir e, além disto, a preparação do terreno de ataque não tinha sido feita nas condições tão completas como fôra fixada pela instrução.

Parece que teria sido muito difícil atacar em pleno dia. Vós vos lembrais que a operação comprehendia, em primeiro lugar, a tomada do objetivo intermediario, balisado por: FERME DE MORMONT — antigo MOULIN DES COTELETTES. Em seguida devia-se fazer uma passagem de linha e, a uma hora H', uma segunda série de vagas partiria ao ataque do objetivo final.

Dever-se-ia fixar esta hora H' a priori, isto é, dum maneira rígida, ou, ao contrario, durante a ação e segundo a marcha dos acontecimentos? Este 2º modo parece ter vantagens, porque permite levar em conta as flutuações do combate, ganhando um certo tempo se a 1ª missão obtém pleno exito, ou retardando o conjunto, se dificuldades imprevistas se apresentarem durante o 1º lance. O ponto delicado nêsta retomada de movimento para a frente está na ligação entre a I. e a A., cujos tiros de acompanhamento devem ser desencadeados exatamente no momento preciso. Sobre este ponto é que gira toda a dificuldade. Todos os sinais durante o combate são aleatórios e não se pode ter a certeza de estarem todos prevenidos no momento desejado. Assim, por ex., o avião de I. da 123ª D. I., deceu alguns minutos antes da hora H. A unica certeza é fixar de antemão a hora H'; isto foi feito e este processo foi inteiramente satisfatorio. O esencial, neste caso, é deixar ao inimigo o minimo tempo para se assenhorar da situação, permitindo-nos porém o reajustamento necessário.

Velocidade do ataque. — A velocidade de 100 ms. em 3 minutos foi perfeitamente razoavel; entretanto parece vantajoso sair o mais rapidamente possível da zona de barragens inimigas e, para isto, percorrer os primeiros 200 ms. com a velocidade de 100 ms. por minuto, se o terreno o permite. Além disto, os tempos de parada previstos (antes do objetivo intermediario (10) — sobre esse objetivo) permitiram regularizar a marcha.

E' necessário levar em conta, na progressão, a duração das limpezas a efetuar. Quando as tropas devem acompanhar a barragem rolante, a limpeza deve progre-

dir com a mesma velocidade. O metodo empregado pela 123^a D. I. deu excelentes resultados. Ele consistiu em lançar granadas incendiarias em cada entrada de abrigo, sem verificar se estava ou não ocupado. Graças a esse processo, impediu-se a reconstituição dos grupos inimigos atirando na retaguarda das primeiras vagas. Quanto a limpeza do terreno além do objetivo final e reconhecimentos ofensivos nas ravinas da frente das posições conquistadas, eles se limitaram a sondagens insignificantes. Eu já examinei esta questão quando tratei da profundidade dos ataques.

Não voltarei á barragem rolante da qual já falei: acrecentarei apenas que esta barragem deve se desencadear exatamente a hora H, porque se ela faz o inimigo se enterrar, tambem lhe dá sinal de alerta que lhe permite executar os tiros de deter.

Incidentes particulares do ataque. — Eu não posso entrar no detalhe dos diversos incidentes do ataque: no entanto, antes de terminar este estudo, chamo a atenção para 2 pontos interessantes a reter. O primeiro diz respeito a propria organização do ataque da 123^a divisão e foi objeto das seguintes observações do Gal. Comt. do C. Ex.:

"A 123^a D. I. tinha, como foi dito, uma frente final de 240 ms. Sobre esta frente e nas extremidades, 2 objetivos principais: as cotas 326 e 324, formando os 2 bastiões da posição a conquistar. Entre estes 2 bastiões, uma cortina, que correspondia a uma forte depressão (ravina do cul. — da Cluien) no qual o general Cmt. da divisão não quiz com razão, engajar sua infantaria. Daí 2 ataques um pouco divergentes com um grande intervalo entre eles".

Resultados: As 2 organizações 326 e 344, que constituiam objetivos nítidos, foram com precisão preparados pela A. e completamente atingidos pelos ataques que marchavam sobre eles, apesar de, a priori, parecerem objetivos temíveis. A cortina ao contrário, cuja conquista parecia fácil a 1^a vista, foi incompletamente atingida porque, fôra incompletamente tratada pela A. e, constituindo objetivos a serem atacados por mudanças de frente da infantaria, estes movimentos foram tanto pior executados quanto tinham de ser realizados con-

tra uma organização ainda solida e ocupada por uma guarnição tenaz".

Conclusão: A preparação da A. deve ser executada sobre todo o terreno de ataque e principalmente sobre as partes que não constituem objetivos diretos da I. e que, por isto mesmo, não atraem, como os outros, a atenção e cuidados das tropas de ataque; compete ao comando velar por isto. Doutra parte, se é muitas vezes necessário não considerar, como objetivos para ataques diretos da I., certas partes das linhas inimigas, isto constitue uma solução eventual e que a conquista, por rebatimento, torna-se muito difícil devido aos obstaculos que encontra esta manobra sob o fogo quasi sempre esmagador do adversário".

"Desde muito tempo que uma I., lançada ao ataque só pôde, em geral, marchar em frente".

O segundo ponto é a questão das passagens de linha sobre o objetivo intermedia-rio.

Para a 126^a D. I. parece que esta operação não era necessaria: a I. da D. I. teve mesmo a impressão (em presença da desorganização do inimigo), que teria atingido num só movimento o objetivo de Samogneux que lhe fôra atribuido para o dia D + N.

Para a 123^a D. I., ao contrario, onde a linha avançada inimiga (principalmente a direita junto a Ferme Mormont) era mais séria e onde o objetivo final estava mais longe e no vertice de declives muito ingremes, a passagem de linha era indispensável.

Em resumo, pôde-se admitir que num terreno onde a marcha é facil e em seguida a uma preparação de A. julgada suficiente, o infante equipado pode percorrer 3 quilometros atrás duma barragem rolante muito densa e ha interesse em não interromper seu "elan". No entanto é preciso não esquecer que a tropa alcançando o objetivo final deva ser capaz de repelir os contra-ataques do inimigo. Isto constitue um estudo a fazer em cada caso particular.

Conduta do inimigo — Para terminar direi uma palavra sobre a atitude do inimigo em face da nossa ofensiva. Será a melhor conclusão deste rapido estudo.

A atenção do inimigo foi atraída sobre nossas intenções deante Verdun desde o

mês de Junho; nosso ataque sobre esta frente era para eles fóra de duvida nos fins de Julho.

Seu reforço se executou durante todo o mês de Julho e principios de Agosto: 3 divisões novas foram postas em linha sobre a frente do Ex. e 5 divisões, denominadas "de intervenção" poram postas em reserva de Grupamento a uma etapa da frente. Enfim uma divisão foi mantida em reserva do Ex. No total 15 D. I.

Quanto a A., o numero de bias, capazes de entrar em ação na frente do Ex. foi elevado a perto de 280!

A decisão do comando comportava um sistema de defesa diferente nas duas margens do Meuse.

Sobre a margem esquerda, seu plano era de se manter a todo o custo nas primeiras linhas: a batalha devia se engajar, para a 1^a posição, na 1^a linha. Tambem as Divisões de intervenção deviam alimentar as D. I. da 1^a linha, em seus contra-ataques locais, e daí uma grande densidade em 1^a linha e uma aproximação excessiva das divisões de intervenção: isto explica o maior numero de prisioneiros feitos nesta margem.

Sobre a margem direita ao contrario, o inimigo visou uma manobra defensiva de mais larga envergadura, baseada unicamente sobre o jogo das reações profundas.

Foram previstos contra-ataques para as reservas de D. I. em linha e para a Divisão da intervenção que devia agir em profundidade geral.

Mas a violencia de nossos tiros de destruição sobre as organizações defensivas, a inutilização de numerosas bias., a desmoralização da I. do inimigo, surpreendido pela rapidez do nosso avanço, tudo isto concorreu para que as reações previstas e preparadas não tivessem oportunidade de serem executadas ou fossem executadas tardivamente; os elementos postos em posição para contra-ataques, foram empregados para resistir; os contra-ataques das divisões de intervenção não puderam ser realizados. Com efeito, estas reações previstas a priori só podem ser bem sucedidas, quando lançadas contra um inimigo fóra da ação de sua A. Ora, no caso dum ataque contra um objetivo limitado, isto não acontece. Elas cairam na realidade, em cheio sob o fogo perfeitamente regulado de nossa A. e não obtiveram exito. Parece que os ale-

mães renunciaram a proceder desta manobra durante os ultimos acontecimentos do Aisne, onde, ao contrario do que faziam, acumularam sua defesa nas primeiras linhas.

Deve-se salientar finalmente que, deante da violencia e precisão crescentes de nossos tiros de preparação, o inimigo tende, cada vez mais, a se colocar em terreno deserto e a abandonar as trincheiras pelos buracos de granadas.

Isto deve nos incitar a faser uso, em larga escala, dos sh. e do tiro indireto de metralhadoras.

VII — RESULTADOS OBTIDOS

As perdas inimigas foram consideráveis. Além dos 9.000 prisioneiros capturados (dos quais 1.600 pelo 15º C. A.) pode-se afirmar que varias Divisões foram aniquiladas na frente do Ex. e, todas, de qualquer modo, ficaram desorganisadas e impossibilitadas de continuar a luta, tanto que desde 23 de Agosto, o inimigo foi obrigado a lançar mão de 7 novas Divisões, para poder conservar a frente.

Os dados abaixo permitem, com mais detalhe, fazer uma idéa dos resultados por nós obtidos.

"Extrato do BOLETIM DE INFORMA-

ÇÕES N. 548, de 28 de Agosto,
do II Ex."

"Prisioneiros alemães feitos de 20 a 26 de Agosto de 1917, durante as ultimas operações em VERDUN. + Material capturado".

Durante as operações realizadas de 20 a 26 de Agosto na região de Verdun, o II Ex. fez cerca de 9.200 prisioneiros, dos quais 240 oficiais. Estes prisioneiros pertencem a 16 Divisões diferentes, assim discriminadas:

Na margem esquerda: — 2^a D. Ldw.; 206^a D. I.; 29^a D. I.; 21^a D. I.; 6^a D. R.; 48^a D. R.; 15^a D. B.; 54^a D. R.; 30^a D. I.;

Na margem direita: — 28^a D. R.; 25^a D. R.; 228^a D. I.; 80^a D. R.; 46^a D. R.; 242^a D. I.; 33^a D. R.;

Foram feitos prisioneiros de 42 Regimentos e 83 batalhões diferentes, além de um grande numero de artilheiros, pioneiros, telegrafistas, sinaleiros e praças per-

tencentes aos destacamentos de "Minenwerfer" e de T. S. F.

Certas unidades foram particularmente sacrificadas. Assim:

A 6.^a D. R. deixou em nossas mãos 67 oficiais e 2.801 sargentos e praças;

a 25.^a D. R. deixou em nossas mãos 47 oficiais e 1.150 sargentos e praças;

a 206.^a D. I. deixou em nossas mãos 18 oficiais e 1.074 sargentos e praças;

a 28.^a D. R. deixou em nossas mãos 22 oficiais e 742 sargentos e praças;

a 228.^a D. I. deixou em nossas mãos 14 oficiais e 602 sargentos e praças;

33.^a D. R. deixou em nossas mãos 15 oficiais e 390 sargentos e praças;

a 242.^a D. R. deixou em nossas mãos 7 oficiais e 325 sargentos e praças;

a 48.^a D. R. deixou em nossas mãos 7 oficiais e 311 sargentos e praças.

Os regimentos que deixaram em nossos mãos o maior numero de prisioneiros foram os seguintes:

6.^a D. R.

20.^o Reg. — 31 oficiais e 1.142 sargentos e praças;

24.^o Reg. — 23 oficiais e 1.083 sargentos e praças.

35.^o Reg. — 13 oficiais e 576 sargentos e praças;

25.^a D. R.

168 Reg. — 44 oficiais e 968 sargentos e praças.

206.^a D. R.

4.^o Reg. — 9 oficiais e 561 sargentos e praças;

394 Reg. — 8 oficiais e 376 sargentos e praças.

28.^a D. R.

110 Res. — 11 oficiais e 388 sargentos e praças;

109 Res. — 9 oficiais e 269 sargentos e praças;

228.^a D. I.

35.^o Reg. — 6 oficiais e 269 sargentos e praças.

48.^o Reg. — 8 oficiais e 22 sargentos e praças.

242.^a D. I.

475.^o Reg. — 7 oficiais e 308 sargentos e praças.

33.^a D. R.

364.^o Reg. — 10 oficiais e 244 sargentos e praças.

Além disto, foi por nós apreendido o seguinte material:

2 canhões de 150;
100 " " 105;
16 " " 77;
1 " " 77 de trincheiras;
4 morteiros " 74 " " ;
3 out. can. " trincheiras;
1 canhão Maxim;
1 " " 37;
92 Minenwerfer;
242 metralhadoras;
11 " leves;
12 fuzis metralhador;
13 granatenwerfer;
3 projetores, além de faróis de sinalização, aparelhos telegráficos e um grande n. de fuzis, granadas e munição de toda espécie.

"Primeiras informações dadas pelos oficiais alemães, feitos prisioneiros de 20 a 24 de Agosto, diante de Verdun"

INFANTARIA. — Poucas perdas antes do ataque. O bombardeio de grosso calibre, extremamente violento, revolveu as organizações inimigas. A infantaria deixou as trincheiros e os abrigos para se espalhar nos buracos de granadas. Os prisioneiros declararam que o tiro de grosso calibre é ineficaz sobre as posições constituídas por esses buracos de granadas, quando não é acompanhado por tiros de pequeno e médio calibre, e, particular, por tiros de Sh. Ficam admirados dos franceses não terem executado estes tiros. As Cias. que, apesar do bombardeio, se conservaram nas trincheiras ou abrigos, foram aniquiladas.

ARTILHARIA. — Os tiros de baragem não foram executados, porque as Bias. de campanha foram neutralisadas por gaz toxico. Os tiros da A. francesa sobre as retaguardas foram muito eficazes; as vias de acesso ficaram obstruídas por cadáveres de homens e animais. Um oficial viu, num só local, 28 cavalos mortos.

Alguns dados interessantes sobre a Republica Argentina

PELO CAP. LIMA FIGUEIRÉDO

Instrutor da E. A. O.

Superficie: — A area da Republica Argentina é de 2.797.113 Km².

Em extensão territorial é a terceira potencia americana, seguindo-se logo após ao Brasil que é precedido pelos Estados Unidos.

Situação: — A Argentina goza de uma situação topografica maravilhosa, por achar-se em quasi toda totalidade dentro da zona temperada austral, onde se goza um clima atraente, adequado á saúde do homem da raça branca e á produção das materias alimenticias indispensaveis á economia humana, em virtude das fertilissimas planicies abertas aos ventos humidos do Atlântico.

Sua extensa linha de costas marítimas e fluviais com amplos e seguros portos naturais, obordaveis aos maiores navios, oferece facil acesso até ao interior do seu territorio por não existirem altas cadeias de montanhas, cercando essas exuberantes vias de comunicação, como se observa em quasi todos os paizes sul americanos, inclusive o nosso caro Brasil, onde a Cordilheira do Mar beija o nosso litoral desde o Rio Grande do Sul até morrer com o nome de Borborema no Rio Grande do Norte.

População: — A sua população em 1928 era de 10.630.000 habitantes, o que dá uma densidade de cinco habitantes por quilometro quadrado.

Com a densidade da Belgica, sua população excedia de 750 milhões de habitantes.

Emigração: — De todos os paizes do continente americano é a Argentina que ostenta a mais alta porcentagem em representantes do tipo branco europeu. As tres quartas partes dos habitantes são nativos

ou mestiços por cruzamento de espanhóes, italianos e francêses.

Na zona do litoral é muito dificil se encontrar um exemplar puro dos aborigenes ou de individuos de raça africana.

Entre os estrangeiros residentes na Argentina ocupam o primeiro lugar os italianos.

Na historia da emigração Argentina, podemos citar dois nomes: um — Rivadavia — que se preocupou com a boa imigração européia, chegando a contrair um empréstimo para transportar famílias europeias para colonizar a província de Buenos Aires; outro — Rosas — que fez justamente o contrario: — fechou os portos á emigração européia.

A emigração de 1859 até 1914 se distribue assim:

Italianos	2.283.882
Espanhóes	1.472.579
Francêses	214.198
Russos	160.672
Turcos	136.079
Austriacos	87.008
Alemães	62.006
Inglêses	55.055
Suiços	33.057
Portuguêses	26.394
Belgas	22.960

Os individuos da raça negra, importados da Africa durante o dominio espanhol e que no começo do seculo passado constituiam um nucleo importante, estão em caminho de extinguir-se por completo.

Indios: — Tres raças aborigenes dominavam, na época do descobrimento e conquista: os **pampas**, os **guaranis** e os **quichecas**.

Os pampas se estendiam nas planícies banhadas pelo Prata e o Atlântico até seus confins com os Andes e o estreito de Magalhães.

Divididos em numerosas tribus, foram cedendo palmo a palmo suas possessões aos invasores de raça branca. Faz apenas um quarto de século que os últimos restos dessa raça independente, belicosa e forte, que ainda campeia alguns rincões da Patagônia, se submeteram à civilização.

Os **guaranis** habitavam as margens dos grandes tributários do Prata. Foram os primeiros a aceitar o domínio espanhol, contribuindo com seu labor pacífico a expandir a civilização debaixo do sistema das "encomiendas".

A raça **quichua** estabelecida nos vales e planaltos do centro e nordeste, tinham uma cultura superior às primeiras; após uma tenaz resistência não só ao domínio, como também à fusão com o elemento invasor. Seus reduzidos descendentes, assilados em seu sólo abruto, conservam ainda seus costumes e caráter legendários.

Os aborígenes argentinos somam hoje apenas 40.000 mais ou menos. Habitam os territórios da Patagônia e da Terra do Fogo, os planaltos de Atacama, Jujui, Catamarca e os territórios de Formosa e Chaco.

Ainda hoje no Chaco vivem os **tobas** que formam tribus, estabelecidas nas margens do Rio Pilcomayo, a partir de sua confluência com o Paraguai; os **pilagos** populam o Alto Pilcomayo; os **collages** vivem nas cabeceiras do rio Bermejo; os **matacos** se encontram nas regiões fronteiriças com Salta e Bolívia; os **lanagachela** em Formosa, próximos ao rio Paraguai. Todas essas tribus são nomades e vivem da caça e da pesca.

Os **tehuelches** ou **patagões** habitam as regiões andinas dos territórios austrais. São pastores e se dedicam à caça do avestruz.

Os **onas**, os **alacalufes** e os **yaganes** vivem da caça e da pesca na Terra do Fogo.

Os **yaganes** são excelentes marinheiros e fazem excursões periódicas até as ilhas Avont e Bernavel a 16 milhas do continente em busca de ovos das aves marinhas. Suas embarcações são feitas com uma armação de madeira forrada com o couro do lobo marinho.

Os **alacalufes** habitam a costa e as ilhas a Oeste da Terra do Fogo e se estendiam até aos canais chilenos ao norte da entrada do estreito de Magalhães, no Pacífico.

Origem étnica: — Os conquistadores castelhanos procedentes da Espanha, Perú e Chile, depois de submeter a fogo e sangue a maior parte das tribus indígenas, concluíram por mesclarem-se com elas, dando origem, pelo cruzamento, ao tipo mestiço que formou o principal elemento da população durante os primeiros séculos da conquista e colonização.

O tipo crioulo primitivo se conserva com suas peculiaridades étnicas em alguns pontos da grande Nação. Devido a grande afluência de imigrantes, principalmente a partir do ano de 1853; data em que foi decretada a Constituição que rege a gloriosa nação irmã, o tipo primitivo tende a se transformar, constituindo um novo tipo nacional de pura raça caucasica.

Os colonos europeus se estabelecem de preferência nas províncias do litoral que por isso são as mais populosas, contendo 3/5 do total dos habitantes do país.

As terras para lavoura extraordinariamente fecundas e facilmente abordáveis desde os portos marítimos e fluviais, por uma extensa rede ferroviária, contribuíram poderosamente para o rápido aumento da população do litoral. Sucedeu exatamente o contrário com as províncias andinas e patagônicas que, não obstante sua riqueza, permanecem quasi estacionárias por falta de meios de transporte rápido e econômico.

Instituição pública. — Pela difusão e adeantamento da instrução pública em todas suas categorias, a Nação Argentina

marcha na frente dos países latino americanos.

Durante o ano de 1926 funcionaram em todo o país 10.503 estabelecimentos de ensino primário com uma inscrição de 1.302.534 alunos, sobre uma população total de 1.680.000 meninos de idade escolar (de 6 a 14 anos).

O número de professores é de 45.271.

Cursam as cinco universidades de Buenos Aires, Cordoba, La Plata, Litoral e Tucuman 15.843 alunos.

Exército e Armada. — O exército permanente conta de 50.000 soldados das 5 armas.

Na capital existe um Arsenal Central de Guerra, onde se renova e se constroem grande parte do material que necessita o exército.

Em caso de guerra a nação poderá mobilizar mais de um milhão de homens perfeitamente adestrados e disciplinados.

Funcionam 64 escolas militares nas quais cursam 6.698 alunos e ministram ensinamentos 115 professores.

A marinha de guerra consta de 30 unidades de combate, 14 transportes, 6 avisos, 15 rebocadores de grande potência e 12 navios auxiliares.

Possue três escolas de aviação em San Fernando, Rio Santiago e Puerto Militar.

Vários de seus oficiais estão se especializando no manejo de aviões e submarinos nos Estados Unidos e na Europa.

Em 1929 foi solicitado ao Congresso Nacional um crédito para a modernização, reforma e aquisição de novo material para a armada, figurando vários submarinos e torpedeiras de grande potência ofensiva.

Dívida pública. — A dívida pública de todo o país ascende a três mil milhões de pesos; desta importância corresponde ao Governo Federal 2.222.260 pesos, às províncias 483.383.000 e às diversas municipalidades da república 171.922.000 pesos em moeda nacional.

Vias de comunicações. — O transporte na Argentina é fácil, rápido e barato. Por

isso a prosperidade do país amigo caminha em passos de gigante.

A Divina Providência foi prodiga para com a Argentina, deu-lhe um território plano onde se desenvolvem facilmente as redes ferroviárias que ligam os confins das fronteiras ao litoral. Além disso é o país irmão bem servido pelo Atlântico, o mar mais transitado na atualidade por ser a principal via de intercâmbio mundial, e pelo rio da Prata e seus tributários, pois sabemos que o Paraná e o Paraguai e o Uruguai são navegados até muito além das suas fronteiras.

Os portos argentinos oferecem todas as comodidades modernas. Os principais segundo sua atividade comercial são: Buenos Aires, Rosario, La Plata, Baía Blanca e Mae del Plata, considerados portos de 1^a ordem.

Além dos caudalosos tributários do Prata, existem outros cursos d'água suscetíveis de melhorarem suas navegaibilidades com trabalhos de drenagem e canalização de pouco custo. São eles: o Pilcomayo, o teuco, o Bermejo, o Colorado e o Negro da Patagonia, o Chubut, o Santa Cruz e o Galegos.

As vias ferreas que cruzavam o território argentino, em 1927, em todos os sentidos, atingia uma quilometragem de 37.975 Km. São em sua maioria de propriedade de empresas particulares. Aumentam de ano a ano seu tráfego e sua crescente atividade é o fiel reflexo da prosperidade material da República.

Pelo quadro abaixo se pode ver o desenvolvimento das estradas de ferro por décadas. Esse desenvolvimento acusa a produção agro-pecuniária que é o resultado imediato da abertura de caminhos ferroviários.

1857	10 Km.
1867	577 "
1877	2.262 "
1887	6.868 "
1897	14.997 "
1907	22.045 "
1917	37.077 "
1927	37.975 "

TÁTICA DE INFANTARIA

CONCURSO N. 1

Conforme anunciamos no número de Janeiro, damos inicio, no presente mês, ao concurso de "A Defesa Nacional".

O tema, objéto do presente concurso, deverá ser resolvido na carta da Vila Militar de 1/20.000, que tambem servirá para o estudo dos pequenos casos concretos a serem apresentados no decorrer de 1933.

Os interessados que não a possuirem poderão adquiri-la por intermédio da nossa redação mediante a quantia de dois mil réis (2\$000).

A — SITUAÇÃO GERAL

Um Batalhão que ocupa territorio inimigo tem duas Cias. de fusileiros em BANGU', uma Cia. de fusileiros e uma C. M. B. em REALENGO.

O Cmt. do R. I. que está em ANCHIETA tem o I Btl. empenhado com o grosso das tropas, ao N. dessa localidade e o III Btl. em reserva da D. I. nas proximidades da Estação dessa vila.

B — SITUAÇÃO PARTICULAR

O Cmt. do II/2º R. I., que tem o seu P. C. no edificio da Escola Militar, em REALENGO, em virtude de uma ordem do Cel. Cmt. do 2º R. I., cujo P. C. é na estação de ANCHIETA, dá a seguinte ordem:

P. C. na Escola Militar II/2º R. I. em REALENGO, 1º (primeiro) de Fevereiro, ás 22 h. (vinte e duas).

ORDEM PARTICULAR N. A + 1

Ao Cmt. da 5.ª Cia.

I — O inimigo continua em contacto com as nossas forças. Pequenas patrulhas de Cavalaria inimiga, de quando em vez, conseguem penetrar no interior das nossas linhas. A sua aviação tem sido pouco ativa nesses ultimos dias.

II — Vossa companhia deverá se apresentar amanhã, dia 2, juntamente com duas secções da C. M. B. ao Cel. Cmt. do

Possue a Argentina atualmente 3.778 locomotivas, 3.180 carros de passageiros com 190.636 lugares; 929 carros restaurantes; 80.989 vagões de carga e 7.731 vagões para fazenda. Segundo dados oficiais o tráfego das ferrovias do Estado aumentou de 33.506.829 toneladas em 1914 a 48 milhões de toneladas de carga em 1926.

Buenos Aires está ligada á capital do Chile, Santiago, por meio do Ferrocarril Andino, atravessando a formidável cordilheira dos Andes por um tunel de 3 Km. de comprimento. A viagem entre as duas capitais se realiza em 32 horas.

Assunção, capital do Paraguai, se acha tambem ligada a Buenos Aires por uma estrada de ferro com 1.518 Km. A viagem é feita em 48 horas, havendo baldeação em Encarnação para Posadas, através o Rio Paraná.

Com a Bolivia as comunicações ferroviarias estão realizadas. Ha uma estrada

que liga La Quiaca a Tupiza, e esta ultima cidade á Uyuni e La Paz.

EXPORTAÇÃO EM 1927

Animais vivos	80.343	toneladas
Carnes	902.226	"
Couros	199.658	"
Lãs	156.660	"
Produtos laticínios	36.036	"
Sub produtos do leite	772.701	"
Cereais	15.501.864	"
Trigo	542.579	"
Outros produtos agrícolas	280.408	"
Produtos florestais	364.764	"
Outros produtos	384.737	"
Total	18.722.026	toneladas

Esses produtos renderam 1.008.179.164 pesos ouro,

R. I., em ANCHIETA, ás 10 h. 15 (dez horas e quinze).

III — Comandareis a coluna e disporreis para essa marcha de uma turma de estafetas do Btl. e de uma esquadra de esclarecedores montados, no local e hora que indicardes; ao chegar em ANCHIETA, os esclarecedores incorporar-se-ão ao R. I. e os estafetas regressarão ao REALENGO.

IV — O Cmt. do agrupamento de metralhadoras entrará em ligação com vosco, afim de receber ordens sobre a marcha.

V — Vosso T. C. será reabastecido na estação do REALENGO ás 11 h. 30 (onze e trinta).

(a) Major X.

C — INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

I — A estrada RIO-SÃO PAULO está sujeita a regras de circulação e não permite transito livre entre BANGU' e REALENGO antes das 8 h. 30 a não ser para isolados.

II — A estrada BANGU'-CAPÃO REDONDO - MACEGAL está intransitável devido ás ultimas chuvas.

III — A's 18 h. 30 do dia 1º, o Cmt. da 5ª Cia. recebeu do Major, pela rede telefonica civil, a seguinte ordem preparatoria: "Vossa companhia deverá marchar amanhã, pela manhã".

IV — A's 21 h. recebeu o seguinte telefonema do 1º Ten. Z., da C. M. B.:

"Recebi ordem marchar amanhã sob vosso comando. Tenho tomar varias providencias essa marcha, peço dispensar-me apresentação pessoal".

V — A C. M. B. está acantonada num dos pavilhões da Escola Militar e a 5ª Cia. num dos galpões da fabrica de BANGU'.

D — QUESTÕES PROPOSTAS

I — Que fez o capitão A., cmt. da 5ª Cia., em consequencia do telefonema que recebeu ás 18 h. 30 do dia 1º de Fevereiro?

II — A's 22 h. 40, o Capitão A. recebeu por um estafeta a ordem do Major Cmt. do II/2º R. I. — Que ordens dá?

III — Atendendo ao pedido do Ten. Z., como lhe transmite suas ordens?

CONDIÇÕES DO CONCURSO

1.ª — Mandar as soluções escritas a maquina ou com letra bem legivel.

2.ª — Deixar margem no papel e não escrever no verso do mesmo.

3.ª — Como cabeçario escrever:

CONCURSO N. 1 — nome ou pseudonimo, logar e data.

4.ª — Enviar a solução até **15 (quinze) de ABRIL**.

PREMIO — Um exemplar do RESUMO DA GUERRA DO PARAGUAI pelo Capitão Rafael Danton Garrastazú Teixeira.

Toda correspondencia relativa ao concurso deverá ser enviada com o seguinte endereço:

A Defesa Nacional

CONCURSO

Caixa Postal n. 1.602

Rio de Janeiro

B I B L I O G R A F I A

Recebemos e agradecemos:

DO BRASIL

— Boletim do Museu Nacional.

Recebemos o n.º 4 do vol. VII desta util publicação.

— O Tiro de Guerra. — Julho de 1931 a Março de 1932.

Métodos de instrução — Educação física — Pontos de apoio e Centros de Resistencia — O Código Eleitoral e a Lei do Serviço Militar — A Educação Moral — A instrução militar nos Tiros de Guerra.

Revista Militar e Naval — Janeiro de 1933.

O Desarmamento — O conflito sino-japonez ao alcance de todos — A voz da serenidade — As azas da Italia nova.

DO ESTRANGEIRO

AMERICA

Chile

Memorial del Ejercito de Chile — Fevereiro e Março.

A guerra é o domínio dos perigos — As grandes manobras aereas da Italia — Cavalaria do Exercito na guerra de movimento.

El Salvador

Revista del Círculo Militar — Janeiro e Fevereiro.

Origem e progressos da arte militar — Estão os E. U. preparados para uma guerra com o Japão? — O Exercito e sua moral — A aviação.

Mexico

El Soldado — Março.

O primeiro dever do soldado — O amor á carreira — Granadas de mão e de fuzil.

Revista del Ejercito y de la Marina.

Manobras de pequenas unidades de Infantaria no Exercito alemão — Considerações sobre o material moderno de Artilharia de Montanha — Estudo sumário sobre as diferentes classes de terra — Mobilização industrial.

Perú.

Revista Militar del Perú — Fevereiro.

O dever do oficial na sociedade moderna — A manobra e a batalha de Tannenberg — O curso de artilharia de Poitiers — Educação do soldado.

Revista de la Escuela Militar — Janeiro.

As manobras de 1931 — Reconhecimento de Cursos da Guerra — Serviço de cavalaria em campanha.

Uruguai

Revista Militar y Naval — Janeiro a Abril.

As transmissões e o Comando Alemão durante a guerra do movimento de 1914 — Um regimento de infantaria reforçado em uma ação retardadora — Uma nova obra de Educação Física Nacional — A progressão debaixo do fogo de infantaria — A formação de um oficial de marinha na Espanha.

EUROPA

Espanha.

Memorial de Infantaria. — Abril a Junho.

Estudos sobre trajes de montanha — Direção de fogo de Infantaria — A confe-

rencia de desarmamento — Propaganda em favor do serviço militar obrigatorio — O serviço de informações em um regimento de cavalaria — A Conferencia do desarmamento — O esforço militar serviu durante a guerra — A taquigrafia nas instituições militares.

Memorial de Infantaria.

Agosto — Estudos sobre tropas de montanha (continuação) — Reflexões sobre a organização da infantaria. O serviço de informações no Regimento de Cavalaria (conclusão) — Teoria sobre a soma de potencias do mesmo grão da serie natural dos numeros. — Um pouco de conversa? (charada) científica. — Crónica militar — Notícias militares — Revista de Revistas — Bibliografia.

Setembro — A evolução administrativa na Espanha e seus domínios — Estudo sobre tropas de montanha. A artilharia divisionaria no combate — Micelânea — Conferencia do desarmamento — O conflito chino-japonez — Notícias militares — Revista de Revistas — Bibliografia.

Outubro — Estudo sobre tropas de montanha — A batalha de Tser — Instrução e dotação de material — Micelânea — Crónica Militar — Notícias militares — Revista das Revistas — Bibliografia.

Revista de Estudos Militares — Março e Abril.

Os principais fatores de que resultou o éxito na manobra alemã de Metz em 1870 — A defesa da população civil em tempo de guerra — Métodos modernos de instrução — A guerra química — O novo Ministério da Defesa Nacional em França.

Junho — O logar do soldado — Dosagem do desarmamento — Goethe e a guerra — O serviço de informação — Organização e comando da A. A. A. — De todas as partes — Sumário de revistas — Livros publicados — Temas táticos.

Julho — Considerações sobre a guerra — Os gases de combate — O exército soviético — Russia e Japão frente a frente — Material de A. A. A. — Livros publicados — Sumário de revistas — Temas táticos.

Agosto — Técnica das marchas — O regulamento de fortificação em campanha do Exército alemão — Crónica — Livros publicados — Sumário de revistas e Temas táticos.

ASPETOS GEOGRAFICOS SUL AMERICANOS

PELO CAPITÃO

Mario Travassos

Prefácio de PANDIA CALOGERAS

A' VENDA NESTA REDAÇÃO

E NAS PRINCIPAIS
LIVRARIAS DO RIO